

Fernando Peraza Leal

Dom Bosco e o acompanhamento espiritual dos jovens

Tradução, notas e edição de texto
por Antônio da Silva Ferreira



Conforme Novo
Acordo Ortográfico

2010 © Fernando Peraza Leal

Título original: *El acompañamiento espiritual en Don Bosco.*

Quito (Ecuador), Centro Salesiano Regional de Formación Permanente, 2008.

Todos os direitos reservados:

EDITORA DOM BOSCO
SHCS CR - Quadra 506 -
Bloco B
Sala 65 - Asa Sul 70350-525
Brasília (DF)
Tel.: (61) 3214-2300
www.edbbrasil.org.br

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1. A experiência vivida	7
2. Notas orientadoras para o estudo deste documento	8
3. Voltar ao Oratório primitivo.....	10
DELIMITAÇÕES HISTÓRICAS DO ACOMPANHAMENTO E DA PATERNIDADE ESPIRITUAL	19
1. O mestre de espírito de ontem e de hoje.....	19
2. A direção espiritual na antiga cultura eremítica e conventual.....	20
2.1 Um texto de Dom Bosco	20
2.2 Homens e mulheres “de Deus” a serviço do próximo.....	21
2.3 A caminho da <i>Filocalia</i> , manual de vida contemplativa e de direção espiritual (séculos IV-XV).....	25
<i>A Filocalia e a oração de Jesus</i>	25
3. O “ancião” no contexto monástico.....	28
3.1 No Oriente, um ministério laical (séculos IV-VI)	28
3.2 No Ocidente, fruto do sacerdócio ministerial (séculos VIII-IX).....	30
3.3 Os “médicos da alma” e o valor do discernimento espiritual..	31
4. Inácio de Loyola e Dom Bosco: herdeiros de uma tradição comum na Igreja.....	33

ESPÍRITO, OBJETIVOS, VALORES, ATITUDES, CRITÉRIOS E ESTILO DE ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL EM DOM BOSCO	39
1. Uma experiência educativa e pastoral realizada na vida diária e dentro do ambiente “familiar” do Oratório	39
1.1 Acompanhar e dirigir prevenindo	39
1.2 Espiritualidade salesiana, espiritualidade da ação	44
1.3 Uma espiritualidade sem esquemas prefixados, porém orgânica e inspirada nas condições atuais do sujeito acompanhado e em sua vida.....	46
1.4 Prevenir é caminhar no discernimento	49
2. Grandes horizontes do acompanhamento espiritual em Dom Bosco	51
2.1 Atenção à condição cultural da pessoa	51
<i>Domingos Sávio e Francisco Besucco</i>	52
<i>Visita do sofrimento</i>	53
<i>Pedro Enria e a epidemia de 1854</i>	55
<i>“Momento da Anunciação” na vida do sacerdote Amílcar Bertolucci</i>	57
<i>Fazer companhia</i>	62
2.2 Pedagogia espiritual ancorada na realidade cotidiana	66
2.3 Alegria como singular experiência da espiritualidade juvenil oratoriana	70
2.4 Educação que põe ênfase particular nos aspectos social e do trabalho.....	73
2.5 Sacramento da Reconciliação e da Penitência	75
<i>No começo, uma boa confissão sacramental</i>	76
<i>Relações humanas no sacramento</i>	78
<i>Prazer da amizade com Deus</i>	79
<i>Um confessor estável</i>	81
<i>Célebre capítulo escrito por Dom Bosco</i>	84
<i>Reciprocidade espiritual</i>	85

3. Direção espiritual em Dom Bosco no âmbito da confissão e da consciência pessoal.....	88
3.1 Confessando, Dom Bosco dirigia seus filhos.....	88
3.2 Colóquio interpessoal	91
3.3 Clima comunitário e ambiental próprio da direção espiritual personalizada	94
3.4 Valor da pessoa do dirigido e aptidões do mestre de espírito.....	97
4. Dinamismos da vida espiritual e significado ascético da entrevista formativa.....	99
4.1 Caminho espiritual.....	99
4.2 Processo da vida espiritual.....	102
4.3 Momentos iluminativo, purificativo, unitivo e oblativo da vida no Amor	103
5. Virtudes e valores básicos da vida espiritual.....	109
5.1 Pureza, obediência, humildade e confiança.....	110
<i>A pureza.....</i>	110
<i>Humildade, obediência e confiança.....</i>	117
<i>Consanguinidade espiritual e escola de vida.....</i>	121
5.2 Caminho que conduz ao amor	122
5.3 Dever e vida de cada dia	125
5.4 Atitude fundamental do discípulo.....	127
5.5 “Escola” de espiritualidade	128
5.6 Visão de fé	131
5.7 A piedade	133
5.8 Dimensão mariana da espiritualidade	137
5.9 A paixão apostólica	139
5.10 Frutos do Espírito	141
<i>Assumir sentimentos e virtudes de Cristo, especialmente a predileção pelos jovens pobres</i>	141
<i>Dom Bosco: protótipo da santidade salesiana</i>	143
<i>“Fazer como Dom Bosco”</i>	145

6. Modalidades por meio das quais Dom Bosco ministra a direção espiritual.....	148
6.1 Intervenções gerais e pessoais, fora da entrevista espiritual e da confissão	148
6.2 Lugares e momentos preferidos por Dom Bosco	151
6.3. Relação com João Calosso: episódio emblemático e estilo pastoral.....	156
EPÍLOGO	161
ANEXO	165
A DIREÇÃO ESPIRITUAL NA <i>RATIO FUNDAMENTALIS</i> DA FORMAÇÃO E NO CAPÍTULO GERAL XXIII, DE 1990	165
Bibliografia	169

1. A experiência vivida

A pedagogia salesiana e a direção espiritual fazem parte da formação. Antes de tudo, constituem experiência de vida. Também para Dom Bosco. Mais que autor de tratados ascéticos e pedagógicos, foi pai espiritual e educador.

Porém, também ele conhece e se serve da tradição eclesial que o precedeu. Assim ocorre em relação à grande espiritualidade de Felipe Neri e de Francisco de Sales, de Inácio de Loyola e de Vicente de Paulo, de Afonso Maria de Ligório e de Bento de Núrsia, que lhe entrega todo um precioso saldo do passado eremítico e monacal, juntamente com textos maravilhosos da sabedoria bíblica nos densos, práticos e esplendorosos artigos de sua Regra.

“Apresemos-nos que já amanhece e a Escritura nos convida, dizendo: já é hora de levantar do sonho” (Rm 13,11), e não apenas “abramos os olhos à luz divina, escutemo-la com ouvidos atentos e admirados, porque sem cansar-se nos exorta, dizendo”: “Se ouvés a voz de Deus não endureças teu coração” (Sl 95,8). “Venham, meus filhos, caminhem enquanto têm luz de vida, de modo que não os surprendam as trevas da morte” (Jo 12,35).

Será, portanto, a experiência de Dom Bosco que, permitindo-nos voltar à memória vivificante das origens, fundamentará, por excelência, o tema que vamos desenvolver.¹

Um tema que quer prevenir contra o risco de que os herdeiros de seu espírito possamos ir perdendo de vista não só o significado que tece, desde os albores de nossa tradição carismática, o ministério da direção espiritual, como a memória mesma da pessoa e da mensagem pedagógico-espiritual do Fundador. Sem o que acabaríamos por ignorar, com gravíssimas consequências, a razão de ser de nossa específica presença de testemunho e apostolado na Igreja.

Trata-se aqui de se aproximar de Dom Bosco, por meio de estudo sério, levado adiante com uma sadia análise crítica e com o amor que nos capacita a entrar em sintonia com seu espírito. Isso nos permitirá não só conhecê-lo melhor como também tentar uma interpretação mais de acordo e atualizada da missão que nos identifica com ele na história.²

2. Notas orientadoras para o estudo deste documento

Certamente a leitura deste texto pode-se fazer de forma pessoal ou em grupo. Deve-se ter em conta, porém, que, embora o tema se desenvolva de maneira orgânica, *os diversos conteúdos* são tratados à luz de um ou outro enfoque – pedagógico, formativo, psicológico, ascético, carismático e teológico-pastoral – e, portanto, é bom ir tomando nota:

– das ideias fundamentais, dos princípios e critérios práticos e metodológicos que, numa e noutra parte, se esclarecem e se

¹ Pietro Braido, “Tra i ‘documenti’ della storia: l’esperienza vissuta”. *Ricerche Storiche Salesiane* 1 (1982), p. 74-80. O texto foi tirado de *Regole monastiche d’Occidente*. Comunità di Bose, Magnano (VC), Edizioni Qiqajon, 1989, p. 53-54.

² Raffaele Farina, *Leggere Don Bosco oggi: note e suggestioni metodologiche*. Estrato de *La formazione permanente interpella gli istituti religiosi*. Aos cuidados de Pietro Brocardo. Turim, LDC, 1976, p. 350-354.

destacam, de maneira que possamos ter, com a leitura de todo o livro, uma ideia mais precisa e integral dos temas;

– das perguntas ou questionamentos que se vão suscitando.

São igualmente importantes as referências que se vão fazendo a outras fontes de espiritualidade eclesial que, segundo os entendidos no assunto, convergem também na espiritualidade pessoal de Dom Bosco e na tradição carismática da Sociedade Salesiana.

São valores assimilados e interpretados pelo Fundador com base em sua própria experiência, na qual adquirem novas características e novo significado. É o caso da grande tradição eremítica e monacal do Ocidente, de Bento de Núrsia, em particular. De santos como Inácio de Loyola, Francisco de Sales e Vicente de Paulo, de José Cafasso, seu confessor e mestre. Das correntes de Santo Afonso e de São Felipe Neri, como eram interpretadas na era pós-tridentina, e particularmente sob a Restauração Católica, época que corresponde aos anos dos estudos de João Bosco no seminário de Chieri (1835-1841) e no Colégio Eclesiástico (1841-1844).

Este é um assunto tratado por autores como Massimo Marocchi, da Universidade Católica de Milão; Alberto Caviglia, laureado em Letras, professor universitário da Academia Albertina de Belas Artes de Turim, historiador e admirável intérprete de Dom Bosco; os padres Pietro Stella e Pietro Braido, especialistas em estudos históricos e notáveis catedráticos, e por Francis Desramaut, da Universidade Católica de Lion, França.³

Com frequência, a maneira descritiva de que nos servimos evidencia a práxis espiritual de Dom Bosco. Inspira-se no estilo narrativo usado por ele mesmo em suas *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*,⁴ para expor por meio dos fatos de sua

³ Sobre espiritualidade salesiana, Francis Desramaut tem publicados os livros *Don Bosco et la vie spirituelle* (Paris, Beauchesne, 1967) e o recente glossário *Cento parole chiave* (Roma, LAS, 2001).

⁴ São João Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-*

vida e da vida do Oratório – que foi a síntese primeira, concreta e originária de sua missão e de seu espírito – os desígnios de Deus sobre ele e a maneira como foi dando resposta a esses mesmos desígnios.

Há elementos metodológicos do sistema educativo e da “relação de ajuda interpessoal” que derivam, fielmente, da práxis histórica que parte do mesmo Fundador. Não obstante isso podem ter ressonância significativa na nossa atual visão da realidade, quer em pontos de vista pastorais, antropológicos, ou do saber e da práxis pedagógica contemporânea. São, sim, complexas e urgentes as situações morais e de fé em que se debatem, ante nossos olhos, a identidade cristã e moral dos jovens. Diante delas, para tornar mais eficiente e conforme ao nosso espírito uma práxis espiritual que tem hoje tanta relevância na renovação interior da Igreja e da Família Salesiana, deveríamos nos servir de tudo quanto possa esclarecer melhor esses elementos e permitir uma compreensão e uma tradução prática mais adequada às nossas situações de vida e ação.

Ao empreender estas reflexões e análises, toca ao estudioso e ao investigador – e simplesmente a todo filho ou filha agradecidos a seu pai –, não fazê-lo só intelectualmente. Faça-o com os sentimentos e a abnegação com os quais São João Bosco foi o íntimo depositário das confidências, das lágrimas e das consolações de seus próprios discípulos, e os acompanhou fielmente no abrir-se, sob a ação do Espírito, os caminhos de sua própria vida espiritual.

3. Voltar ao Oratório primitivo

Para tratar deste tema, que bom poderemos imaginar que nos encontramos ao lado de Dom Bosco, no ambiente íntimo do

1855. Tradução: Fausto Santa Catarina. 3ª ed. revista e ampliada aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira. São Paulo, Editora Salesiana, 2005. [Nota do Tradutor]

Oratório, como mais um dos rapazes que depois, num domingo de 1859, fundaram com ele sua Sociedade Religiosa.

Que nos diria Paolo Albera, que desde os 13 anos esteve ali com ele, cresceu ao seu lado e, vendo-o e escutando-o, soube o que era ser salesiano?

Alberto Caviglia chegou a escrever frases como estas:

Salesianidade é ter Dom Bosco por mestre, e ouvir de seus lábios o que ele pensa e quer de nós.

Fazer aquilo de que ele nos deu testemunho e ensinou: isso é a salesianidade!

Temos de nos convencer de que o livro no qual se aprende a ser salesiano é, para nós, Dom Bosco: seu espírito, seus exemplos; a tradição autêntica que vem dele.⁵

Deveras, a vida de Caviglia foi fascinada pela vida e personalidade de Dom Bosco. Um fruto espiritual da *pedagogia espiritual* do santo dos jovens. “Sentíamos que ele nos queria bem e nós queríamos bem a ele. Nesse tempo, éramos 900 meninos e 90 salesianos e formávamos uma só família”, referindo-se à última década da vida de Dom Bosco.⁶

“Vivíamos na presença de Deus, cumpríamos nosso dever e procurávamos agradar em tudo a Dom Bosco”; “Para nós, a alegria era um modo de ser”.⁷

“Além disso, eu fui seu penitente, pois o tinha escolhido como meu confessor”, e soube, portanto, o que era experimentá-lo como *confidente* na interioridade do sacramento.⁸

Certa ocasião, quando era apenas um menino, cantei-lhe uma romanza muito emotiva. Quando subi para beijar-lhe a mão,

⁵ Cf. Aldo Giraud (ed.), *Conferenze sullo spirito salesiano*. Turim, Centro Mariano Salesiano, 1985, p. 115; 87.

⁶ Cósimo Semeraro, *Don Alberto Caviglia*. Turim, SEI, 1994, p. 11.

⁷ Cósimo Semeraro, *Don Alberto Caviglia*, p. 12.

⁸ Cósimo Semeraro, *Don Alberto Caviglia*, p. 13.

Dom Bosco reteve minhas mãos entre as suas, e foi tal a ternura experimentada nesse momento, que não pude conter o pranto. Parecíamos uma só pessoa. A música era, tanto para ele como para mim, a linguagem da alma, e nessa linguagem nos entendíamos perfeitamente.⁹

“Era tudo para nós; sentia-se seu espírito em todas as partes e sua presença, real ou moral, era a de um pai.” Dirigia a comunidade como todo papai o faz em sua família carinhosa. Sua pedagogia era a pedagogia do amor. As boas-noites eram algo muito seu, originalíssimo. Com elas “criava um clima de confiança”. Porém, também conhecia o interior de nossos corações e era também um mestre que nos acompanhava e dirigia. Esta era a base de todo o seu sistema educativo. Aliás, “não se pode entendê-lo como educador e formador de santos se não o conhecemos como confessor dos jovens”.¹⁰

A chave, por exemplo, que usava com Domingos Sávio na Reconciliação era a “da confiança e da obediência”. Por meio destas duas atitudes o adolescente encontrava a segurança e a paz. Era em suma um diálogo entre discípulo e Mestre, uma ajuda recíproca e íntima. Foi nesses momentos que Dom Bosco “revelou a Domingos o caminho da perfeição e o impulso a segui-lo”.¹¹

O itinerário sempre começava com o dever de cada dia. Depois, vinha o compromisso apostólico que ia adquirindo uma dimensão eclesial, como ocorreu com esse adolescente vindo de Mondônio. Então ia tomando perfil o “santo”, como Dom Bosco o imaginava. Pio XI chegou a intuir em Domingos Sávio esse ímpeto e essa projeção universal quando disse, em 9 de junho de 1933, que, na verdade, “apesar de ser tão pequeno *era um grande apóstolo*”.¹²

⁹ Cósimo Semeraro, *Don Alberto Caviglia*, p. 12.

¹⁰ Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco: studio*. In: Pia Società Salesiana (ed.), *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco [...] vol. IV*. Turim, SEI (reimpressão), 1977, p. 82-83.

¹¹ Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco: studio*, p. 84-85.

¹² Cf. discurso do Santo Padre Pio XI, “Domenico Savio eroe della virtù Gli

Mas, antes de tudo, vamos dar uma olhada no âmbito do Oratório. Primeiro Domingos foi influenciando o círculo de seus companheiros. Sabia que Jesus Cristo tinha morrido por eles, ele o dizia. Era sua motivação principal. Logo, todos eram seus “irmãos” e “seus amigos” nessa grande família e a salvação era um empreendimento comum. Deviam ajudar-se reciprocamente.

À imitação de Dom Bosco, efetivamente, no Oratório sentia-se crescer uma impressionante *inquietude* com a salvação dos homens.¹³ “Trinta anos mais tarde, quando a Congregação lançou as missões das terras da América, vivia-se já um extraordinário ambiente missionário e 80% dos salesianos chegaram a sonhar que partiriam para terras estrangeiras”, como narra a crônica da Casa;¹⁴ enquanto Dom Bosco insistia com eles que “começassem a ser ali mesmo, no Oratório, missionários uns dos outros”.¹⁵

Por outra parte, por meio dos sacramentos os jovens iam dando os passos para subir no caminho da santidade, acrescenta sugestivamente Caviglia. A reconciliação era o lugar teológico e ascético mais profundo de sua purificação e de seu crescimento interior. Deveras experimentava-se quase de maneira palpável a invasão da graça neles! Embora ocorressem os contrastes naturais de um ambiente educativo no qual alguns meninos traziam da rua ou dos cárceres seus costumes e sua mentalidade alheia por completo ao ambiente suscitado pelos educadores.

Dom Bosco acena a essa dificuldade que lhe causou não pequenas dores de cabeça. Para alguns que prejudicavam o ambiente mesmo sem querê-lo, Dom Bosco preferiu organizar aulas durante o dia e oficinas que lhes servissem como de terapia

insegnamenti di una giovinezza di Dio”. In: Domenico Bertetto (ed.), *Discorsi di Pio XI*. Turim, SEI, II, p. 917-924.

¹³ Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco: studio*, p. 141.

¹⁴ MB XII, p. 105ss.

¹⁵ MB XI, p. 407.

em suas inquietudes e seus desassossegos sociológicos. Evitava assim que os palavrões deles e as blasfêmias, ou o próprio aspecto descuidado que apresentavam em suas roupas e em seu comportamento, apesar das contínuas correções de seus mestres, influenciassem negativamente na “casa”, onde viviam os internos. Turim era um “formigueiro” desse tipo de rapazes.¹⁶

Porém, por acaso, ninguém melhor que Paolo Albera disse quem era esse Dom Bosco sacerdote com o qual orientou toda a sua vida para um sério compromisso de santidade presbiteral. Ele sabia, por sua própria experiência, como o Fundador desejava que seus filhos percorressem as etapas mais elevadas da vida espiritual e da oração.¹⁷ Por outra parte, diz, tínhamos seu testemunho diante de nossos olhos. Em qualquer momento em que batêssemos à sua porta em busca de conselho, *parecia interromper sua conversa com Deus para nos acolher*. Era, então, evidente que Deus lhe ia inspirando o que tinha para nos dizer. “Sua íntima união com Ele lhe sugeria as palavras que nos ia dizendo e ao escutá-lo, ainda que fosse por breves momentos, nos sentíamos melhores e levados a ser todos do Senhor, embora explicitamente não tivesse falado dele.”¹⁸

Contudo, o que dava a cada coisa seu significado e seu sentido era o amor manifestado em suas atitudes e em suas expressões. Um afeto distinto de todo outro afeto, que nos envolvia como uma atmosfera de felicidade transformadora.

¹⁶ Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco: studio*, p. 586-590. Dom Bosco faz descrições muito realistas do ambiente no capítulo “Dados históricos a respeito do Oratório de São Francisco de Sales”. In: Antônio da Silva Ferreira, *Não basta amar...: a pedagogia de Dom Bosco em seus escritos*. São Paulo, Editora Salesiana, 2008, p. 63-69.

¹⁷ Cf. Paolo Albera, “Don Bosco modello del sacerdote salesiano”. In: *Atti del Capitolo Superiore della Pia Società Salesiana [Atti del Capitolo Superiore...]*, 19 de março de 1921, p. 150.

¹⁸ Eugenio Ceria, *Annali della Società Salesiana [Annali...]* [de 1841 a 1921]. Vol. IV, cap. XXVIII, “Don Bosco attraverso i ricordi di Don Albera”, p. 445. Turim, SEI, 1951.

“Só o saber que ele pensava em nós nos fazia completamente felizes.”¹⁹ Com o tempo, sua imagem foi se tornando mais nítida, e mais significativas suas virtudes.²⁰

Sabíamos que nos observava em silêncio e que estudava nosso modo de ser, nosso caráter “com o mesmo amor com o qual uma mãe pensa no bem de seus filhos”. Ficava encantado por nos ver brincar e tinha gosto em se entreter conosco. Preocupava-se com ouvir-nos, com nos estimular; confiava-nos pequenas tarefas, parecia que vivia para cada um de nós. A proposta vocacional vinha depois de um longo caminho de relações e iniciativas como essas, de modo que era fácil que produzisse seu efeito.²¹

Eram proverbiais suas boas maneiras e sua maneira de tratar, fruto do domínio de si, do sacrifício, da humildade e sobretudo do respeito e carinho que nos desejava expressar. Esquecia-se de si mesmo para pensar nos demais.²² Vivia para fazer o bem. Essa era a linha mestra de sua vida. Porém, nunca perdia a serenidade, porque se tinha abandonado como uma criança nas mãos de Deus.²³

Ele nos reunia, enquanto os outros iam dormir. Éramos poucos e nos sentíamos muito bem ao desfrutar de sua confiança. Então, como um mestre que partilha o mais íntimo de si com os discípulos, mostrava-nos seus grandes projetos. “Tratava-se de *uma escola*, na qual seus ensinamentos produziam em nós uma atração irresistível”, conhecendo como ele era, o que pensava e o que fazia. Suas palavras nos empurravam para novos horizontes e “despertavam em nós o desejo de ficarmos para sempre com ele”. Enfim: “Ele se mostrava feliz porque estávamos a seu lado e nós nos gloriávamos de ser seus filhos”.

¹⁹ Eugenio Ceria, *Annali...*, p. 444.

²⁰ Eugenio Ceria, *Annali...*, p. 446.

²¹ Eugenio Ceria, *Annali...*, p. 447.

²² Cf. *Atti del Capitolo Superiore...*, 24 de outubro de 1920, p. 69-70.

²³ Cf. *Atti del Capitolo Superiore...*, 24 de outubro de 1920, p. 58-60.

Faz mais de cinquenta anos que tudo isso se passou, acrescentava o segundo sucessor de Dom Bosco, e não se apagaram em nós seus ensinamentos e os fatos de sua vida.²⁴

Assim sintetizava, finalmente, o mesmo padre Albera, esse tipo de acompanhamento formativo no qual se “personaliza” a pedagogia espiritual com a qual Dom Bosco animava a vida de seus filhos:

Todo o sistema de Dom Bosco tende a formar vontades capazes de cumprir o próprio dever e de viver com radicalidade os conselhos evangélicos, não por uma pressão externa nem pela força, mas livremente, por amor. Na Congregação somos uma família de irmãos que assumimos os mesmos compromissos e partilhamos os mesmos direitos, e que estamos felizes com a vida que professamos.²⁵

O germe da Regra já estava latente no fundo de seu coração desde quando, sendo ainda menino e rapazinho, começou a entrever em sonhos, que ainda não conseguia entender, sua futura missão. Logo, em Turim, diante da angustiada situação dos jovens mais pobres, intuiu o futuro insondável da missão que Deus lhe queria confiar. Então, viu que sem fundar uma Congregação aquele futuro predito seria impossível. Foi algo tipicamente seu que apenas tomou consciência do chamamento divino, lançou-se, sem duvidar, a secundá-lo. Logo viria a primeira comunidade e a Regra na qual ficou codificada sua experiência, como, a seu tempo, chegam os frutos à planta.²⁶

Para Dom Bosco, a santidade e o apostolado vão intimamente unidos. Antes, “é necessário buscar como ele nossa perfeição religiosa no mais ativo e fecundo exercício do apostolado que nos é imposto pela nossa vocação”.²⁷ A doação ao bem dos demais nos purifica e enche com o fogo da caridade, fazendo

²⁴ Eugenio Ceria, *Annali...*, p. 447-448.

²⁵ Eugenio Ceria, *Annali...*, p. 451.

²⁶ Paolo Albera, *Atti del Capitolo Superiore...*, 24 de outubro de 1920, p. 57.

²⁷ Paolo Albera, *Atti del Capitolo Superiore...*, 24 de outubro de 1920, p. 58.

de nós testemunhas do que ensinamos aos outros. Então nossa vida se torna fecunda.

Na verdade, devemos ser como ele, trabalhadores infatigáveis, ali onde nos colocaram, e empreendedores cheios de recursos para dar respostas o mais adequadas e oportunas que seja possível, ao maior bem que se possa fazer aos jovens em cada lugar. De maneira que conservemos a capacidade de *estar sempre em dia*, que é própria de nosso espírito, o qual exige que, ao mesmo tempo em que colocamos todos os nossos esforços, tratemos contemporaneamente de viver aquela *vida interior* que o caracterizou.

Então nosso coração estará sempre “em Deus”, aceitaremos nossos sacrifícios e sofrimentos por ele e para o bem dos jovens, participando assim de sua cruz. O “paraíso” será a aspiração suprema do nosso coração, e morrer trabalhando pela “salvação das almas até a total imolação de nós mesmos”, nossa característica como salesianos.²⁸

Assim se entende por que padre Felipe Rinaldi, que fez dos ensinamentos paternos a norma viva de seu magistério,

[pedia aos superiores] que revivessem em si mesmos e no ambiente das comunidades a tradição da paternidade espiritual, que, infelizmente, ia se extinguindo, com grave prejuízo das almas juvenis e dessa fisionomia de família que nos distingue na Igreja.

Na verdade, o Diretor se faça tudo para todos, dia e noite.²⁹

Antes está a sua comunidade; antes, seus filhos. Deixe de lado o estudo, a mesma oração, as próprias comodidades, o trabalho, quando o necessite sua comunidade.³⁰

“Não abduquem de sua paternidade espiritual, mas vivam-na!”, acrescentava enfaticamente.³¹

²⁸ Cf. Paolo Albera, *Atti del Capitolo Superiore...*, 24 de outubro de 1920, p. 59-60.

²⁹ Felipe Rinaldi, *Atti del Capitolo Superiore...*, 26 de abril de 1931, p. 942.

³⁰ Cf. *Regulamentos Gerais da Sociedade de São Francisco de Sales*, art. 172.

³¹ Felipe Rinaldi, *Atti del Capitolo Superiore...*, 26 de abril de 1931, p. 940.

Os superiores, todo formador salesiano e acompanhante espiritual, devem sempre ter consciência de que

[...] A *paternidade sacerdotal*, enriquecida com a sabedoria pedagógica do educador, é a imagem mais autêntica de Dom Bosco, “formador e guia espiritual”. Seu ministério é dirigido às pessoas, sobretudo pela confissão e pela direção espiritual, mas é um ministério que se exerce também mediante um projeto e um itinerário e cria um clima, um ambiente, que anima e faz crescer comunitariamente [...].³²

À luz desta tradição de família, passemos agora a tratar alguns temas fundamentais acerca da direção ou acompanhamento espiritual. Temas que nos permitam ir elencando alguns princípios e critérios úteis no exercício deste ministério pastoral ao qual fomos chamados na Congregação.

³² *O diretor salesiano: um ministério para animação e governo da comunidade local* (Roma, 8 de dezembro de 1986). Tradução: Fausto Santa Catarina et al. São Paulo, Editora Salesiana, n. 24.

DELIMITAÇÕES HISTÓRICAS DO ACOMPANHAMENTO E DA PATERNIDADE ESPIRITUAL

1. O mestre de espírito de ontem e de hoje

A “paternidade espiritual” que caracterizou as grandes tradições da cultura religiosa do Oriente e do Ocidente, desde a Idade Média, veio concentrar-se com particular intensidade e plenitude na figura do “mestre de noviços”,³³ com características bastante similares àquelas com as quais o definem as Ordens e os Institutos religiosos modernos da Igreja. É verdade que participam de seus critérios e conteúdos ascéticos e espirituais, em grau diverso, todos os que neles são responsáveis pela formação religiosa,³⁴ como ocorre entre nós com os Diretores, “guias da comunidade e mestres de espírito” nas comunidades locais,³⁵ e com os Inspetores, em suas próprias jurisdições. Deve-se, portanto, levar em conta que os valores substanciais que caracterizam seu “ministério eclesial” estão também implícitos no caráter presbiteral de que alguns estão revestidos.³⁶

³³ José San Roman, Cmf, *Maestros de novicios*. Madri, Publicaciones Claretianas, 2000, p. 28-31. G. Pelliccia - G. Rocca, *Dizionario degli istituti di perfezione*. In: J. Leclercq, “Noviziato: nella storia della spiritualità”. Roma, Edizioni Paoline, 1980. [N. B.: A Idade Média abarca do século V ao século XV.]

³⁴ *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales*, art. 104.

³⁵ *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales*, art. 104.

³⁶ Lendo os seguintes artigos das *Constituições* estes conceitos podem ser precisados e esclarecidos:

*Inspetor, 162; *Diretor, 177: *guia da comunidade e mestre de espírito*, 104.

*Ambos, 45; *Superiores, 65; 66; 67; 70. *Formação: Salesianos, 98; 99; Formadores, 104.

No texto das primeiras *Constituições* (1858), ao “Diretor espiritual” (o “Mestre” de então) pede o Fundador que “cuide de modo especial dos noviços e [que] coloque especial solicitude em que estes aprendam e pratiquem o espírito de caridade e de zelo que deve animar a quem deseja entregar por inteiro sua vida ao bem dos jovens abandonados”.³⁷ Portanto, segundo Dom Bosco, através da experiência apostólica específica, seus noviços deveriam percorrer o itinerário formativo e espiritual da sociedade salesiana.

Vejamus agora, pois, algo desse caudal de dons espirituais, de experiências de Deus e de sabedoria humana, que, atualmente, dentro das diversas circunstâncias geográficas, eclesiais e histórico-culturais, confluem na vocação e no exercício do ministério pastoral e formativo de nossos mestres de espírito.

2. A direção espiritual na antiga cultura eremítica e conventual

2.1 Um texto de Dom Bosco

No capítulo III de sua *Storia ecclesiastica*, na edição de 1871, Dom Bosco traça um esboço denso de significado espiritual daqueles costumes monásticos tão antigos.

*Mestre de Noviços, 110: *guia espiritual que coordena e anima todo o trabalho formativo. Tenha facilidade para as relações humanas e capacidade de diálogo; por sua bondade inspire confiança nos noviços*, 112.

*Pós-noviços, *continuam a experiência formativa do noviciado*, 114.

*Tirocinante: *Acompanhado pelo diretor e a comunidade realiza a síntese pessoal entre a atividade e os valores da vocação*, 115.

*Formadores e Formandos: 103; Formandos na Formação inicial (direção espiritual), 105.

*Formando. Noviço, Regulamentos Gerais, 91. *Processo de crescimento humano, de configuração mais profunda com Cristo, e de renovação da fidelidade a Dom Bosco, na Formação Permanente*, 118, 119.

³⁷ *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales (1858-1875)*. Aos cuidados de Francesco Motto. Roma, LAS, 1982, p. 146.

Ele diz que aquela vida em comum rivalizava com a vida dos mártires. Os monges viviam imersos na oração e no estudo de suas tradições históricas. Para eles, era coisa habitual ver Deus em “seus superiores” e segui-los com assídua obediência. Por isso a união, a caridade e a concórdia fraternas eram verdadeiramente admiráveis. Seu propósito era morrer para as coisas terrenas para buscar as do céu. Antes de tudo, os meios para alcançá-lo foram a vida retirada, a oração, o trabalho e o jejum. Assim mesmo, ocupavam-se em trabalhar o junco e a palma para vendê-los e garantir com seus ganhos escassos as necessidades dos pobres. Era um modo de viver o Evangelho, como o tinham aprendido da vida e das virtudes de Antão, o Abade, desde o século III.³⁸

“A expansão do monacato coincidirá com o final da última perseguição.” Na literatura deixada por pessoas totalmente seduzidas por Deus, como elas, foi se formando, desde muito cedo, um dos maiores patrimônios espirituais da Igreja. As grandes experiências dos mestres, das mestras e de seus discípulos, dos discípulos feitos filhos e filhas daqueles que tiveram pais e mães singulares no Espírito, se traduziam em fatos e expressões sempre cheios de sugestões culturais, ascéticas, religiosas e pedagógicas, objeto de admiração e de respeito para os estudiosos desse tipo de tema.

2.2 Homens e mulheres “de Deus” a serviço do próximo

Além disso, a vida eremítica e monacal e a direção espiritual nunca foram um tipo de vida e de ministério reservado aos homens. Houve também “madres” (“*ammās*”) e uma multidão de anacoretas, além de mosteiros de mulheres e de virgens. Alguns deles reuniram centenas de pessoas e se tornaram centro de irradiação espiritual e de acompanhamento, sobretudo dos seculares, no caminho da perfeição, como aconteceu no Egito.

³⁸ Cf. São João Bosco, *História eclesiástica para uso da juventude*. São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1960, p. 97-98.

“O movimento anacoreta e cenobita foi uma realidade igualitária”, embora estranhamente se contem em alguns catálogos 125 nomes de “pais espirituais”. São quase lendários os de Sara, Sinclética e Teodora, “modelos não só para as mulheres, mas também para os homens”. O famoso anacoreta Piterón, da Tebaida, explicando por que de joelhos pedia a bênção a uma das monjas, dava esta razão às outras irmãs do mosteiro: “Porque tanto para mim como para as senhoras é nossa mãe espiritual”. Zózimo, também abade, dá a Maria Egípcia o nome de “mãe”. Realmente, sua vida, escrita por Soforino, bispo de Jerusalém, foi um dos livros mais lidos e meditados nos mosteiros do Ocidente e do Oriente. Tendo vivido solitária durante sete anos, chegou a converter-se em “verdadeiro ícone de Cristo, pregando-nos mais com o exemplo do que com a palavra”.

Os primeiros mosteiros, fundados por Pacômio por volta do ano 320 na zona meridional do Egito, hospedaram milhares de monges e monjas sob uma mesma Regra. Vinte anos depois, Maria, irmã de Pacômio, instituiu um mosteiro ao qual pertenceram 400 mulheres que uniam à oração e à caridade para com o próximo a confecção de variadíssimas manufaturas para a própria subsistência, inclusive a transcrição de manuscritos. Os monges presbíteros, residentes na outra margem do Nilo, as assistiam com seu ministério. A Sagrada Escritura e, sobretudo, a Salmodia e o Novo Testamento eram a linguagem quase habitual em que se falavam.

Na Tebaida, no Alto Egito, foi notável Talis, chamada de “a mãe”, que chegou a acolher em seu cenóbio 60 moças que se distinguiam por sua maturidade e seu fervor espiritual. Viviam da palavra de sua mestra e tinham feito do mosteiro a sua casa. A 80 quilômetros de Alexandria, o deserto de Nitria chegou a se povoar com mais de 5 mil eremitas, distribuídos em grupos diversos e em pequenas cabanas denominadas celas (*cellia*), como se começou a chamá-las desde então.

Melânia era de linhagem romana. Ficando viúva de Valério Máximo, prefeito da Urbe, buscou também a solidão do deserto da Nitria para se dedicar só a Deus. Estabeleceu-se depois em Alexandria. Surgindo dificuldades nessa cidade africana, vendeu seus bens e os distribuiu entre os cenobitas e os pobres. Logo zarpou para Jerusalém, e no Monte das Oliveiras fundou dois mosteiros. Foi uma mulher excepcional, até intelectualmente. Morreu aos 70 anos e sobre ela escreveram Paládio, historiador, e São Jerônimo. Um amigo deste, chamado Rufino de Aquiles, foi nomeado por ela superior do convento masculino que tinha criado em Jerusalém.

Descendente de Júlio César, Paula, a Maior, foi aparentada com a nobreza romana. Também pertenceu ao grupo especializado no estudo das Escrituras, criado por Marcela.³⁹ Paula, coração eremita, foi notável na sabedoria bíblica. Foi no convento que fundou, em Belém, que começaram a recopilar e transcrever sistematicamente as Escrituras Sagradas.

Ambas eram admiradas por São Jerônimo por causa de suas virtudes e sua cultura. Porém, além disso, Paula se dedicava inteiramente a promover o bem da gente mais miserável e dos peregrinos, dos órfãos e dos enfermos, para quem construiu um albergue na Cidade Santa. Ao morrer, por volta do ano 418, sua neta, Paula, a Jovem, assumiu a obra e a tradição literária e bíblica da avó, quando não tinha ainda chegado aos 20 anos de idade. São Jerônimo diz que ela era uma das “maravilhas” que tinha deslumbrado na Palestina, por suas virtudes e seu saber.

No Oriente Próximo e no Oriente Médio, a mãe e a irmã daquele que seria São Basílio, o Grande, e que precederam a ele

³⁹ Santa Marcela. Conheceu em Roma Santo Atanásio e os dois monges que o acompanharam a Roma. Deles ouviu maravilhosas histórias sobre o deserto, povoado por solitários. Ficando viúva, criou um eremitério em seu próprio palácio, no Aventino. De 382 a 385, foi discípula de São Jerônimo. Quando este partiu para o Oriente, aos poucos a comunidade do Aventino se desfez. Em 410, Marcela presenciou o saque de Roma pelos visigodos de Alarico. Morreu pouco depois.

próprio, abriram um princípio de mosteiro dedicado à leitura e ao estudo da Bíblia, à oração, à vida ascética e fraterna e entregue ao serviço do próximo. Persuadido por seu testemunho e suas palavras, Basílio haveria de suscitar o movimento cenobítico, que se estendeu pela geografia grega e eslava até os confins da Mesopotâmia, bem além das fronteiras de Cesareia da Capadócia, sua sede episcopal, no século IV da Era Cristã.

Porém, lembremo-nos, ao terminar esta sinopse, que os próprios Antão e Pacômio, grandes abades com quem começa a história do monacato oriental, tinham por guias e mestres não sacerdotes e bispos, mas simples anciãos. Seculares, “cheios de experiência e de sabedoria”, que os tinham precedido no deserto.⁴⁰

⁴⁰ Jean-Claude Guy, “Antonio e Pacomio”. In: *Abba, dimmi una parola!* Qiqajon-Comunità di Bose, 1989, p. 126.

VV.AA. *Mujeres que se atrevieron*. Com contribuições de Isabel Gómez-Acebo, María Jesús Muñoz Mayor, María Teresa Pandelet, María del Mar Graña, María de Pablo-Romero, Victoria Howell, Diana Vallescar. Bilbao, Desclée de Brouwer, 1998, p. 56-64.

Carlos Rafael Cabarrús, *Cuaderno de Bitácora, para acompañar caminantes*. Guia psico-histórico-espiritual. Desclée de Brouwer, 2000, p. 35-39.

Antão, Abade, séculos III-IV. Na Tebaida (Alto Egito) fundou os primeiros mosteiros do cenobitismo oriental.

Pacômio, eremita contemporâneo de Antão, além de ter fundado um mosteiro nas margens do rio Nilo, escreveu uma Regra que teve grande influência na organização da vida religiosa primeva.

Basílio, o Grande (329-379), irmão de São Gregório de Nissa, foi bispo da Igreja grega em Cesareia. Sua Regra enfatiza aspectos do espírito de pobreza, como a simplicidade e a humildade (*simplicitas et vilitas*), sinais da “renúncia interior e de pureza de coração”. Com ele se dá a primeira tentativa de uma fundamentação teológica da vida monacal, nas fontes do cristianismo primitivo. No Oriente, sua Regra teve influência semelhante à de São Bento no Ocidente. Também viveu no século IV Paládio, morto em 431, anacoreta autor da *História lausíaca* – ou da vida monástica (*laudo* = deserto povoado por cenóbios, ou seja, de mosteiros femininos) –, na qual descreve a condição da primitiva vida religiosa (Gregoria Penco, *Il monachismo fra spiritualità e cultura*. Milão, Jaca Book, 1991, p. 21).

2.3 A caminho da *Filocalia*, manual de vida contemplativa e de direção espiritual (séculos IV e XV)

Nos escritos nos quais se compilou aquela tradição primeva, vê-se como “a direção espiritual, numa ou outra forma, foi sempre um componente da vida cristã”. Ela voltou a ser “uma das modalidades fundamentais de ‘como se exerce o ministério pastoral’ no mundo contemporâneo”.⁴¹

Trata-se de processos como a conversão, os fenômenos de iluminação interior na “verdade”, do discernimento da vontade de Deus, da purificação, do progressivo amadurecimento no amor e da entrega total da própria vida aos outros, a exemplo de Cristo. Sempre requereram uma “relação de ajuda”, um acompanhamento no caminho, grande abertura de coração e de consciência, confiança, fé, humilde obediência e aceitação do mestre e do pai dessa nova vida que se gerava no coração do crente.

“Acreditar que não se tem necessidade de um conselho é um grande orgulho”, dizia São Basílio, baseado em sua grande experiência.⁴² Somente através da confiança e da escuta que desperta o pai espiritual e sua palavra de vida⁴³ se facilitam a abertura do coração e o discernimento da vontade de Deus e dos caminhos que é preciso tomar, dizia a *Filocalia*.

A Filocalia e a oração de Jesus

É o título original da obra. Isto é, o amor da beleza, e essa beleza é a oração, a chamada oração de Jesus. O livro é o caminho para chegar a essa oração, que é a oração interior, do coração onde vive Jesus.⁴⁴

⁴¹ Joseph Allen, *La vita interiore: la direzione spirituale del cristianesimo orientale*. Milão, Jaca Book, 1996, p. 21.

⁴² Joseph Allen, op. cit., p. 57.

⁴³ Chamado “o Ancião”, na primeira literatura cenobítica (ou monacal).

⁴⁴ Emilio Szuhansky, *La Filocalia e la oración de Jesús*. Buenos Aires, Lumen, 1979.

Uma prática que, passando pelas Igrejas do Oriente, remonta aos Padres gregos da Idade Média bizantina e, indo mais adiante, a Macário e Evágrio – Padres do deserto nos primeiros séculos –, até a comunidade apostólica.

É composta por uma antologia de sentenças e frases dos mestres espirituais do Oriente. Está centrada antes de tudo na *hesychia*,⁴⁵ oração entendida como um esforço para voltar à interioridade do homem, contra todo perigo de dispersão e superficialidade, para encontrar, no mais profundo de nós mesmos, essa presença viva.

Precisamente, o passo definitivo não é permanecer no recolhimento e no silêncio, mas sim encontrar o próprio Jesus e caminhar com Ele, repetindo seu nome com amor, para encontrar em tudo a vontade de Deus, conscientes de nossas limitações e dos obstáculos naturais para encontrá-la. O coração do peregrino é um coração aberto à misericórdia e ao perdão. Sua inspiração está nas Sagradas Escrituras. Os Padres do deserto aprenderam com Antão não a temer a Deus, mas sim a amá-lo e a estar onde estava Deus.

A frase sintética que levou à contemplação a multidão dos orantes é esta: “Jesus, Filho de Deus, tem misericórdia de mim”.

A *Filocalia* foi tomando forma do século IV até o século XV. Parte dos ensinamentos de Santo Antão Abade e das vidas e do magistério de grandes homens espirituais, como Teodósio, o Cenobita (séc. V-VII), Paulo de Latros (955), Gregório, o Sinaíta (1255-1346), Simeão, o Novo Teólogo (917-1022), Calixto e Inácio Xanthopoulos, do final do séc. XIV etc. Fizeram todo o caminho da oração vivendo, escutando seus guias e pais espirituais; nada se fez sem eles.⁴⁶

⁴⁵ Alberto Rambla Mihalaret, “La hezychia o el camino de la oración del corazón”. In: *Peregrinos de la intimidad con Dios*. Madri, Narcea, 1981, p. 77-133.

⁴⁶ VV. AA., *Amore del bello: studi sulla filocalia*. Magnano, Qiqajon-Comunità di Bose, 1991. Com trabalhos de Tomás Spidif, Kallitos Ware, Emmanuel Lanne,

É clássico o caso do *Peregrino russo*, sedento de conhecer o modo de “orar sem interrupção”, como ensinava São Paulo aos tessalonicenses (5,17), e apaziguar assim a “sede inextinguível de Deus” que o movia. Seu coração não descansou até que, encontrando o “ancião” que lhe ensinou a oração interior e colocou em suas mãos a *Filocalia*, como “o melhor tratado de vida espiritual e contemplativa” de então, acertou definitivamente o itinerário de sua vida de fé.⁴⁷

Escalar uma montanha desconhecida sem guia é um risco que pode nos custar a vida, escreve Thomas Merton, um dos grandes mestres espirituais contemporâneos.⁴⁸ Em outro lugar acrescenta que “o homem mais perigoso do mundo é o contemplativo que não tem ninguém que o conduza”. Sempre está propenso à presunção, à temeridade e ao engano.

Pelo contrário, os antigos sabiam que a maior segurança nas coisas de Deus é a da experiência. Isso explica o papel preponderante e decisivo dos anciãos desde a época dos eremitas e das primeiras comunidades de vida religiosa, ou cenóbios, no século IV.⁴⁹ “Ninguém deveria temer abrir-se por completo a quem já estava familiarizado com a estrada, e que, portanto, conhecia perfeitamente o caminho.”⁵⁰

É importante ver como os monges orientais insistiam repetidas vezes com seus inexpertos discípulos sobre o “perigo de viajar sem um guia, porém nunca falaram de obedecer cegamente a ele, nem de se criar dependências deste” que impedissem a autonomia da própria pessoa.

Antonio Rigo, Gerhard Podskalky, Enrico Morini, Samar Kalil Samir, Michel Van Parys e Sophia Senyk.

Giocondo Pagliara, *Maestro de la contemplación*. Madri, Narcea, 1984, p. 33-34.

⁴⁷ *El peregrino ruso*. 5ª ed. Madri, Editorial de Espiritualidad, 1982.

⁴⁸ Thomas Merton, *Semi di contemplazione*. 7ª ed. Milão, Garzanti, 1955.

⁴⁹ Joseph Allen, op. cit., p. 58.

⁵⁰ Joseph Allen, op. cit., p. 63, nota 71.

As diretivas e os critérios não eram algo arbitrário. Ouvir (*ob-audire*) o mestre implicava uma atitude de discernimento no discípulo. Ao discernimento se chegava através do diálogo. A veracidade da palavra do ancião se apoiava em seu exemplo. Muitas vezes, não era preciso que falasse, bastava olhá-lo. Era o imprescindível.⁵¹

Cada ano, três padres costumavam ir visitar o beato Antão; dois deles se entretinham perguntando-lhe muitas coisas acerca da salvação; o terceiro sempre permanecia calado, observando-o. Depois de algum tempo, Antão lhe disse: “Faz tempo que me vens ver e não me dizes nada”. Ele respondeu: “A mim, meu pai, é suficiente olhar para ti”. Era, sem dúvida, o melhor discípulo e o melhor de seus filhos.⁵²

3. O “ancião” no contexto monástico

3.1 No Oriente, um ministério laical (séculos IV-VI)

André Louf esclarece que, na linguagem dos Padres, chama-se “ancião” a quem, por uma provada experiência e por longos tempos de discernimento, de estudo e de oração, “tornou-se destro nas coisas de Deus”. É um termo bíblico que encontra seu correspondente aramaico na exclamação “*Abba, pai*”, com explícita alusão ao “Pai” de quem Cristo e o “abade” são imagens.⁵³

A experiência, o testemunho, o amor e a palavra o transformam em “mestre” e “pai”. A ambos foi dado o dom de conhecer

⁵¹ Aldino Cazzago, “Prefazione”. In: Joseph Allen, *La vita interiore: la direzione spirituale del cristianesimo orientale*. Aos cuidados de Aldino Cazzago. Milão, Jaca Book, 1996, p. 14-15.

⁵² “Antonio”, 27. In: Lucien Regnault, “Padri sempre vivi”. In: *Abba, dimmi una parola!* Qiqajon-Comunità di Bose, 1989, p. 47.

⁵³ André Louf, “La paternità spirituale”. In: *Abba, dimmi una parola!*, p. 92. *Ibid.*, p. 59.

Algumas citações bíblicas: Atos dos Apóstolos 11,30; 14,23-28; 15,2.4.6.22; 20,17; 1ª Carta de Timóteo 5,17; Carta de Tito 1,5; 1ª Carta de Pedro 5,1.

os corações e de acompanhar a obra de Deus neles. Porém, o pai é tal enquanto gera o filho na fé, por meio da palavra que vivem e que partilham.

A tradição do ministério espiritual dos anciãos remonta, segundo estudiosos como Ivan Kontzeczitch,⁵⁴ à idade apostólica, porém se institucionalizou no Egito, entre anacoretas e cenobitas, depois da paz constantiniana de 313. O abade Antão (251-356) e Pacômio (292-346), o primeiro grande cenobita, eram leigos e foram discípulos de anciãos seculares, cheios de sabedoria, que os tinham precedido no deserto.⁵⁵ “Assim, o deserto do Oriente gerou o monacato, uma vocação essencialmente leiga.”⁵⁶

Os contatos dos discípulos com eles levavam a uma metanoia, à conversão da mente e da vida. Uma transformação radical que era fruto, diz São João Clímaco, da esperança cristã, pois somente a opção radical por Cristo não frustra as aspirações e inquietudes transcendentais do ser humano.⁵⁷ Era um dos aspectos do profetismo do mestre de espírito. Essa mudança era possível porque Deus atuava por meio dessas humildes mediações humanas.⁵⁸

Exortar e confortar, juntamente com seu apostolado específico do serviço de guia, foram características dos anciãos conscientes de ter recebido esses dons com o Batismo. Nascia no Oriente a direção espiritual sistemática do monacato e nele criava raízes como uma especialidade própria dos monges.

⁵⁴ “Eldership”. In: *Epiphany Journal*. 1989, p. 35-44 (Joseph Allen, op. cit., p. 35).

⁵⁵ Jean-Claude Guy, op. cit., p. 126-127. O anacoreta é o monge solitário; o cenobita vive em comunhão com discípulos, ordinariamente “ouvintes” de um mesmo mestre.

⁵⁶ Joseph Allen, op. cit., p. 36.

⁵⁷ Joseph Allen, op. cit., p. 35.

⁵⁸ Ivan Kontzeczitch, op. cit., p. 36. O autor cita São Paulo aos Efésios (4,11) e a 1ª Carta aos Coríntios (12,28).

3.2 No Ocidente, fruto do sacerdócio ministerial (séculos VIII-IX)

No Ocidente, foi de outra maneira. Dirigir espiritualmente era ministério conferido pela ordem sacerdotal e se reduzia à confissão e à absolvição sacramental.

Por volta dos séculos VIII e IX se impôs a necessidade de um acompanhamento mais especializado e demorado. Os bispos e presbíteros, que tinham começado a interessar-se por seguir mais cuidadosamente a vida espiritual dos fiéis, se viram limitados para isso pelas crescentes responsabilidades administrativas e pastorais exigidas pela organização das Igrejas locais. Dada esta urgência, “o ouvir as confissões se tornou, então, assunto quase exclusivo dos monges”.

Não obstante, o ministério da direção espiritual continuava a se difundir entre o clero secular, não já como uma obrigação do sacerdócio ordenado, mas como um carisma particular. Continuou em fermentação, ao menos em Constantinopla e em outros setores da Ásia Menor, de modo que desde o século XIII a direção espiritual pertencia ao ministério ordinário dos presbíteros.

Depois, na época moderna, a partir de 1800, se impôs no Ocidente a tendência teológica e pastoral segundo a qual o que especificamente caracterizava os presbíteros em seu ministério eram a confissão e absolvição dos pecados. Ao passo que no Oriente, e particularmente no cristianismo russo, ao sacramento da Reconciliação continuou unido o acompanhamento espiritual, e se tornou habitual a presença de “homens espirituais”, presbíteros ou leigos, monges ou membros do clero secular, dedicados ao acompanhamento de seus irmãos na fé.⁵⁹

⁵⁹ Joseph Allen, op. cit., p. 37-38. Francis Desramaut trata o tema da “sacerdotalização” da direção espiritual em sua comunicação *Note sulla direzione spirituale nei tempi moderni*, no colóquio sobre a vida salesiana, realizado em Cison de Valmarino, Treviso, de 22 a 27 de agosto de 1982. Cf. *La direzione spirituale*. Leumann-Turim, Elledici, 1983, p. 32-34.

3.3 Os “médicos da alma” e o valor do discernimento espiritual

Secular ou presbítero o ancião tinha, em geral, um ministério de cura, que os fazia médicos da alma. O ancião era o especialista por excelência.

O sacerdote, por sua vez, absolvía dos pecados. Porém, escutava com paciência, diagnosticava junto com o paciente sua doença ou sua fragilidade e seus desejos, e acompanhava. Era reconhecido como um ancião. E gerava discípulos na fé, era pai.

Uma cura interior não se encerrava de todo se a relação entre discípulo e mestre não chegasse a ser uma verdadeira amizade. Era o que dizia a experiência dos monges: “O diretor espiritual, efetivamente, não era para eles um mestre de técnicas espirituais, mas sim um pai que ajudava a crescer na vida interior por meio da oração, da atenção e do cuidado pastoral de seu filho”. E um amigo, se cresciam no diálogo recíproco com seu pai, partilhando feitos e sentimentos profundos, nos processos de amadurecimento pessoal na vida.⁶⁰

Porém, o ministério de cura não esgotava o ministério da direção espiritual. Era somente o começo. O processo continuava, logo, como um caminho interior, que se fazia em comum, buscando a plena “deificação” do discípulo. Deificar-se era, em outras palavras, crescer no amor, sendo Deus: “O Amor”.

Mediante a contemplação do Senhor Jesus, ia se passando do melhor conhecimento de si mesmo à confiança Nele. Da iluminação que ia revelando o mistério da vida no Espírito às opções e às atitudes práticas de vida cristã. Das renúncias aos lucros: aquisição de atitudes evangélicas, crescimento na cari-

⁶⁰ Kenneth Leech, *Soul friend*. São Francisco, Harper & Row, 1977, p. 41 (Joseph Allen, op. cit., p. 63).

dade e na misericórdia. Em suma: da “imitação” à “semelhança com o Senhor” que, como dizia São Paulo, era já Ele mesmo, a Vida.⁶¹

O fio condutor era o *discernimento*. Sem ele, dizia João Cassiano⁶² a seus discípulos, nenhuma virtude pode durar ou enraizar-se até o fundo, porque o discernimento é a mãe de todas as virtudes.⁶³

O monge devia pedir ao Senhor que lhe concedesse o guia espiritual de que ele necessitava. Os companheiros de um jovem monge insinuavam a ele que fosse mestre e pai deles. Um dos velhos mestres insistia com esse jovem: “A ti, antes de tudo, corresponde dar o exemplo”, e logo Deus te dará discípulos e filhos.⁶⁴

Olhar atentamente para o “mestre” levava os ouvintes de sua palavra a aprender, no silêncio sua vida, a própria vida em Deus e fazia com que os discípulos buscassem um pai, como aconteceu com Antão, o primeiro eremita. Para experimentar essa paternidade os discípulos queriam permanecer com ele. Esta foi a origem do cenóbio. Já não bastava vir visitá-lo esporádica ou periodicamente, mas, sim, permanecer com ele.

A vida eremítica primitiva se desenvolvia em torno do mestre, segundo a práxis ensinada por Antão. Porém, o monge continuava sua experiência de solidão com Deus.

O mosteiro pacomiano, por sua parte, foi inspirado pela necessidade de uma “vida comum”. Ambas as modalidades coexistiram no começo da experiência monacal.⁶⁵

No mosteiro, a palavra “abade” adquiriu todo o seu significado. Foram os monges coptas que assumiram o termo

⁶¹ Joseph Allen, op. cit., p. 44-53; 62-74; 67.

⁶² João Cassiano (360-430) é um dos maiores representantes do monacato ocidental. Viveu sobretudo em Marselha, França.

⁶³ “Philokalia”, I.18. In: Joseph Allen, op. cit., p. 53, n. 40.

⁶⁴ Joseph Allen, op. cit., p. 65. In: *The desert christian of the desert fathers*. Nova York, 1979, p. 160.

⁶⁵ Joseph Allen, op. cit., p. 63, nota 72; p. 65, nota 80.

abade para dar o nome adequado a seus mestres. Recordavam as atitudes de Cristo para com seu “Pai”⁶⁶ e a ação deste no coração do discípulo, por meio do Espírito, para modelar no “filho”, por meio da purificação e do amor transformante, as feições de Cristo.⁶⁷

4. Inácio de Loyola e Dom Bosco: herdeiros de uma tradição comum na Igreja

Thomas Merton, analisando a história dos monges, constata que a paternidade chega como uma “graça”, e consiste em gerar a vida do Espírito em um discípulo. O filho era mais que um discípulo. Não somente observava, escutava e aprendia, mas “alimentava uma particular relação de amor ‘filial’ com ‘seu pai’, como já o dissemos”.⁶⁸

Esta foi a mais significativa relação que chegou até nós na práxis e na palavra de nossos fundadores. Santo Inácio de Loyola e Dom Bosco foram chamados por seus discípulos de “pais” e falaram mais de sua paternidade que de seu magistério. Estes não sabiam, efetivamente, conversando entre eles, quem Santo Inácio amara com maior predileção. Frase que da mesma maneira se diz de Dom Bosco.⁶⁹

⁶⁶ Lucien Regnaut, *La paternità spirituale nel deserto*, p. 44-45. Antanásio de Alexandria, *Vita di Antonio, apophtegmi, lettere*. Aos cuidados de L. Cremaschi, Roma, 1984, p. 27.

Nota: Apotegmas são ditos breves ou sentenças espirituais.

⁶⁷ Marcos 14,36; Carta aos Gálatas 4,6; Carta aos Romanos 8,14-17; Lucien Regnaut, *La paternità spirituale...*, p. 45-46.

⁶⁸ Joseph Allen, op. cit., p. 66, nota 82.

⁶⁹ Cândido de Dalmases, *El padre maestro Ignacio*. Madri, BAC popular, 1982, p. 220.

Isso não impede que padre Luís Lasagna, com uma pontinha de ciúme, e fazendo alusão ao apóstolo São João, escreva a dom João Cagliero: “[Dom Bosco] para o próximo ano o espera infalivelmente. Pobrezinho, não pode estar longe de seu predileto filho, dom Cagliero” (Luigi Lasagna, *Epistolário...* vol. II - 1882-1892. Roma, LAS, 1997, p. 302, linhas 14-15).

“Padre Inácio não gostava de autoritarismos; tudo era nele moderação e suavidade. Nem quando falava nem quando escrevia notava-se nele um gesto marcado de superioridade. Ele era o servo de todos os de casa, o escravo dos enfermos e de quantos precisavam de alguma coisa.”⁷⁰ Diz Ribadeneira que “mostrava esse amor não impondo a seus filhos cargas maiores do que podiam levar bem”.⁷¹

Recordemos a Regra beneditina! E como Bento de Núrsia se introduz nela pedindo que escutem seus preceitos com os ouvidos do coração e que saboreiem os conselhos de um pai amoroso! O abade devia adaptar-se ao modo de ser e à condição de irmão; levar em conta sua “fragilidade” e lembrar-se de que uma cana maltratada se rompe.⁷²

Também coincidem, tanto Dom Bosco como Inácio, com São Bento, em que ambos quiseram suscitar em seus discípulos uma “escola”, uma corrente de pensamento e de vida que prolongaria o que tinham vivido com eles. Um modo de ser e de transmitir sua identidade carismática e institucional na Igreja, aprendendo mais do testemunho e da vida partilhada que dos ensinamentos verbais.

⁷⁰ Ricardo Garcia-Villoslada, SJ, *San Ignacio de Loyola: nueva biografía*. Madri, BAC, 1986, p. 1033.

⁷¹ Pedro Ribadeneira foi o primeiro dos biógrafos de Inácio. A edição latina da vida escrita por ele aparece em Nápoles, em 1572 (*Obras completas*. Transcrições, introduções e notas de Ignacio Iparraguirre y Cândido de Dalmases, jesuítas. Madri, BAC, 1982, p. 5; 59).

⁷² Acerca de São Bento, Joan Chittister, beneditina, faz uma significativa exegese dessas passagens no capítulo “La regla de San Benito: vocación de eternidad”. In: *Cual debe ser el abad o la priora*. Santander, Sal Terrae, 1992, p. 45-59. Sobre essa sabedoria do abade ou da abadessa que cuidam de seus filhos e filhas, sem exceder-se na obediência e sempre buscando ser “mais amados que temidos”, há alguns artigos muito expressivos da Regra: capítulo 2,30-32; capítulo 64,13-22. Com os enfermos, no capítulo 48,24-25 (“Regola di S. Benedetto”). In: *Regole monastiche d’Occidente*. Magano, Qiqajon-Comunità di Bose, 1989, p. 54-137).

Para todos eles isso era lógico e possível, porque todos foram “pais”, e todos tiveram a convicção de o ser. Isso significava “abade” para eles e os três tiveram mais que um mosteiro de uma estrita observância, uma “casa”, que em linguagem semítica se denomina “abadia”.

Porém, há alguma coisa que aproxima muito Bento de Núrsia a Dom Bosco no capítulo 27: que o “pai” seja “pastor de seus filhos” à imagem de Cristo. Responda pelo bem ou pelo mal do “rebanho”, e faça tudo como Cristo o faria, também saindo atrás da ovelha perdida, até achá-la, “sem nunca abandonar o amor”, e trazendo-a cheio de gozo, nos ombros, ao devolvê-la ao aprisco.⁷³

Já o dizia explicitamente o padre Rinaldi:

Dom Bosco, mais que uma Sociedade, queria criar uma família fundamentada quase exclusivamente na paternidade suave, amável, vigilante do Superior e no afeto filial e fraterno dos irmãos; mais ainda, mantendo o princípio da autoridade e da correspondente dependência, não desejava ver distinções, mas igualdade entre todos e em tudo.⁷⁴

Expressava-o também, enfaticamente, aos estudantes de teologia na Crocetta, durante a abertura do ano acadêmico de 1913:

Vieram estudar teologia, porém livros de teologia se podem consultar nas bibliotecas. Aqui se trata de aprender a teologia viva; isto é, a vida prática salesiana. Nesta casa todos são salesianos: haverá diferença de cargos, porém não de espírito. Deve ser Jesus quem manda e Jesus quem obedece. Em suma, quero recomendar-lhes aquilo que era comum no tempo de Dom Bosco: a relação entre pais e filhos. Esta é uma característica da Congregação. Dom Bosco era o pai para seus filhos e lhes entregava por completo seu coração: consolos e desgostos; era, na verdade, uma vida de família. Ia-se a ele com liberdade e clareza de ânimo [...]. Devemos sentir-nos como em nossa própria casa.⁷⁵

⁷³ *Regula Monasteriorum*, capítulo XXVII.

⁷⁴ ACS, 24 de janeiro de 1924, p. 179.

⁷⁵ Eugenio Valentini, *Don Rinaldi maestro di pedagogia e di spiritualità salesiana*. Turim-Crocetta, Istituto Internazionale Don Bosco, 1959, p. 29-30.

Porém, não era só a vida religiosa que tinha estas características, era toda a educação salesiana:

A casa-família foi o ideal de Dom Bosco e ele teria querido que os seus Institutos tivessem todos a esta por base: não queria o colégio com um sistema militar, mas com um sistema familiar. Todo o esforço de sua vida foi recolher em torno a si os meninos, quais fossem seus filhos.⁷⁶

Os novos alunos encontravam nela algo daquela intimidade familiar que se evoca quando pensamos em nossos próprios lares, esclarecia padre Alberto Caviglia. Assim era no princípio!⁷⁷

E precisa em outra circunstância, citando uma carta de Dom Bosco a Tiago Costamagna, de 10 de agosto de 1885: “Nunca castigos penais, nunca palavras humilhantes, não repreensões severas na presença dos outros. Mas nas aulas soem as palavras doçura, caridade e paciência”.⁷⁸ A dom Cagliero: “Caridade, doçura e paciência; jamais repreensões humilhantes, jamais castigos, fazer o bem a todos, o mal a ninguém. Isso vale para os salesianos no tratar-se reciprocamente, entre os alunos, externos ou internos”.⁷⁹ O salesiano sem bondade não é salesiano.⁸⁰

“Quisera que cada um de nós tivéssemos em mãos o texto da Regra de São Bento: é um texto salesiano por excelência.” Efetivamente me atrevo a dizer, falando de espiritualidade, “que mil e quinhentos anos atrás Dom Bosco se chamava Bento de Núrsia e São Bento em 1854 se chama Dom Bosco: “*Discat*

⁷⁶ Eugenio Valentini, *Don Rinaldi maestro...*, p. 28; cf. também L. Larese-Cella, *Il cuore di don Rinaldi*. Turim, Berruti, 1952, p. 179.

⁷⁷ Cf. Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco: studio*, p. 68.

⁷⁸ “Carta ao Padre Tiago Costamagna, 10 de agosto de 1885”. In: Antônio da Silva Ferreira, *Não basta amar...* São Paulo, Editora Salesiana, 2008, p. 103.

⁷⁹ “Carta a Dom Cagliero, 5 de agosto de 1885”. In: São João Bosco, *Epistolario di San Giovanni Bosco* (1835-1888). 4 vols. Edição crítica aos cuidados de Eugenio Ceria. Turim, SEI, p. 328.

⁸⁰ Cf. Alberto Caviglia, *Conferenze sullo spirito salesiano*. [Turim] Le compagnie del Istituto Internazionale Don Bosco [1953], p. 9.

abbas prius amari quam timeri” (Que o abade se faça amar antes que temer).⁸¹

Em frase sintética de Peter Van Der Meer de Walcheren: “Em amar e deixar-se amar consiste o espírito beneditino”. Para São Bento, nada valia tanto como o amor.⁸²

Se Dom Bosco tinha clara consciência de sua identidade sacerdotal, também a tinha de sua paternidade espiritual. “Chamem-me sempre de pai e serei feliz!”, dizia.⁸³ Em verdade, observa padre Rinaldi, “sua vida não foi senão paternidade”.⁸⁴

Porém, também Dom Bosco, à maneira do santo fundador dos beneditinos, foi solícito em conservar e infundir as tradições nas quais se plasmava o seu espírito e, como aquele, fundamentou no amor e não no medo sua pedagogia espiritual, seu Sistema Preventivo e a convivência familiar de nossa vida religiosa.⁸⁵

⁸¹ Alberto Caviglia, *Conferenze sullo spirito salesiano*, p. 115.

⁸² Peter Van Der Meer de Walcheren, *Benito de Nursia*. Buenos Aires, Ediciones Carlos Lohlé, 1955, p. 73-78.

⁸³ MB XVII, p. 175.

⁸⁴ ACS 1931, p. 940. Cf. Pietro Brocardo, *Maturare in dialogo fraterno*. Roma, 1999, “Paternità”, p. 106-108; “Famiglia”, p. 108-110.

⁸⁵ Walter Nigg, *Benito de Nursia*. Santander-Espanha, Sal Terrae, p. 45-50; Alberto Caviglia, *Conferenze sullo spirito salesiano*, p. 115.

ESPÍRITO, OBJETIVOS, VALORES, ATITUDES, CRITÉRIOS E ESTILO DE ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL EM DOM BOSCO

1. Uma experiência educativa e pastoral realizada na vida diária e dentro do ambiente “familiar” do Oratório

Dom Bosco foi o sacerdote educador daqueles pequenos de seu Oratório, entre os quais alguns chegaram a ser, mais tarde, os primeiros “sócios da Sociedade Salesiana”.

Tinha essa vocação como presbítero. Achou, sobretudo no ministério da “confissão sacramental”, o lugar por excelência para chegar ao coração de seus discípulos e para conhecer tanto a realidade de seus estados de consciência, as intenções e as motivações profundas que impulsionavam suas vidas como suas limitações e seus riscos.

Porém, a confiança com a qual seus penitentes dele se aproximavam e a incidência positiva de suas intervenções na vida espiritual dos jovens e seus primeiros religiosos dependiam por sua vez do ambiente da “casa”, onde ele era pai, irmão e amigo próximo e solícito.

1.1 Acompanhar e dirigir prevenindo

Dessa maneira, o santo educador aprendeu, por meio da experiência, a arte de “acompanhar” e “dirigir” a vida espiritual

de seus filhos,⁸⁶ a partir sobretudo desses “encontros confidenciais” de sinceridade, de escuta e de obediência, nos quais eles se abriam e manifestavam até seus segredos mais ocultos.

Dom Bosco seguia com grande atenção e cuidado tanto os processos da vida moral e a correção de seus defeitos como os itinerários formativos de superação e de plenitude humana e espiritual. Eram caminhos marcados pela amizade com Jesus Cristo e com a Virgem, pelos deveres da vida ordinária e pela caridade para com os demais.

“Acompanhar” era para ele uma necessidade do amor pastoral e educativo próprio de sua vocação. A “assistência” era um acompanhamento educativo. O educador devia sempre amar seu educando. E porque o amava devia prevenir seus riscos e perigos, sabendo que já no coração do adolescente era possível que se notassem as primeiras atitudes pecaminosas.

Esse âmbito era “competência” do “confessor educador” ou do “pai espiritual”. Eles deviam ganhar, compreensiva e pacientemente, uma confiança ilimitada por parte de seus educandos ou penitentes. Era a sabedoria pastoral e educativa que inspirava tais atitudes e comportamentos, motivados pela fragilidade e inexperiência do jovem e pela própria responsabilidade de “mestre” que, por vocação, se sentia chamado a ser não somente espectador, mas, sim, ajuda oportuna, sustento e guia no caminho de seus educandos e “dirigidos”.

Logo, à medida que as energias latentes na pessoa e as que comunicava ao crente a ação do Espírito se iam manifestando, os aspectos assistenciais e protecionistas que podiam ter sido imprescindíveis deixavam o devido espaço à própria autonomia

⁸⁶ Fernando Peraza Leal, *Discernimiento, asesoría, animación y dirección espiritual*. Quito, CSRFP, 1996: “El acompañamiento, como relación de ayuda, constante del discernimiento espiritual”, p. 31-37; “Asesoría; animación”, p. 127-142; “Acompañamiento, paternidad espiritual y ayuda”, p. 149-165; “La dirección como acompañamiento personal”, p. 175-192.

e ao exercício da liberdade psicológica e moral do “discípulo”. Eis aqui onde tomavam seu aspecto mais significativo os meios de uma educação religiosa e moral que levavam o menino a refletir para tornar racionais os próprios princípios e critérios de vida. Sem deixar de ser sempre “preventivos” quanto à saúde física, psíquica e espiritual do adolescente, iam impulsionando-o em seu crescimento e amadurecimento pessoal.⁸⁷

Homens de fé, como os monges do deserto, à luz dos Evangelhos sinóticos, da sabedoria do Antigo Testamento e com seu próprio tato pedagógico, tinham descoberto a grandeza da “criança”, a importância e a responsabilidade da educação não apenas espiritual e moral dos adolescentes, mas de sua formação integral, num tempo em que eram violentados arbitrariamente os mais elementares direitos dos menores, no contexto da civilização grega e romano-bárbara, que chegou a ter comportamentos desapiedados para com eles desde o seu nascimento.

Sobretudo nas classes populares, as condutas repressivas usadas chegaram a ser humilhantes e trágicas. A vinda da criança ao mundo significava um grave peso. Isso parecia justificar o infanticídio e o aborto, que num determinado momento as legislações civis foram urgidamente a suprimir.

Os maus-tratos foram habituais em muitas sociedades, da mesma forma que o desprezo ou o desconhecimento de sua índole e de suas aspirações naturais. O que se pôde mitigar por misericórdia, em um determinado momento, para a criança, não se perdoou na adolescência dos filhos e dos discípulos. E a repressão continuava sempre, mesmo entre os educadores cristãos, incitando à rebeldia e exasperando a paciência dos rapazes.

Já Santo Anselmo de Aosta, em plena Idade Média, censurava severamente o fato de que os castigos e o temor só faziam os alunos serem estúpidos e bestiais. Ele dizia aos monges

⁸⁷ Pietro Stella, *Juan Bosco en la historia de la educación*. Madri, CCS, 1996, p. 29.

que tudo o que fazem aos pequenos eles o sentem como uma ameaça, pois não veem em parte alguma nem a bondade nem a paciência em suas escolas.⁸⁸

Os estudos de Pierre Riché o levaram a constatar que, não obstante, tinham sido os cenobitas que descobriram e fizeram entender a dignidade das crianças e dos jovens. Com efeito, estes, com sua autoridade moral e seu testemunho, ensinaram a maneira de tratá-los com respeito e afeto; a ser moderados e discretos nas sanções que se lhes aplicavam; a aceitar a necessidade que estes tinham do descanso, da distensão e do brinqueado, e de uma oportuna capacitação para o trabalho, sem abusar nunca de suas possibilidades e de suas forças. E chegaram a falar e a escrever acerca da compreensão e da ternura que se tinha de usar com eles.

O amor mudou em preventivas as atitudes de prepotência e de castigo. O “fazer-se amar antes que se fazer temer”, de princípio de governo monacal – assumido talvez do tratado ciceroniano formulado com sentido político no livro *De officiis*⁸⁹ –, passou também a ser postulado educativo. O Evangelho tinha semeado suas primeiras sementes transformadoras na *família* e na *escola* monacal.

Seguramente, fora na Regra beneditina que Dom Bosco tinha lido a insistência no agir com bondade quando se tivesse de usar o castigo e como sempre se devia proceder com discrição, ou seja, com prudência e equilíbrio no relacionamento formativo com todos. Mais ainda, na pedagogia da vida religiosa, quando se consultava a comunidade dos monges, reunida em Conselho, deviam-se escutar os principiantes, antes de todos,

⁸⁸ Pierre Riché, *Éducation et culture das l'occident barbare VI-VIII^e siècles*. Paris, Éd. Du Seuil, 1962; *Les écoles et l'enseignement dans l'Occident chrétien de la fin du V^e siècle au milieu XI^e siècle*. Paris, Aubier Montaigne, 1979. Anselmo de Aosta (1033-1109), beneditino, arcebispo de Canterbury.

⁸⁹ Joan Chittister, *Cual debe ser el abad o la priora*, p. 59. Cf. Cícero, *De officiis*, Lib. II, Caput VII, 24; VIII, 26-29; IX, 32.

“porque muitas vezes o Senhor revelava ao mais jovem o que era melhor”.⁹⁰

As atitudes diretivas que Dom Bosco toma com determinados educandos e em determinadas circunstâncias são intervenções de prevenção que ele vê como necessárias, porque podem evitar que o rapaz, mesmo sem o querer, se equivoque, com prejuízo próprio. Não são postulados pedagógicos dentro da teoria do behaviorismo – que Dom Bosco nem conhece nem utiliza. São atitudes determinadas por sua inteligência prática ante as condições de fragilidade e volubilidade do rapaz. Suprem, então, a inexperiência e a incapacidade de autodeterminação derivadas da idade, das circunstâncias ou da índole própria do sujeito da educação.

Fala bem disso a maneira como ajuda Francisco Besucco a adequar-se de maneira formativa aos vivazes recreios do Oratório, tão diversos dos entretenimentos usuais em sua paróquia nativa de Argentera. Em primeiro lugar, ensina-o a respeitar os horários das aulas e dos pátios. Logo lhe indica como moderar seu ímpeto de adolescente, para que não se exponha a exageros e imprudências que, de fato, começam a afetar sua saúde. Com efeito, o pequeno se tinha entusiasmado com o projeto de santidade que Dom Bosco lhe tinha proposto: piedade, estudo, alegria. Esta, como síntese da santidade juvenil.

O mestre ensina-o a percorrer o caminho, sem que suas indicações e suas normas substituam as manifestações espontâneas de seu coração de camponês e a originalidade da escala de valores que vão definindo sua própria espiritualidade oratoriana: “Estou muito alegre, e se nisto consiste ser santo passarei todo o dia brincando e me divertindo!”.

Depois, aprende que o lugar do recreio é também o lugar de seu mais típico e eficaz apostolado entre seus companheiros.

⁹⁰ Cf. Pietro Braido, *Breve storia del sistema preventivo*. Roma, LAS, 1993, p. 9-14.

Porém, que o estudo e a piedade também têm seu significado educativo.

Besucco aceita com prontidão e regozijo o que lhe “ensina” seu mestre. Então, cada coisa adquire seu significado e tem seu tempo. E a experiência formativa alcança a plenitude humana e espiritual para ele. Assim o Capítulo XVII da vida escrita por Dom Bosco expressa um momento de orientação decisivo na trajetória espiritual do rapazinho.

1.2 Espiritualidade salesiana, espiritualidade da ação

Dom Bosco tinha muita consciência de que a espiritualidade que animava a vida cristã de seu Oratório e de sua congregação religiosa era uma espiritualidade da ação, centrada na caridade fraterna e no amor apostólico e educativo. Tinha sido a primeira lição de santidade dada pelo Santo a Domingos Sávio, de maneira que, vivendo-a, haveria de chegar prontamente à meta: fazer-se amar para que, amando-o, os demais amem de verdade Jesus Cristo e fazer todo o bem que lhe fosse possível. Na frase “*Da mihi animas, caetera tolle*”, que ajudou a interpretar bem a Domingos, “estava todo Dom Bosco”.⁹¹

Era o dom próprio da sua vocação, recebido para a realização de sua missão entre os jovens mais pobres e desvalidos. Por isso mesmo, tinha muita consciência, também, de que seus filhos e seus discípulos deviam ser *acompanhados* muito de perto, com assiduidade e paciência, no crescimento de sua vida de fé e em sua formação integral, de sorte que não caíssem num “*ativismo*” *deformador e nocivo*.

Este serviço o prestava com seriedade, nunca “de qualquer jeito”. Alberto Caviglia, que teve pessoalmente a oportunidade de ser “dirigido” por Dom Bosco em sua adolescência, o afirma de maneira enfática. Dom Bosco em nada, e muito menos nisto, agia de qualquer jeito.

⁹¹ Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco: studio*, p. 119-133.

Com efeito, para Dom Bosco era muito comprometedor orientar e seguir o caminho espiritual empreendido por seus discípulos. Acreditava neles, respeitava-os, e não tinha medo de propor-lhes sempre metas superiores, maiores exigências e progressivos compromissos. Não lhes permitia serem medíocres e descuidados. Chamava-lhes a atenção, fazia com que refletissem sobre sua conduta, questionava-os fortemente quando eram reincidentes habituais nas mesmas faltas ou nas mesmas negligências. Era uma das maneiras de demonstrar-lhes o apreço em que os tinha.

Entregava-se à tarefa formadora que tinha para com cada um deles como se fosse a única. Exigia, sabia fazê-lo, apresentando razões e com bondade, porém com firmeza. Assim deixam claro as biografias de seus jovens e a práxis cotidiana com seus discípulos mais próximos, com os quais gerou seu instituto religioso, pensando que *a santidade* de seus filhos haveria de projetar-se na vida dos jovens para os quais tinham entregado sua vida.

Jesus Cristo era o modelo por excelência para eles. As *Constituições* convidavam a imitar suas virtudes. A caridade era a forja da santidade.

Por outra parte, consciente da fragilidade das pessoas, não queria improvisar suas obediências sem estar persuadido de que estavam preparados para enfrentá-las. É quando usa termos que verdadeiramente comovem: o superior deve conhecê-los e saber se essa determinada obediência é para o bem deles, “como faz a mãe de um pássaro no ninho. Não o provoca a voar sem estar segura de que já está dotado de fortes asas” e pode voar.⁹²

Este mestre de espírito faz trabalhar a seus penitentes e a seus filhos sobre virtudes concretas. Sobre uma fé que se expressa no amor e que cresce amando. Sobre os deveres e as exigências da vida cotidiana. É, portanto, uma santidade ao alcance de

⁹² Exercícios espirituais de Trofarello, setembro de 1868. MB IX, p. 347.

todos, porém exige de todos domínio de si, perseverança, sinceridade interior, sacrifício. Em suma, amor para empreender um caminho exigente, porém um caminho que vale a pena.

1.3 Uma espiritualidade sem esquemas prefixados, porém orgânica e inspirada nas condições atuais do sujeito acompanhado e em sua vida

Não estabelece graus de perfeição, nem propõe esquemas teóricos, embora conheça a significativa literatura religiosa e espiritual de seu meio eclesial. Tem referenciais conhecidos, como são algumas obras de Afonso Maria de Ligório, Francisco de Sales, a *Imitação de Cristo*, de Thomas de Kempis, *O caminho para o altar, ensinado aos clérigos*, de Antonio Foresti. Ou ainda livros de autores atinentes à formação dos jovens, como Charles Gobinet e obras de inspiração aloisiana ou filipense.

É realista. Escuta Domingos Sávio, que quer ser feliz e não encontra respostas nas coisas terrenas. A partir desse questionamento, leva-o a descobrir, de uma maneira nova, o Senhor presente no próximo e no sacrário, e a aprofundar com Ele a amizade que o levaria ao Paraíso.

Era a meta de chegada que ensinava a sonhar, e para a qual os ia preparando através das exigências do cotidiano, as quais, cumpridas com amor, davam a certeza de estar fazendo da melhor maneira a vontade de Deus.

Sávio aprendeu, assim, a viver na alegria o momento presente.

Miguel Magone forja seu coração para Deus de modo semelhante: no dever, fazendo o que é fácil, da melhor maneira e com perseverança. A motivação profunda era o amor! E é admirável o grau de perfeição que chegou a alcançar nos catorze meses de permanência em Valdocco.

Dessa maneira, Dom Bosco fazia com que a santidade chegasse a ser sonho de muitos jovens. Era o ideal que perseguiram sob os nomes de salvação eterna, de perfeição cristã, de imitação ou de amizade com Jesus, ou, explicitamente, de “santidade”. Ele mesmo colabora atenta e delicadamente para o bom êxito, corrigindo, acompanhando, sugerindo, ganhando a confiança do jovem. Usa conselhos que eram fruto do bom senso, da experiência da vida e de concretas e realistas tradições populares: o amor à Via-Sacra e ao Santíssimo Rosário como momentos de profunda e espontânea interiorização dos “mistérios da vida de Cristo”, por exemplo. As pregações quaresmais, as boas-noites, as confissões frequentes... eram momentos fortes de sua vida de fé que os faziam caminhar e os tornavam melhores.

Por outra parte, pelas próprias convicções pedagógicas e teológicas, estava persuadido de que os pequenos necessitavam absolutamente serem dirigidos. E também de que necessitavam de respirar um ambiente otimista de fé, no qual descobrissem que, de fato, apesar das limitações de suas condições pessoais e da sua idade, era possível para eles aspirar à perfeição das virtudes cristãs.

Por isso, cuidava tanto dos momentos destinados a partilhar com eles, pessoalmente, quanto daqueles nos quais todo o ambiente se motivava espiritualmente. Era o que ocorria nas grandes solenidades religiosas e litúrgicas, nas missões populares e, sobretudo, nos Exercícios da Boa Morte e nos Exercícios Espirituais, que tiveram lugar no próprio Oratório ou em lugares estratégicos pela paisagem sugestiva e a solidão da natureza, como Santo Inácio, em Lanzo, o seminário de Giaveno, São Benigno Canavese, Trofarelo, ou Moncalieri e Valsálce, nos arredores de Turim.

O pequeno clero, a música, os corais de Cagliari e as canções devotas e emotivas de Tiago Costamagna, que tinha feito dos meses de maio uma espécie de “céu na terra” em torno do altar

da Santíssima Virgem, tinham finalidades pedagógicas. Criavam um ambiente em que os valores religiosos se aspiravam como o ar, diz Alberto Caviglia.

Dom Bosco não usava uma linguagem especial quando falava da santidade a seus jovens. Todos sabiam que as palavras salvação e dever, piedade e alegria eram, em certo sentido, sinônimas. Com efeito, os caminhos para viver a vida cristã eram os mesmos, mas quando punha ênfase no espírito apostólico e na paixão pelo bem dos demais, certamente ele estava pensando que uma vocação especial à perfeição estava florescendo.

Isso se passa quando, na biografia de Domingos Sávio, vai fazendo notar como a caridade cresce nele de forma incontida, uma vez que compreendeu que não havia nada comparável com o trabalhar para a salvação das almas. E esse era o convite e o desafio com os quais Dom Bosco recebia seus jovens no Oratório.

Depois, se ali todos tinham trabalho e pão cotidiano, a todos os esperava também o paraíso. Em última instância, Dom Bosco tornava tudo relativo, considerando dificuldades e obstáculos humanos como passageiros, e fazia pensar nas alegrias eternas que os esperava.

Dessa maneira, “a santidade ordinária que Dom Bosco propõe aos seus jovens não somente é acessível a todos, mas possível e desejável”.⁹³

⁹³ Os traços desta espiritualidade são apresentados em Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. II. Roma, LAS, 1981, p. 218-225. Sobre Miguel Magone, ver São João Bosco, *Vida do jovem Miguel Magone: aluno do Oratório São Francisco de Sales*. 3ª ed. Niterói, Escola Industrial Dom Bosco, 1960, capítulos VI-X, p. 29-50. Sobre Domingos Sávio, ver São João Bosco, *Vida do venerável jovencinho Domingos Sávio: aluno do Oratório de S. Francisco de Sales*. Niterói, Escolas Profissionais Salesianas, 1938, capítulos VIII, XI, XII, XVII, XIX, XX.

1.4 Prevenir é caminhar no discernimento

Dom Bosco, educador experimentado, sabia, mesmo assim, que o caminho espiritual que ele propunha, baseado na entrega completa por amor aos outros, traz consigo riscos. A esse respeito, tomava ele, antes de tudo, uma atitude preventiva quando discernia de maneira formativa os compromissos da missão e do dever cotidiano. Sabia que, se ele lançasse à ação os seus rapazes e os seus religiosos-apóstolos sem as devidas precauções, poderiam correr alguns riscos, como a dispersão das energias e o cansaço, dadas as urgências e a multiplicidade do trabalho. Tudo isso poderia resultar num prejuízo de sua saúde, de sua vida de oração, de sua capacidade de interioridade e de silêncio, dos momentos reservados a maior fraternidade comunitária ou da própria qualidade do quefazer educativo.

Sua mentalidade, pois, é preventiva. E na educação espiritual, já lhe fora dito no primeiro sonho, é preciso levar a pessoa, antes de tudo, a conhecer-se a si mesma e as circunstâncias que a condicionam ou determinam. “Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado.” Logo vem a iluminação como descoberta e apreciação da preciosidade da virtude, do significado de ter uma missão na vida: “Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos!”. Apascenta minhas ovelhas, guia o rebanho.⁹⁴

Era uma proposta formativa inteligente e um projeto de vida que começava a se delinear em seu coração.

A prevenção se expressava, então, antes de tudo, como uma relação recíproca com o educando ou o discípulo espiritual, fundamentada no afeto sincero e que se deixava perceber. A este dava segurança e paz interior. Despertava em seu coração a esperança de ser compreendido e valorizado por seu mestre.

⁹⁴ Cf. São João Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, p. 20-30.

Era a base da autoestima para o sujeito, e de sua confiança.⁹⁵

Logo, quando a ação do acompanhante formador chegava a tempo, antes que as experiências negativas tivessem ferido fatalmente o coração e a integridade física, moral e espiritual da pessoa, as mesmas experiências negativas sofridas podiam se tornar úteis para o futuro. E até mesmo servir de estímulo para impulsionar um caminho de crescimento e amadurecimento autônomo e seguro.

São aspectos que nos servem de ensinamento hoje, a nós mesmos, em nosso ministério sacerdotal. Fazem-nos ver quais poderiam ser as consequências negativas se faltasse um conhecimento suficiente do dirigido, antes de permitir-lhe assumir responsabilidades maiores que suas forças ou afrontar os possíveis riscos da vida real. Não podemos basear-nos em conjecturas sobre os conhecimentos fundamentais que se requerem ao começar um caminho espiritual, nem sobre a capacidade de resistência ante os obstáculos previsíveis. Nem sobre suas possibilidades de superação diante das exigências éticas ou espirituais que se apresentem.

A sabedoria do acompanhamento adquire aqui responsabilidades graves e gratificantes, porém, mesmo assim, também perspectivas fecundas. Caminhar com outrem, pelo qual a pessoa se sinta compreendida e aceita incondicionalmente, respeitada em sua secreta realidade interior e digna de crédito em suas próprias opções e nas suas metas de caminhada, é uma verdadeira fortuna.

Nesse diálogo, prevenir é também caminhar no discernimento, calculando os desafios e as propostas, a implícita ameaça das próprias limitações. Por outra parte, implica achar os profundos recursos humanos e de fé das pessoas. E conhecer a conveniência de ser acompanhado e até, em determinados momentos, dirigido.

⁹⁵ Acerca da “prevenção”, cf. Humberto Fontana, “Le intuizioni psicopedagogiche di Don Bosco”. In: *Relazione, segreto di ogni educazione*. Leumann-Turim, LDC, 2000, cap. V, p. 85-119.

Acompanhar exige uma contínua atitude de discernimento do caminho que se vai fazendo, das situações concretas do dirigido e da vontade de Deus sobre ele em cada passo e etapa do itinerário espiritual que se vai seguindo.

Dom Bosco teve estas e outras intuições similares e colocou sua confiança em Deus, nos jovens de seus oratórios e nos fundadores, com ele, de sua obra. Não sentiu temor em propor-lhes seus sonhos, nascidos de sua grande experiência, de sua fé insondável, com frases como estas: hoje não basta rezar, é preciso trabalhar sem descanso! O mundo quer ver obras e não palavras.⁹⁶ Temos em mãos tantas coisas que parecem fábulas ou invenções de gente que enlouqueceu. Porém, Deus as bendiz e navegamos a velas pandas!⁹⁷ Escreve ao padre Cagliero: “Tu és músico, mas eu sou poeta. Não temas que as coisas da Índia venham a estorvar nossos compromissos na Austrália ou na Argentina”.⁹⁸ É preciso salvar a sociedade fazendo-a cristã, e nesta empresa os jovens têm a palavra!⁹⁹

2. Grandes horizontes do acompanhamento espiritual em Dom Bosco

2.1 Atenção à condição cultural da pessoa

Era básico para a relação pessoal e as condições formativas do ambiente o conhecimento da índole e das situações concretas da pessoa. Igualmente, que se mantivessem vivas na “casa do

⁹⁶ Cf. MB XIII, p. 126-127; cf. “Conferência aos Cooperadores Salesianos de S. Benigno Canavese”, BS 7 [1880], p. 12.

⁹⁷ Carta ao padre João Cagliero, 27 de abril de 1876, *Epistolario di San Giovanni Bosco*. Aos cuidados de Eugenio Ceria, vol. III, p. 52.

⁹⁸ Carta ao padre João Cagliero, 13 de julho de 1876, *Epistolario di San Giovanni Bosco*. Aos cuidados de Eugenio Ceria, vol. III, p. 72.

⁹⁹ É um pensamento que repete em várias conferências aos Cooperadores Salesianos: em Roma, BS 6 [1881], p. 6; em Paris, BS 6 [1883], p. 88; em Turim, BS 7 [1883], p. 104.

Oratório” as tradições culturais e religiosas das famílias e das aldeias de proveniência dos jovens, e os valores aprendidos de seus pais.

É um ato de responsabilidade, que não pode estar ausente quando se aceita acompanhar alguém nos itinerários da vida espiritual. Dom Bosco se interessava por todos os particulares significativos que dissessem respeito à vida, à índole e às situações pessoais de seus rapazes.

Então, todo o acompanhamento dos processos de purificação e de crescimento espiritual se dava na vida cotidiana do “dever”, da capacitação intelectual ou artesanal, da caridade fraterna, da oração pessoal e em grupo, das práticas de piedade e do clima de recreação e festivo da comunidade educativa de Valdocco.

Domingos Sávio e Francisco Besucco

Domingos Sávio volta à casa paterna para nela morrer, longe do Oratório, no contexto da vida paroquial de Mondônio. Integrado em sua família, tem saudades de seu confessor e confidente ordinário, Dom Bosco, seu pai espiritual e amigo por excelência do coração, e de seus companheiros incomparáveis, todos longe. Aceita preparar-se para a morte e culminar a trajetória apaixonada de sua vida em Deus ali, nos braços e no choro dos seus pais e não no “paraíso ideal de Valdocco”, humildemente atendido pelo cirurgião e pelo vigário do povoado.

Porém, tudo estava previsto. Domingos e Dom Bosco tinham conversado longamente sobre o agravamento da enfermidade, sobre a não conveniência de permanecer por mais tempo em Turim nos rigores de um prolongado inverno, sobre a ruptura causada pela separação de todos aqueles rostos e aquelas mãos amigas e sobre a conveniência de voltar a Mondônio para continuar percorrendo, entre as pessoas queridas, na casa paterna, o resto da via-crúcis que precedia sua “ressurreição”. Naquele momento, sem poupar-lhe o sacrifício e as renúncias,

Dom Bosco, fisicamente ausente, acompanhou espiritualmente seu discípulo, desde o amado Oratório, quando seu coração inocente ia alcançando sua medida mais alta do amor.

Ao estudarmos, por exemplo, a maneira com que Dom Bosco acolhe e trata Francisco Besucco, o ingênuo “pastorzinho dos Alpes” que aos 13 anos chega a Valdocco, ficamos admirados da dedicação atenta e estimulante que lhe mostra. Lendo a vida escrita por ele, constata-se logo como se tinha informado com o pároco, o mestre-escola, seus pais e os demais familiares, para que dessas “memórias” que ele, segundo nos diz, apenas havia colocado em ordem partamos nós, os leitores, para interpretar a caminhada espiritual que o adolescente ia fazendo em sua vida.

A nova experiência com Dom Bosco guarda uma lógica de continuidade com a que ele já tivera desde pequeno no contexto rural de sua terra natal. O sábio diretor espiritual vai fazendo ver tanto a obra que Deus ia realizando no coração do adolescente como a coerência sonhadora com a qual o rapazinho continua respondendo a ela em sua nova situação educativa.

Quaisquer que tenham sido os antecedentes, os possíveis pontos positivos ou as carências do passado imediato ou longínquo servem de grande lição para esta ciência e arte do acompanhamento em circunstâncias similares. Também nisso o diretor espiritual deve ser uma humilde e dócil mediação da vontade e da ação de Deus no coração do discípulo.

Não se deve estranhar, diz Dom Bosco, se vemos uma maturidade psicológica e espiritual prematura em Besucco, pois, na sua simplicidade, estava dotado de uma singular capacidade de tornar suas as coisas aprendidas e, por outra parte, “Deus o tinha favorecido com dons especiais”.

Visita do sofrimento

A assessoria espiritual que se nos peça não pode tampouco desconhecer o que já foi feito, mas, com todo o respeito, deve

partir dessa realidade para os objetivos que se vão delineando nela e as exigências de um processo de novas purificações e de um maior e mais maduro crescimento interior. Também de provas de que não se suspeitava e de cruzes que não tinham sido pressentidas.

De repente, talvez comece uma reação positiva, inesperada, que transforme de forma imprevisível a vida que se leva. Talvez chegue o momento da crucificação para quem vinha deslumbrado, sereno e satisfeito em seu caminho. Quem sabe seja você, amigo leitor, o chamado a acompanhar alguém quando menos o esperava.

Que ternura, que imensa, incomensurável paciência, que capacidade de escutar por horas e horas são necessárias quando ambos, o filho e o pai espiritual, o amigo e o amigo da alma, sumidos na treva de uma noite interior de desesperanças e de medos, afrontam o desconcerto e as últimas esperanças, somente na fé, quando aparentemente nada vem a ter sentido na vida.

Essa quietude cansativa, esse afã de desaparecer, essa incapacidade de aceitar o inevitável que pode invadir a pessoa que Deus nos colocou no caminho. Esse desassossego que às vezes precede a morte, isso de ir sentindo que tudo se vai desfazendo desde dentro, sem misericórdia. Quanta humanidade e quanta fortaleza e ternura se requer no diretor espiritual que foi aceito, talvez, como último recurso, quando a ciência já é impotente para curar e para consolar as desventuras humanas.

Cabe a você, então, estar vigilante para partilhar e consolar talvez só com as atitudes solícitas de quem ama e compreende, disposto às possíveis novas confidências, aos questionamentos definitivos, a uma aceitação da realidade objetiva que pode chegar na hora em que menos se pensa. Você tem de obedecer ao enfermo se ele pede que não feche a porta de seu quarto, que abra de par em par para o caso de alguém precisar dele – porque ele precisa de todos, mesmo que não chegue a entendê-lo

completamente – ou que respeite quando lhe exigir silêncio absoluto.

O silêncio, então, talvez seja a resposta mais sábia do acompanhante. Um silêncio que simplesmente escuta, porém vindo da profundidade de um coração solidário. Somente se requerem as evidências do amor e da ternura, da serenidade e da confiança completa, da compreensão infinita, porque Deus não está ausente. E o “Pai de quem vem toda paternidade” está talvez já recomeçando a gerar, nesse seu filho, a Vida!

Como são grandes esses momentos. Como não cair de joelhos ante esse corpo frágil que respira outra vez, que imagina, que volta a sonhar quando pensa na pátria e na casa – que esperam com as mãos abertas –, no porto de chegada da viagem e já se pode advertir a vinda definitiva da Páscoa de Cristo.

Dom Bosco administrou o sacramento dos enfermos à sua mãe quando ela lho pediu para morrer como uma boa cristã. Seu desapego total das coisas, os últimos momentos gastos em escutar e falar com seu filho José e com João, a um para lhe recomendar, uma vez mais, o cuidado de sua família, e a Dom Bosco para torná-lo a instruir, com a sabedoria da experiência, sobre o estado espiritual de seus filhos do amado Oratório.

Agora João podia refazer toda a história vivida a seu lado, à luz da santidade que cotidianamente tinha ido burilando as feições espirituais de Margarida, e que agora ficavam a descoberto para todos em seu leito de morte. A mãe de Dom Bosco era também a mãe do Oratório e teve a fortuna de morrer entre seus filhos e por eles.

Pedro Enria e a epidemia de 1854

Dom Bosco certamente conheceu e teve de enfrentar situações difíceis de seus filhos. Para muitos deles, a aventura espiritual vivida com ele nascia de um abismo de sofrimento e de pobreza. Talvez um dos casos mais belos seja o de Pedro Enria, num tempo

de cólera. O diário escrito muito depois pelo irmão salesiano, que foi um dos enfermeiros mais achegados a seu “pai”, Dom Bosco, apresenta uma das mostras mais originais e gráficas de seu drama interior e do encontro de seu novo caminho.

Era um menino de apenas 13 anos quando Dom Bosco o encontrou, no meio do grupo dos abrigados no Convento de São Domingos, em plena epidemia, com seu irmão menor, tremendo de expectativa e de frio, depois do falecimento de um tio paterno e de sua madrasta, e com a preocupação de seu papai ainda gravemente doente. Sozinho como um pássaro sem ninho na terra.

A família de Pedro tinha emigrado de San Benigno, depois da morte da mãe. Situados na margem do Stura, uma torrente nascida nos Alpes, em meio à efervescência e à agitação do trabalho nas fábricas turinesas, num lugar úmido e insalubre, dois anos depois, foram vítimas da epidemia que dizimou os subúrbios de Borgo Dora e de Vanchiglia, em 1854. Logo veio esse milagre de Valdocco com Dom Bosco, vivido ao calor de seu coração e do coração de Mamãe Margarida, entre os rigores da pobreza do Oratório de então.

O santo fez com que ele aprendesse e se especializasse na arte de ferreiro, porém, depois, foi “tudo” no Oratório: músico, carpinteiro, responsável do teatro, administrador da precária economia com Buzetti... até solista no coral do Oratório e, mais tarde, seu mestre de canto.

Dom Bosco seguia de perto o solícito artesão, que só em 1878 professou como irmão salesiano, aos 37 anos de idade. Várias vezes o cansaço pôs à prova sua serenidade de ânimo. Dom Bosco esteve atento para fazê-lo reagir, para moderar suas impaciências e seu gênio, para fazer-lhe sentir a confiança ilimitada que nele punha, para esperar com paciência, sem fazer-lhe pressão alguma, sua decisão vocacional.

O acompanhamento da vida espiritual de Enria foi contemporâneo das moléstias de saúde de Dom Bosco, sobretudo a partir

da grave enfermidade sofrida em Varazze, de dezembro de 1871 a fevereiro de 1872, e das sucessivas recaídas de Alássio, de Savona e de Lanzo, até a última que o levou à tumba, enquanto o filho solícito o atendia com uma ternura comovedora. Ali foi fazendo seu caminho ascensional, desvivendo-se por “seu pai” e aprendendo dele a viver quando este ia morrendo e nada mais havia que fazer para prolongar seus dias, senão “sofrer com ele e calar”.

Toda a obra “da graça” em seu coração dependeu de ter achado em Dom Bosco o afeto que tinha perdido como menino, e em ter podido prodigalizar o seu, em profusão incomparável, a “seu pai”!

*“Momento da Anunciação” na vida do sacerdote
Amílcar Bertolucci*

Assim chama à aparição da enfermidade, o salesiano Amílcar Bertolucci, quando a artrite desapiedada começou a invadir, de repente, todo o seu organismo. Deus tinha chegado, quando menos o podia imaginar, de uma maneira singular, em sua vida.

Como devemos estar atentos, em casos como esse, para poder perceber quando se verifica uma nova “Anunciação” no itinerário espiritual de nossos dirigidos! E como devem ser nossas atitudes e nossos comportamentos nesses momentos com eles!

Em suas notas pessoais ele assim expressava:

Talvez muitos ignorem o que custa a luta contra a enfermidade: neste caminho o silêncio se vai tornando maior e profundo. Não podemos então ser medíocres sem que nos carcoma um sentimento de culpa; por outra parte, a perturbação nos expõe à derrota; autoenganar-nos seria destruir-nos. Então, caminharei na verdade, Senhor, apoiado em tua força. Porém, sê tu a luz que guie meus passos, de sorte que eu resplandeça com ela no mundo!¹⁰⁰

¹⁰⁰ Cf. Giovanni Minghelli, *Meraviglioso sofferente*. Colle Don Bosco-Asti, Libreria Dottrina Cristiana [1946], p. 91.

Nascido em Módena, Itália, a 20 de março de 1869, morreu dia 5 de janeiro de 1942, numa clínica de Bréscia, longe dos salesianos, aos 73 anos de idade. Desde 1926 começara sua via dolorosa, com a descoberta progressiva e torturadora do rosto do sofrimento, por meio do qual foi se manifestando, de maneira infável, o rosto sofredor e glorioso de Cristo.

Nesse tempo soube que “o silêncio era tão fecundo como a dor” e que não havia como desistir da luta, mesmo que se visse cada vez mais triturado pelos sofrimentos físicos e pelo naufrágio psicológico e espiritual. Não podia resignar-se a não fazer, até o último momento, tudo o que ainda lhe era possível pelo bem dos demais.

Procurou estar a par de tudo que acontecia a seu redor e entre os irmãos da congregação. Estudava, conversava sobre situações e problemas, discutia temas apaixonantes da sociedade e da Igreja. Voltava a reviver uma vez ou outra a memória de sua vida salesiana. Recebia sempre as pessoas, que foram encontrando nele um coração compreensivo e paciente.

Especialmente as crianças, com sua presença, faziam renascer nele todo o seu passado de educador e de apóstolo. Os olhos se enchiam de lágrimas e o coração tornava a palpitar com uma alegria incontida.

Dom Bosco sempre esteve em seu pensamento. Sua adolescência e sua juventude salesiana tinham sido iluminadas pelo rápido ocaso do santo.

O livro do padre Eugenio Ceria, *Dom Bosco com Deus*, editado em 1930, encheu-o de consolação e de profunda satisfação. Dom Bosco era deveras um santo, e ele sempre o tinha implorado “que transfundisse nele o seu espírito”. Escrevia: “É necessário não só que a luz que levo em meu interior arda, mas que ilumine!”.

Nas fotografias desses anos terríveis aparece, não obstante, sorridente, seguro, tenaz, audaz, embora vá se enfraquecendo e

se reduzindo a nada... Era uma personalidade incansável, feita para luta, para a constância, para a paciência e para o amor.

Houve casas salesianas que o deixaram sempre encantado com a lembrança laboriosa, humilde, orante e festiva de suas primeiras experiências salesianas. Foram San Benigno e Val-sállice, onde fez seu noviciado e seus primeiros estudos como clérigo, entre 1885 e 1888, dos 16 aos 18 anos, os últimos anos da vida de Dom Bosco.

Ordenado sacerdote em 1895, voltou a San Benigno Canavese e a Lanzo. Seu confidente foi padre Tiburzio Lupo, professor de teologia moral no Pontifício Ateneu Salesiano. O epistolário nos dá um denso testemunho de sua espiritualidade sacerdotal e educativa, incansável, apaixonada.

Nesses começos tudo parece ir crescendo nele, sua vida intelectual, suas experiências pedagógicas, sua profunda interioridade. Há, contudo, algumas limitações psíquicas e de saúde que o preocupam, sobretudo a insatisfação e a fadiga. Porém, o trato com seus estudantes vai tornando-o mais sensível à paciência e à ternura. No mais íntimo de seu coração, a busca de Deus o leva a ter momentos mais prolongados de silêncio que o resguardavam da excessiva atividade e do ruído exterior.

Assim se sucedem os primeiros vinte anos de ministério e de docência. O primitivo vigor juvenil nunca se apagou nele e as dificuldades e o trabalho foram burilando seus sentimentos e seu orgulho: “Seguirei caminhando, Senhor, com tua fortaleza, debaixo do esplendor de tua luz, de sorte que quem me veja glorifique ao Pai que está nos Céus!”.

Na etapa de Lanzo voltaram os pressentimentos da enfermidade e os primeiros sintomas. Quis então esforçar-se ainda mais para que não fosse “estéril” esse tempo de atividade, que ameaçava ficar mais curto! Parecia-lhe que tivesse não sangue, mas fogo nas veias. Deus o estava preparando para pedir-lhe alguma coisa especial!

Depois, entre as nostalgias e as despedidas partiu para o sanatório. Tinha chegado o tempo dos naufrágios e dos medos, das ilusões fugazes e das esperanças desmentidas. Longe de seus irmãos de comunidade, tinha de assumir, em concreto, a crua realidade que o ameaçava. Aceitar, entregar-se por completo nas mãos de Deus. Adorar e calar. Era tempo de arder como um círio e de consumir-se.

É a época dos grandes discernimentos acerca da vontade de Deus sobre ele. De disponibilidade penosa e sofrida, de entrega completa e incondicional, que lhe custa.

Agora está fora do querido ambiente salesiano, em Casa-mícciola e na clínica de Bréscia. E vêm as susceptibilidades, a angústia de estar ausente, a sensação de ser relegado por todos. Só lhe restava abandonar-se em Deus por completo. E o fez!

No fundo, um mistério de amor se estava consumando. O mistério de uma eleição significativa que mudava totalmente a caminhada de sua existência. Um momento de Anunciação que se repetia incessantemente, através dos fatos e que agora devia enfrentar na fé. E assim o fez. “Seja feita a vossa vontade!”, foi a resposta a que, sem que ele o tivesse sequer imaginado, Deus o tinha preparado.

Nessas horas, sentiu mais próximo de si a Dom Bosco e as memórias de seu passado vocacional: a prematura morte da mãe, os anos de estudos em Alássio, a oposição frontal do pai quando decidiu fazer-se salesiano e, com isso, as portas do lar que se lhe fecharam implacavelmente, enquanto este viveu.

Agora, a prova definitiva, as rupturas, o isolamento e a solidão, as evocações queridas. Este episódio é bem significativo:

Entra a mãe com o filho pequeno para que o padre o abençoe. O rosto do padre Amílcar se ilumina. Trocam algumas palavras carinhosas e alguns sorrisos. De repente, o menino, a quem o padre segura com os dedos, diz à senhora:

– Mamãe, como queima a mão do padre!

E este:

– É a febre das recordações, mas não há médico que possa curá-la.

Quando a senhora, que estava de saída, voltou-se para despedir-se, ele acrescentou com um fio de voz:

– Caro pequenino, há um médico que poderia fazê-la cessar!

O menino voltou alguns passos em sua direção e perguntou:

– E quem é?

Então padre Bertolucci, recolhendo todas as forças para vencer uma violenta e improvisa comoção, respondeu:

– É você!

A nobre senhora compreendeu o significado tão humano e profundo daquela resposta e, no ato de despedir-se, disse:

– Voltarei, padre, e trarei comigo o meu pequeno doutor...

Uma das últimas exclamações de sua vida de enfermo foi:

– A febre me queima como o fogo, porém me infunde alegria! Sinto Deus que me diz do mais fundo do coração: “Enche-te de luz e canções, porque estou contigo!”.¹⁰¹

Nesses anos, teve como confessor um jesuíta. Muitas das conversas tinham como tema esse tipo de santidade de Dom Bosco. O confessor se sentia desconcertado quando via as atividades e o múltiplo protagonismo social e educativo do sacerdote do clero turinês. A paciência e a bondade de Bertolucci chegaram a transformar a forma com que o religioso enfocava sua espiritualidade, e o livro de Eugenio Ceria, que lhe colocou nas mãos, acabou por mudar sua mentalidade.

Porém, foi o ter podido acompanhá-lo nos caminhos de sua excepcional vocação ao sofrimento o que fez, por sua vez, do “confessor” um discípulo de Bertolucci e testemunha de suas excepcionais virtudes salesianas: nunca o abandonaram a alegria nem a sensibilidade pastoral. Os jovens tinham sido o primeiro

¹⁰¹ Giovanni Minghelli, *Meraviglioso sofferente*. Colle Don Bosco-Asti, Libreria Dottrina Cristiana [1946], p. 101-103.

e o último sonho de sua vida. Dom Bosco lhe tinha ensinado, desde o princípio de sua vida salesiana, a ser todo para eles. Em seu coração, a sede que nunca se extinguiu tinha sido a de estar sempre, como deve fazer todo apóstolo, com Cristo.

Fazer companhia

Acompanhar é, na verdade, a maneira de conceder uma direção espiritual estando com o doente. É um acompanhamento de atitudes mais que de palavras: de presença sensível, de simpatia que aproxima, de solicitude, de silêncio que escuta, que entende, que acolhe, que partilha. Exige fortaleza, constância, humildade, entrega ilimitada e paciência. Muita paciência.

Pode ser que o enfermo rechace a solidão e fuja dela. A irritação de ânimo que caracteriza esse momento tem, sem dúvida, suas causas, ou nenhuma. Espere e não se precipite. Pode ser então mais um estado de ânimo, uma crise de angústia, um mal-estar pelas limitações psicológicas e físicas, a impressão da impotência total ante a dura realidade que avassala, de impossibilidade ou de fracasso.

Talvez o estado em que se debate o enfermo seja depressivo e o encuralem o desalento, a ameaça ou a fadiga.

Do sofrimento só sabe falar, de verdade, quem o viveu. Temos de deixar que o sentimento se expresse e buscar, em determinado momento, seu significado – ou dar-lhe um significado.

Certamente há meios científicos e terapêuticos que podem prestar uma ajuda oportuna. Porém, em todos os casos, não bastam. O abismo do espírito, a profunda necessidade de Deus, a busca exasperada dele, desesperada, talvez! Esse momento, embora pareça impossível, pode ser o momento da graça! Da resposta, do sentido. Talvez o instante mesmo no qual começam a aceitação e a entrega.

A passagem do Evangelho, a parábola de Jesus, suas dores chegam à treva interior como um raio de luz, emergindo talvez da profundidade de uma experiência de fé que se tenha tido. Repentinamente se pressente que a dor é caminho, que morrer tem razão de ser, que não é uma destruição insensata que deixa incompleta uma obra, mas o momento em que se chega à meta e se coroa o cimo da montanha.

A aceitação cristã começa no momento mesmo no qual se encontra sentido para a dor e a morte. Cristo é a chave dessa história. Sua Páscoa marca a passagem, através da dor, para a vida.

O encontro com a verdade do que se padece, sem disfarces, pode ser levado a cabo de maneira positiva, dentro do respeito e da ternura das relações confidenciais e do afeto evidente, que falam por si mesmos. O enfermo entendeu que sua situação é irreversível, que humanamente já não há nada para fazer, porém que se chegou à meta final da peregrinação da vida. Para a pessoa que percorreu um itinerário de fé, é a festa! Todo o anterior era preanúncio e imagem. No último momento se pressente e constata que Alguém preanunciado está batendo à porta: e que dentro a mesa do convívio está pronta.

Cabe à Pastoral da Saúde conduzir oportunamente ao conhecimento do diagnóstico objetivo, sem pressões e precipitação, respeitando grandemente a atitude do paciente. E, assim mesmo, ajudar na sua aceitação motivada e na preparação conveniente, em resposta aos estados de ânimo e de consciência do sujeito. Deus é o Pai que espera, porque ama e perdoa. O filho tem, no mais profundo de si mesmo, essa certeza absoluta.

Clair Kebers faz observações inteligentes e acertadas, às quais o estudo e a experiência dão apoio, quando escreve sobre o sofrimento e a morte e sobre como se deve falar deles às crianças e aos adultos. O sofrimento interpela a fé: “Meu Deus,

meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46). E também: “Tenho sede!” (Jo 19,28). São expressões humanas de Jesus, que é, ao mesmo tempo, a resposta suprema. Nele está a chave de tudo. Trata-se de assumir nossa própria dor como Jesus assumiu suas dores. Trata-se de fazê-lo com amor como Ele. Mais que isso, Ele sofrerá no enfermo novamente sua morte, para que este ressuscite com Ele. A resposta de tudo está no amor.

Então a enfermidade e a morte podem ser momentos do Espírito, e transformar-se, portanto, em momentos de vida, mais ainda quando o paciente tem perto de si alguém que faz com que se lembre da presença do Deus escondido, que se revelará em forma definitiva depois da morte. Talvez chegue como chega o “esposo” à boda, ou o amigo ao amigo, ou o próximo, que como se lê no capítulo 15 de Mateus era Cristo no próximo.¹⁰²

O sacerdote Pierre Lyonnet pergunta de surpresa a um de seus alunos do Colégio da Companhia de Jesus, em Lião, França:

– Quer ver Jesus agora, já?

Ante a perplexidade do rapaz, surpreendido, ajunta, imediatamente:

– Eu, sim, quisera vê-lo!

Era uma breve catequese acerca do sentido da vida e da morte.¹⁰³

Algo parecido com o relato que traz Marcelle Pellisier em seu livro *Dom Bosco*:¹⁰⁴

Uma vez perguntou a um dos seus discípulos, que passeava de um lado para o outro, no pátio:

¹⁰² Clair Kebers, *La sofferenza e la morte: come parlarne ai bambini e agli adulti*. Leumann-Turim, LDC, 1991.

¹⁰³ Pierre Lyonnet, *Écrits spirituels*. Issoudun-França, Éditions de L’Epi – La-boureur et Cie. Imp., 1951.

¹⁰⁴ Marcelle Pellisier, *Dom Bosco*. Tradução: Eduardo de Lima Castro. São Paulo, Melhoramentos, s.d., p. 120.

- Qual a coisa mais bela que você já viu na vida?
Sabe o que ele respondeu, o maroto? Dom Bosco certamente não esperava a resposta que o pimpolho lhe deu:
– A mais bela... é Dom Bosco!

Na verdade, essa era nesse momento a vida do menino. Sua razão de ser feliz e de viver.

Também nas horas do sofrimento e da morte, basta uma palavra, ou uma atitude, para dizer tudo o que se deveria dizer a uma pessoa que necessita mais do coração dos outros do que de suas explicações e seus argumentos.

Por acaso, uma atitude de bondade, humilde e transparente, pode revelar ao moribundo o rosto do Pai que o aguarda, e fazer com que a falta de sentido do morrer se transforme em uma infinita esperança.

Por acaso, a angústia da orfandade e do abandono que ameaça uma pessoa em estado terminal pode se transformar, com uma suave carícia que lhe suavize a dor de morrer – enquanto se invoca filialmente a Virgem Maria, a mãe que estava presente na agonia do Filho na cruz –, em uma consoladora esperança e dispor o moribundo ao “encontro gozoso e definitivo” com Ela.

Então, as necessidades profundas de despedir-se, de transcender a si mesmo e, por sua vez, de permanecer, de ser perdoado e de poder perdoar, de alcançar a paz e a reconciliação interiores, de responder a si mesmo ao porquê de tudo aquilo que se passou encontram, num instante, todas as respostas reunidas em não mais do que uma: a de ser amado e de amar.

Porém, tudo isso exige não uma presença somente momentânea do “acompanhante”, talvez só para a administração do sacramento dos enfermos e nada mais, mas uma proximidade constante, um processo de reciprocidade afetiva e de crescimento na confiança “no outro” e a entrega ao amigo e ao pai a ele

achegado, capaz de gerar o abandono filial, definitivo, confiante e generoso nas mãos cálidas do Deus da vida.¹⁰⁵

2.2 Pedagogia espiritual ancorada na realidade cotidiana

Voltando à época do primitivo Oratório e seguindo nossa reflexão acerca do modo de conhecer a condição e situação concreta de nossos penitentes e dirigidos, pensemos nas dificuldades vividas por Dom Bosco.

A emigração dos setores rurais para a cidade era, sem dúvida, um fenômeno social traumatizante para muitos daqueles juvenzinhos, formados num tipo de vida completamente em contraste com o ambiente senhoril e manufatureiro da capital. Nos setores de origem, na intimidade familiar, os rapazes se enriqueciam com os valores próprios de sua cultura agrícola, patriarcal e religiosa de então. No seio do lar, cada pessoa era irrepetível e sua presença e sua contribuição humana e espiritual eram decisivas para a consolidação da identidade familiar e sua transmissão histórica. A família Bosco, por exemplo, tinha trazido de seu setor originário de Canarone, na província de Chieri, desde fins do século XVII, seu perfil de emigrantes, seus costumes de meeiros: trabalhadores de terras que jamais possuíram.

Turim era uma cidade grande aberta à Áustria, à Saboia, à França. Sede da casa real e do bispo de uma extensa jurisdição eclesiástica que ia bem além do perímetro urbano. Capital do estado saboiano, cheia de memórias históricas e artísticas, era já, desde algumas décadas, agitada por fermentos revolucionários antiabsolutistas, e projetada para a era pré-industrial por múltiplas e pequenas empresas.

A ela chegavam sobretudo esses pequenos caminhantes rurais em busca de trabalho, aos quais Dom Bosco oferecia um

¹⁰⁵ Marcos Virgilio Sánchez e Carlos Centen Cortés, “El capellán del equipo de cuidados paliativos”, *Selare*, 102 [2005], março, p. 20-21.

albergue educativo adequado às suas difíceis condições sociais de província. Com eles empreendia a complexa tarefa formativa que tinha em vista, antes de tudo, a experiência racional e coerente da vida cristã. Foi com eles que Dom Bosco foi definindo, sistemática e organicamente, com paciência infinita, sua pedagogia espiritual.¹⁰⁶

Uma pedagogia que acolhia e valorizava precisamente a pessoa do jovem emigrante. Oferecia-lhe uma casa, um pátio, estudo e capacitação para o trabalho, enquanto evocava as raízes de sua fé, a nostalgia e a poesia das celebrações paroquiais frequentadas por eles em sua infância, os sacramentos de iniciação de sua vida de fé. Também os ensinamentos de seus antepassados, carregados da sabedoria de uma longa e humilde existência vivida debaixo do sol ou nas inclemências do tempo, entre semeaduras e colheitas promissoras ou em abnegados cultivos e secas dos campos que lhes deixavam às vezes no semblante as marcas da miséria e da fome.

Junto com aquelas lembranças familiares e locais, Dom Bosco discorria com eles sobre os fatos da *História sagrada*, ou lhes ia abrindo os olhos para o conhecimento de personagens e gestas que estavam na base do empório cultural do Piemonte e da Itália.

Porém, dentro desse grande e pequeno contexto cidadão e educativo, estava a história pessoal dos jovens, que era o âmbito dentro do qual a vida espiritual do rapaz ia ter, com Dom Bosco, sua própria caminhada, às vezes narrada por ele em seus livros biográficos, para motivação formativa do ambiente. Assim aconteceu com a trilogia biográfica de Domingos Sávio, Magone e Besucco, ou com a vida de seus amigos Luís Comollo e José Burzio, companheiros de seus anos de estudante no Ginásio e no Seminário de Chieri.

¹⁰⁶ Cf. Alberto Caviglia, *Il Magone Michele, una classica sperienza educativa*. Turim, SEI, 1950, p. 7-8, 47; Beato João Bosco, “O pastorzinho dos Alpes ou Vida do jovem Francisco Besucco” [versão do italiano]. *Leituras Católicas*, p. 496-497 [1931]. Niterói, Escolas Profissionais Salesianas, 1931, p. 5.

O trabalho espiritual, como dissemos, compreendia não apenas a arte e o espírito da oração, ou a práxis sacramental. Pelo contrário, abarcava todos os aspectos da vida do jovem, vistos sob o foco de sua vocação cristã à santidade.

Esta proposta Dom Bosco a fazia dentro do processo educativo global, unida à circulação de valores e intervenções educativas que faziam crescer e consolidar-se *em humanidade* aos jovens. Era uma metodologia própria de sua visão antropológica concreta e otimista da pessoa, em que se acentuavam sempre os aspectos positivos e a capacidade de bondade que o coração deles abrigava. Um humanismo cristão.

A orientação do jovem compreendia todos os aspectos: desportivos, físicos, relacionais de sua personalidade, estudo, capacitação para o trabalho, diversão, arte teatral, música e canto, dons de oração que tinha recebido, sua inquietude pelo serviço e a colaboração espontânea, sua busca do bem dos demais, sua abnegação e seu sacrifício...

Os passeios de outono eram também peregrinações religiosas que recordavam as de Felipe Neri pelos arredores de Roma. Porém, também oportunidades para voltar aos lugares amados de proveniência e para mostrar aos familiares e vizinhos a índole da pedagogia oratoriana proposta pelo santo.

Na verdade essas experiências compreendiam todo o espírito de Dom Bosco em cada um dos aspectos que as caracterizavam. Não desperdiçava nenhuma oportunidade de ensinar e de fazer sentir as raízes culturais das tradições piemontesas. Lendas ancestrais, retalhos da história, devoções e culturas das quais se originaram mosteiros e igrejas. Também a classe e a beleza das vinhas proverbiais de Asti e do baixo Monferrato, modalidades de cultivo, generosidade das colheitas que se desbordavam sobre a terra em outubro e das quais os proprietários permitiam que os pequenos saboreassem. Os passeios eram oportunidades para celebrar festividades locais e encher os campos e caminhos com

cantos tradicionais, com farsas jocosas de palhaços e saltimbancos e declamações cênicas, em meio ao regozijo geral e às delícias da gente do povoado. Eram parte do projeto educativo que fazia também *viver em uma festa contínua*, com Deus e os homens, a santidade dos jovens.

Dom Bosco evitava enfoques exclusivamente moralistas dos fatos e da vida, a lista de defeitos e de pecados. Sem descuidar as oportunas observações formativas sobre detalhes do comportamento ordinário, ia diretamente ao conhecimento e amor a Jesus Cristo, à educação na experiência da presença viva de Deus, à amizade com a Virgem, mãe e mestra da vida da graça, sobretudo ao sentido do dever ordinário e da vivência da caridade no trato com todos. Quando queria estimular particularmente os rapazes às metas da perfeição evangélica, os comprometia em fazer o bem aos demais sem cansaço, enquanto fosse possível fazê-lo. O tempo era breve. A morte podia chegar quando menos se esperava. Cristo consideraria como feito a si mesmo o que se teria feito ao próximo.

Então, como no caso de Miguel Magone, a morte era a chegada ao paraíso, tantas vezes sonhado, a meta última onde ele esperaria a chegada também de seus companheiros do Oratório, com os quais tinha empreendido a caminhada.

Miguel não permitiu que sua mãe estivesse presente, pensando na dor que lhe ocasionaria sua partida. Porém, a Virgem Santíssima enchia de consolo e de esperança esse momento supremo. Dom Bosco não o deixou um só minuto na preparação e no momento mesmo do encontro com Deus que esse extraordinário rapazinho tanto anelava.

No caso de Magone, se descreve todo o itinerário feito desde a surpresa do primeiro encontro na estação ferroviária de Carmagnola até sua chegada e breve permanência em Valdocco, onde levaria a cabo um profundo processo de transformação espiritual e moral. Diretamente ou por meio de companheiros

de confiança, Dom Bosco acompanha, orienta e estimula a crescente vida espiritual do jovem, por meio de suas obrigações cotidianas cumpridas com perseverança, no meio ambiente repleto de valores pedagógicos e espirituais dos quais progressivamente se ia enriquecendo. Uma caminhada que vai desde a conversão do coração até um maravilhoso grau de perfeição cristã.

2.3 Alegria como singular experiência da espiritualidade juvenil oratoriana

A nota mais característica da personalidade de Magone, adolescente, é a busca da alegria e da paz interior, sem as quais sente em sua consciência um emaranhado de coisas que lhe tiram energias e equilíbrio psicológico e espiritual. Depois, a Virgem domina o panorama interior e se faz a mestra e o maior consolo no final da sua vida.

Falece aos 13 anos e meio de idade. Não chegou a ler a vida de Domingos Sávio, morto a 9 de março do mesmo ano de seu ingresso no Oratório, e de quem se conservava viva a edificante recordação. Porém, sua própria biografia, escrita por seu mestre e pai espiritual, seria proposta também por Dom Bosco aos rapazes, à maneira de uma aventura “um pouco romântica” de um pequeno que, abandonado a si mesmo, podia ter se perdido nos vícios, porém, correspondendo ao Senhor, tinha chegado a percorrer um caminho admirável para todos os que o conheceram.¹⁰⁷

¹⁰⁷ Cf. São João Bosco, *Vida do jovem Miguel Magone: aluno do oratório São Francisco de Sales*, p. 10.

São notáveis, dentro da grande tradição de estudos acerca do Fundador, os livros de Alberto Caviglia dedicados a essas figuras juvenis, glosando, espiritualmente e pedagogicamente, as Vidas escritas por Dom Bosco, às quais já nos referimos de uma forma ou de outra. Estão incluídas dentro da coleção *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco*. Turim, SEI: Vol. IV, *La vita di Savio Domenico e Savio Domenico e Don Bosco*, 1942-1943 [Ristampa: junho 1977]. Vol. V. *Il Magone Michele*, 1964.

Francesco Orestano, humanista e pedagogo, chegou a dizer que “santificando a alegria de viver” Dom Bosco tinha ensinado a experimentar “a euforia”, quer dizer, a capacidade de convencer e de apaixonar que tem a vida cristã.¹⁰⁸ A “alegria” chegou a ser para o santo educador em verdade, como afirma Pietro Braido, “uma forma de vida” e “um fator educativo insubstituível”, que brota da própria índole psíquica do jovem e do espírito de família que o envolve com sua experiência de segurança e de confiança.¹⁰⁹

Porém, mais em profundidade, como o evidencia o caso da conversão de Magone, a alegria nasce dessa serenidade interior que dá a presença de Deus no coração inquieto e insaciável de carinho, de perdão e de amizade dos jovens. É um fruto da vida da graça. Algo que não tem a precariedade das satisfações jubilosas que brotam da própria índole dessa idade, ávida de entretenimentos, de aventuras exultantes, de energias e criatividade, de surpresas e de lucros, de pequenas conquistas lúdicas, da realização momentânea de sonhos passageiros e de ideais fugazes.

Magone, já integrado na vida oratoriana, comprovou que na alma de seus companheiros havia outra “alegria”, que ele ainda não tinha descoberto nem experimentado e à qual se opunha esse obscuro mundo interior de sua vida passada, sem esclarecer nem sanar ainda.

Isso começou a afundá-lo na solidão, na tristeza, no desencanto de tudo. Porém, quando na intimidade com Dom Bosco conheceu a graça do sacramento da Confissão, tudo mudou, e o mundo se tornou um caminho ligeiro para a Casa do Pai. A oração e a meditação se tornaram habituais, a música e o canto, uma oportunidade original para invocar e bendizer o Senhor.

¹⁰⁸ Ver o discurso do acadêmico Francesco Orestano, na comemoração cívica de Dom Bosco em Cagliari, Sardenha, Itália, dia 17 de novembro de 1934, e da qual se fala em BS 5 [1935] maio, p. 139-140.

¹⁰⁹ Pietro Braido, *L'esperienza pedagogica di Don Bosco*. Roma, LAS [1988], p. 144-145.

A comunhão foi o cume de sua experiência de Deus. Então entendeu, por própria experiência, a frase que Dom Bosco lhes repetia: “Estejam sempre alegres! Corram, brinquem, inventem tudo o que os faça felizes, exceto aquilo que possa ser ofensa de Deus!”.

Da mão da Virgem, seu “pai espiritual” foi levando a Magone da conversão radical até a santidade jubilosa. O trato ordinário com seus companheiros e educadores demonstrou uma vez mais a bondade e a gratidão de que seu coração fazia tesouro. Dele, então, se podia esperar tudo de bem!¹¹⁰

Em Domingos Sávio, por sua vez, Dom Bosco tinha encontrado um terreno disposto para uma grande aventura. Ambos, com seu mestre, empreenderam-na sem duvidar um momento. Era uma oportunidade excepcional e Dom Bosco assim a entendeu. A vontade indeclinável de conquistar a santidade, à luz do Coração Imaculado de Maria, levou-o a imolar-se pelo bem dos demais. Esse foi o segredo interior guardado, sem nenhum alarde, na profundidade de seu coração, tão sensível à caridade. Por outra parte, seu confessor respeitou os dons de oração que descobriu e soube orientar com sabedoria pedagógica. Nele secundou a capacidade de amizade e de testemunho cristão. Acreditou nele e fez a seu lado e com o seu ritmo a mesma caminhada.¹¹¹

De Pietro Stella, há páginas preciosas quando analisa *O jovem instruído*, manual de santidade elaborado cuidadosamente por Dom Bosco, à medida dos jovens de seu tempo e de seu ambiente. Neste livro, tudo expressa a felicidade de ser filhos de Deus, de ser o que Ele quer que sejam, de modo que na vida real, assim como acontece, vivida com amor, se desenvolva uma “liturgia da alegria”.¹¹²

¹¹⁰ Cf. São João Bosco, *Vida do jovem Miguel Magone*, p. 21-28, 39-48.

¹¹¹ Cf. Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco*, p. 113-128.

¹¹² Pietro Stella, *Valori spirituali nel Giovane Provveduto di San Giovanni Bosco*. Roma, 1960, p. 86-93.

Era uma das características típicas do sacerdócio e da arte educativa de Dom Bosco, a de transformar a vida de seus “filhos” numa festa, e gozar também da alegria incomparável de entregar-se por completo a seu bem.¹¹³

Além de ser fruto de um estado de espírito espiritual e psicológico, tem por si uma função terapêutica: distensão, multiplicar as energias positivas, descansar o mundo afetivo. É sinal de saúde e de equilíbrio emocional. Um educador alegre semeia confiança e serenidade a seu redor. Também a alegria se cultiva como uma atitude que por sua vez estimula e pacifica o espírito.

2.4 Educação que põe ênfase particular nos aspectos social e do trabalho

Com esse sentido humano que apresentamos em Dom Bosco, vemos que, para acompanhar adequadamente a caminhada de seus filhos espirituais, incorpora todos os elementos de uma *formação integral*, com ênfase especial em sua capacitação para o trabalho.

Assim o exigia a índole social de pobreza e abandono de seus rapazes. Necessitavam, com efeito, encontrar recursos necessários de sobrevivência e, assim mesmo, pensando em seu futuro, poder adquirir uma séria formação técnica, moral e espiritual que os habilitasse a ser testemunhas e fermento de vida cristã no meio familiar e social: “bons e honestos cidadãos”, “úteis e honestos cidadãos”, escreve literalmente Dom Bosco, pessoas úteis e exemplares “em suas famílias e em seus povoados de procedência”.¹¹⁴

¹¹³ Cf. Alberto Caviglia, *Il Magone Michele*, p. 36-38; Pietro Braidò, *L'esperienza pedagogica di Don Bosco*. Roma, LAS [1988], p. 144-148; Cosimo Semeraro [ed.], *La festa nell'esperienza giovanile del mondo salesiano*. Leumann-Turim, LDC, 1988; Cosimo Semeraro [ed.], *Atti del XVI und Feier in der erfahrungswel der Jugend*. Viena, agosto 1997. Leumann-Turim, LDC, 1988.

¹¹⁴ *Bibliofilo Cattolico o Bollettino Salesiano* 5 [1877] agosto, p. 2; 6 [1877] se-

Jovens que, tendo chegado a essa “casa que ele lhes tinha preparado” para colmar os vazios de sua orfandade e de sua pobreza, pudessem logo ir descobrindo o sentido de sua vida e ir formando-se para afrontar honesta e dignamente as dificuldades e os desafios da realidade que os esperava no dia de amanhã.

Dom Bosco queria que se trabalhasse com amor e que o trabalho expressasse, com sacrifício e criatividade a seu tempo, os compromissos do dever de caridade e de justiça. Para ele, trabalho manual e trabalho intelectual se complementavam.

Também Dom Bosco harmonizou o trabalho com a arte da recreação. Enfim, Dom Bosco percebeu a extraordinária importância que tinha o trabalho como instrumento educativo para plasmar a personalidade humana em todas as suas potencialidades.¹¹⁵

Toda a pedagogia de Dom Bosco devia, pois, convergir num projeto operativo global que tinha em vista, do ponto de vista social, a promoção de uma convivência humana diferente, na qual reinassem a ordem, a tranquilidade e a paz da ordem cristã, como o expressava ele mesmo, em seu onomástico, dia 24 de junho de 1883.¹¹⁶

Um projeto que tinha a dimensão de fé de sua existência como núcleo fundamental, ou seja, o encontro profundo com Deus, o seguimento de Jesus Cristo e a perspectiva de seu Reino.

Nesse mundo interior atuava o ministério de Dom Bosco, sacerdote. Segundo a expressão de Alberto Caviglia, “*nunca se entenderá a Dom Bosco educador ou formador de santidade senão*

tembro, p. 2. Pietro Braido, “Il progetto operativo di Don Bosco e l’utopia della società cristiana”. *Quaderni di Salesianum* 6, p. 21. Roma, LAS [1882].

¹¹⁵ Cf. Silvio Tramontin, “Don Bosco e il mondo del lavoro”. In: Mario Midali [ed.], *Don Bosco nella storia*. Roma, LAS, 1990, p. 242, 251-252; Francesco Orestano, *Il Santo Don Bosco*. Cagliari, 1935, p. 32.

¹¹⁶ Pietro Braido, *Il progetto operativo di Don Bosco e l’utopia della società cristiana*, p. 10; BS 8 [1883], agosto, p. 128.

*pensando-o como confessor de seus jovens*¹¹⁷ e dirigindo-os para os ideais da santidade que ele nunca duvidava em propor a eles.

2.5 Sacramento da Reconciliação e da Penitência

Dentro do clima de *familiaridade e confiança* do Oratório, Dom Bosco encontrava sempre diversas oportunidades na vida cotidiana para estar com seus dirigidos, para escutá-los e ajudá-los a solucionar seus problemas, para orientar seus comportamentos nos caminhos em que Deus os conduzia. Em suas intervenções ordinárias era breve, mas sugestivo e convincente.

Porém, além disso, Dom Bosco se servia de particulares “espaços formativos”, como *o encontro pessoal e o sacramento da Reconciliação*, que lhe permitiam ter com eles oportunidade para ajudá-los a revisar sua conduta, motivando, retificando e reorientando critérios, atitudes e comportamentos em seus deveres ordinários, em suas experiências de fé, de oração e de apostolado, em vista dos ideais e compromissos de santidade que ele neles descobria, ou dos que ele mesmo lhes ia oportunamente propondo e assessorando.

É evidente que “a confissão” foi para Dom Bosco o meio sacramental e o espaço pastoral e educativo por excelência de seu ministério como “confessor”, “diretor” e “acompanhante” do caminho espiritual de seus filhos.

¹¹⁷ Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco*, p. 83. Oportunamente escreve Pietro Braidó: “Não basta que os confessores sejam aqueles que dão a absolvição. Ocorre que se tornem, no mais completo sentido da palavra, ‘educadores’; antes os mais verdadeiros educadores dos jovens, se a confissão é o fundamento, a ‘base’, o ‘sustentáculo’ de uma instituição educativa” (Pietro Braidó, *Il sistema preventivo di Don Bosco*. Zurique, PAS-Verlag, 1964, p. 285).

Pietro Brocardo, *Maturare in dialogo fraterno. Dal “rendiconto” di Don Bosco al “colloquio fraterno”*. Roma, LAS, 1999, p. 66, 69.

BS 1 [1879] janeiro, p. 2; 1 [1882] janeiro, p. 2.

*No começo, uma boa confissão sacramental*¹¹⁸

Antes de tudo, Dom Bosco estava convencido de que a verdadeira direção espiritual começava com uma “boa confissão geral”, que, dado o seu caráter de sacramento, devolveria ou potencializaria a “vida da graça” nos jovens. Dessa experiência derivavam para o penitente a certeza de viver em “amizade com Deus” e a paz interior da consciência.

Desde esse momento, o acompanhamento formativo era sentido pelo jovem como se tudo recomeçasse de novo em sua “vida espiritual”, com a ajuda de um pai e um “amigo da alma”. Isso tanto através dos princípios que teriam de orientá-lo e conduzi-lo como em sua concreta conduta cristã.

Efetivamente, o horizonte de vida espiritual que de imediato Dom Bosco mostrava para os “jovens penitentes” era o de “servir ao Senhor com alegria”, frase que era sinônimo de “santidade” e que se concretizava “na vida de cada dia”. Tal meta Dom Bosco propunha como síntese da “felicidade” que desejavam, explícita ou implicitamente, seus rapazes e que lhes era acessível, como para todo batizado, na linha da espiritualidade humanista tanto de Santo Afonso como de São Felipe Neri e São Francisco de Sales.

[No entanto a confissão exige do penitente a vontade de abrir seu coração ao ministro de Deus; e da parte deste, um julgamento espiritual pelo qual, agindo em nome de Cristo, pronuncia, em virtude do poder das chaves, a sentença de remissão ou da retenção dos pecados [...]. Ao pecador que manifestou sua conversão ao ministro da Igreja, pela confissão sacramental, Deus concede o perdão mediante o sinal da absolvição e assim se realiza o sa-

¹¹⁸ Nesta parte de nossa reflexão, e à maneira de glosa, iremos colocando entre colchetes frases do *Sacramentário* (Edição típica em tradução portuguesa para o Brasil, realizada e publicada pela CNBB. São Paulo, Paulus, 2003); dos documentos de João Paulo II, e do documento da CNBB: *Pastoral da Penitência* (5ª ed. São Paulo, Edições Paulinas, 1983). Esta leitura pode dar pistas para uma compreensão atualizada do pensamento de Dom Bosco.

cramento da Penitência. Pois, segundo o plano salvífico divino, pelo qual apareceram aos homens visivelmente a humanidade e a bondade de Deus nosso Salvador, Deus quer conceder-nos a salvação e renovar a aliança rompida, por meio de sinais.¹¹⁹

Como o pecado é uma ofensa a Deus que destrói a amizade com ele, a penitência “busca, em última análise, que amemos intensamente a Deus e nos entreguemos totalmente a ele”. Por isso, o pecador que pela graça de Deus misericordioso trilha o caminho da penitência regressa ao Pai que “nos amou primeiro” (1Jo 4,19), ao Cristo, que se entregou por nós, e ao Espírito Santo, que nos foi dado em profusão.

Mas, por insondável e gratuito mistério da divina disposição, acham-se os homens de tal modo sobrenaturalmente unidos entre si, que o pecado de um prejudica aos outros, como também a santidade de um traz benefícios aos outros. Deste modo a penitência exige sempre a reconciliação com os irmãos, aos quais o pecado prejudica.

Ainda mais, assim como os homens frequentemente colaboram entre si na prática do mal, também se ajudam mutuamente na penitência, a fim de que, livres do pecado pela graça de Cristo e unidos a todos os homens de boa vontade, realizem no mundo a justiça e a paz.¹²⁰

Mas é bom recordar e acentuar que contrição e conversão são, sobretudo, uma aproximação da santidade de Deus, um reencontro da própria verdade interior, obscurecida pelo pecado, um libertar-se no mais profundo de si próprio e, por isso, um reconquistar a alegria de ser salvo, que a maioria dos homens do nosso tempo já não sabe saborear.¹²¹

Contudo, para que este sacramento de salvação produza realmente seus efeitos nos fiéis cristãos, deve lançar raízes em toda a sua vida, impelindo-os a servir com maior fervor a Deus e a seus irmãos.^{122]}

¹¹⁹ *Sacramentário*, p. 38, 39.

¹²⁰ *Sacramentário*, p. 37-38.

¹²¹ João Paulo II, *Reconciliatio et Paenitentia*, 31. III.

¹²² *Sacramentário*, p. 40.

Relações humanas no sacramento

As atitudes enfatizadas por Dom Bosco na celebração do sacramento são *a confiança e a sinceridade*.

Nessas atitudes morais Dom Bosco apoiava o conhecimento objetivo do dirigido e sua disponibilidade para o sacramento: a veracidade de sua confissão, a manifestação de seus estados de consciência e das condições de sua alma. O sacerdote, portanto, devia ganhar o coração do penitente com suas atitudes bondosas e solícitas na acolhida pessoal, e com a compreensão, a paciência e o estímulo em suas intervenções sacramentais.

Sem estes pressupostos antropológicos e éticos, era inútil todo intento para dirigi-los, orientá-los e iniciar com eles os itinerários da vida espiritual.

[Perante a consciência do fiel, que a ele se abre, com um misto de tremor e de confiança, o confessor é chamado a uma tarefa sublime que é o serviço à causa da penitência e da reconciliação humana: conhecer as fraquezas e as quedas de um determinado fiel, avaliar o seu desejo de recuperação e os esforços para consegui-la, discernir a ação do Espírito santificador no seu coração, comunicar-lhe o perdão que só Deus pode conceder, “celebrar” a sua reconciliação com o Pai representada na parábola do filho pródigo, reinsserir esse pecador resgatado na comunhão eclesial com os irmãos e advertir paternalmente esse penitente com um firme, encorajador e amigável “doravante não tornes a pecar”.¹²³

O que na parábola do filho pródigo sobressai mais é o acolhimento festivo e amoroso do pai ao filho que regressa: imagem da misericórdia de Deus sempre pronto a perdoar. Assentemos desde já isto: a reconciliação é principalmente um dom do Pai celeste.¹²⁴

O penitente confessa os pecados começando, onde for costume, pela fórmula geral da confissão: Confesso a Deus... O sacerdote, se for preciso, ajudá-lo-á a fazer uma confissão íntegra,

¹²³ João Paulo II, *Reconciliatio et Paenitentia*, 29.

¹²⁴ João Paulo II, *Reconciliatio et Paenitentia*, 5.

exortá-lo-á a um sincero arrependimento das ofensas a Deus; e finalmente, com oportunos conselhos, ajudá-lo-á a começar uma vida nova, instruindo-o na medida do necessário sobre seus deveres de cristão.¹²⁵

a) Para que o confessor possa desempenhar fiel e retamente o seu ofício, deve discernir as enfermidades espirituais, aplicar-lhes os remédios convenientes e exercer com sabedoria seu ofício de juiz; deve adquirir a ciência e a prudência necessárias, pelo estudo assíduo guiado pelo Magistério da Igreja, e sobretudo recorrer a Deus pela oração. Pois o discernimento dos espíritos é o conhecimento íntimo da ação de Deus no coração dos homens, dom do Espírito Santo e fruto da caridade.

b) O confessor deve mostrar-se disposto a ouvir as confissões dos fiéis, sempre que o peçam de modo razoável.

c) Quando o confessor acolhe o penitente e o conduz à luz da verdade, desempenha uma função paterna, revelando aos homens o coração de Deus Pai, e tornando-se a imagem de Cristo Pastor. Deve recordar-se, por conseguinte, que lhe foi confiado o mesmo ministério de Cristo, que cumpriu misericordiosamente a obra da redenção para salvar os homens, e está presente, pelo seu poder, nos sacramentos.

d) O confessor, sabendo que conheceu, na qualidade de ministro de Deus, a consciência secreta de seu irmão, está obrigado a guardar religiosamente o sigilo sacramental.^{126]}

Prazer da amizade com Deus

O sentido da festa era típico nas celebrações penitenciais do sacramento e na solicitude do acompanhamento espiritual de Dom Bosco. Já o ver um jovem que entrava em sua casa enchia de gozo seu coração. Era efetivamente, para ele, uma oportunidade nova que lhe dava o Senhor em seu empenho pela “salvação das almas”, que era a razão de ser de seu sacerdócio e de sua vocação de educador. Cada novo filho no espírito seria

¹²⁵ *Sacramentário*, p. 43.

¹²⁶ *Sacramentário*, p. 40-41.

sua coroa de rosas e sua recompensa. Oxalá nunca sua coroa de espinhos.¹²⁷

O encontro com Dom Bosco não só podia produzir os efeitos de perdão e de reconciliação radical brotados do sacramento, mas levar a processos de libertação interior, de cura de feridas e doenças, de purificação e crescimento espiritual. A alegria dessas profundas mudanças causadas pela graça e pelo esforço e pela constância pessoais, de correção e de superação, se expressava nas manifestações de felicidade próprias de um coração sadio e agradecido ao Pai Celeste do qual Dom Bosco era apenas uma imagem.

Do sacramento brotava a fonte de uma alegria incomparável. Aquela que Miguel Magone, antes de sua primeira confissão, buscava ansiosamente, sem encontrá-la.

Aquela que, dizia Domingos Sávio, lhe dava o verdadeiro sentido da vida, e que somente culminaria para ele no paraíso! Essa alegria que fazia de toda a vida uma festa: Deus em seu coração e em seu pensamento, como se o céu se lhe “abrisse de repente sobre sua cabeça”! E ao mesmo tempo seu coração aberto à amizade, ao bem dos demais, às grandes perspectivas missionárias da Igreja empenhada na reevangelização da Inglaterra, fatos descritos por Dom Bosco no capítulo XX da vida de seu “santo discípulo”.

O tema da alegria é um dos mais originais da pedagogia de Dom Bosco, assegurava Pietro Stella em seu estudo acerca dos valores espirituais de *O jovem instruído*.

[A Igreja insiste sobre o reconhecimento da distância que se instalou entre amigos ligados por uma Aliança não cumprida e que, portanto, tem aspectos de ruptura da relação amical. A reconciliação se inicia com o propósito de voltar, continua num processo de conversão que se acentua no íntimo do penitente,

¹²⁷ MB VIII, p. 40.

fazendo seu coração desejar e se esforçar por conseguir o estado anterior de amizade.¹²⁸

Ao ser perdoado, o cristão sente a necessidade de louvar a misericórdia e a benignidade do Senhor, bem como de render graças ao Deus do perdão. Só a confissão da grandeza de Deus permite ao homem a alegria de quem se sente perdoado por amor. Sem essa dimensão de louvor e de gratidão, o sacramento da Penitência poderá ser uma humilhação, mas não será o sacramento da libertação.¹²⁹

A Páscoa de Cristo é que confirma a possibilidade de passar deste mundo de pecado para o Pai [...]. A libertação dos pecados pelo Sangue derramado e pelo Corpo entregue para a vida do mundo faz com que os pecadores redimidos conscientemente pelo sacramento da Penitência cantem hinos de louvor e deem graças ao Deus de misericórdia que perdoa seus filhos para reintegrá-los na glória com que coroou seu próprio Unigênito.

A alegria do perdão deve, pois, transparecer na celebração em cantos e em atitudes. [...] se o afastamento entristece, a volta traz consigo o júbilo que provoca a festa de um banquete (cf. Filho Pródigo - Lc 15,11-32; Zaquie - Lc 19,1-10).¹³⁰

Um confessor estável

Ter um *confessor estável* era uma insistência muito sábia de Dom Bosco, que conhecia a inexperiência e a fácil vulnerabilidade moral dos jovens. Acertadamente, ao menos implícita ela continha a proposta de levar adiante um processo de crescimento espiritual e de ter, para fazê-lo possível, unitário e progressivo, a direção e o acompanhamento adequado de seu próprio confessor.

¹²⁸ *Pastoral da Penitência*. Documento aprovado pela Comissão Representativa da CNBB (18-25 de outubro de 1976) e referendado pela XV Assembleia Geral (Itaici, 7-17 de fevereiro de 1977). São Paulo, Edições Paulinas, 1983, 5ª ed., p. 31-32.

¹²⁹ *Pastoral da Penitência*, p. 32.

¹³⁰ *Pastoral da Penitência*, p. 33.

Isso implicava: organizar o trabalho formativo nos níveis profundos da vida da graça; formar a consciência e o coerente comportamento cristão de acordo com metas e com propósitos possíveis e eficazes; esforçar-se constantemente para a retificação e a correção de defeitos e de equívocos; adquirir as virtudes próprias da idade; e, como consequência, lograr, com a ajuda do Senhor, alcançar a maturidade e a “perfeição” relativas à condição e às circunstâncias de vida concretas de cada penitente.

Por outra parte, Dom Bosco faz oportunos e insistentes convites aos sacerdotes para que se revistam daquelas qualidades pastorais e educativas que correspondam a uma digna administração do sacramento e ao acompanhamento formativo, continuado e gradual de que cada jovem necessita.

Insiste com os confessores nas atitudes e maneiras bondosas, e exigentes, por sua vez, no atender seus dirigidos e particularmente os jovens; no cuidado em ajudá-los a rever sua vida passada e a maneira com que fizeram suas confissões; na responsabilidade que têm de levá-los a formar uma consciência reta e uma conduta coerente.

Aos rapazes convida-os a confiar no ministério sacramental dos sacerdotes como de “pais que só desejam fazer-lhes o bem”. E os exorta a que, uma vez encontrado o confessor que lhes inspire a confiança necessária, não o troquem facilmente, mas o tenham como “amigo da alma”, com quem possam “*perseverar no bem*”.

[Como no altar onde celebra a Eucaristia e como em cada um dos sacramentos, o sacerdote, ministro da penitência, age “*in persona Christi*”. O mesmo Cristo, por ele tornado presente e que por meio dele atua o mistério da remissão dos pecados, é Aquele que aparece como irmão do homem, pontífice misericordioso, fiel e cheio de compaixão, pastor decidido a procurar a ovelha perdida, médico que cura e conforta, mestre único que ensina a verdade e indica os caminhos de Deus, juiz dos vivos e dos mortos, que julga segundo a verdade e não segundo as aparências. Trata-se, sem

dúvida, do ministério mais difícil e delicado, do mais cansativo e exigente; mas também de um dos mais belos e consoladores ministérios do sacerdote[...].¹³¹

Mas acrescento também que, até para ser bom e eficaz ministro da Penitência, o sacerdote precisa recorrer à fonte da graça e santidade presente neste sacramento. Nós sacerdotes, com base em nossa experiência pessoal, bem podemos dizer que, na medida que procuramos recorrer ao sacramento da penitência e nos aproximamos dele com frequência e com boas disposições, desempenhamos melhor nosso próprio ministério de confessores e melhor asseguramos aos penitentes seu benefício. De outro modo, este ministério perde muito da sua eficácia, se de alguma maneira deixássemos de ser bons penitentes. Tal é a lógica interna deste grande sacramento. Ele convida-nos, a todos nós sacerdotes de Cristo, a uma renovada atenção à nossa confissão pessoal.

A experiência pessoal, por sua vez, torna-se e deve tornar-se hoje um estímulo para o exercício diligente, pessoal, paciente e fervoroso do ministério sagrado da Penitência, a que estamos comprometidos por força do nosso sacerdócio e da nossa vocação para ser pastores e servidores dos nossos irmãos.¹³²

A confissão individual se desenvolva numa linha de diálogo e colóquio fraternal entre penitente e confessor. Procure este ter para com o penitente atitudes de paciência, compreensão e misericórdia, inspirado nos exemplos de Cristo.

A penitência celebrada de modo individual não pode reduzir-se ao perdão dos pecados, mas deve colocar em realce o valor personalizante do aconselhamento, da orientação de vida e da direção espiritual. Sem confundir os campos, a acusação individual dos pecados espera, por parte do confessor, uma resposta da Igreja como formadora da consciência e uma crítica do juízo interpretativo quanto aos atos do penitente. Não se negue a ninguém o direito de ser ouvido, quando manifeste o desejo de atendimento pessoal.¹³³

¹³¹ João Paulo II, *Reconciliatio et Paenitentia*, n. 29.

¹³² João Paulo II, *Reconciliatio et Paenitentia*, n. 31.

¹³³ *Pastoral da Penitência*, p. 47.

A tarefa penitencial não seja apenas uma formalidade, mas o confessor tenha o cuidado de dialogar com o penitente, pedindo sua sugestão ou motivando para uma prática concreta que vá ajudar o processo de conversão por um esforço convergente de atos que possam servir de remédio às faltas acusadas.^{134]}

Célebre capítulo escrito por Dom Bosco

Na vida de Magone há um capítulo especial dedicado à *confissão* e aos *confessores*, já que em relação a esse adolescente se vê com particular evidência a contribuição formativa do sacramento. Porém, todas as biografias de seus meninos são testemunhos eloquentes do papel que tem na vida espiritual de seus dirigidos o *confessor certo*, cuja presença estabiliza e canaliza os processos formativos. Com este termo de aparente simplicidade, Dom Bosco quer referir-se explicitamente à direção espiritual.

O autor mostra nessas páginas o significado relevante que tem o sacramento para que o jovem mude de vida e, *acompanhado por seu confessor*, no qual encontrou *um verdadeiro amigo da alma*, vá construindo através das coisas da vida ordinária, feitas como devem ser e por amor do Senhor, o caminho da perfeição. “Atenhamo-nos ao fácil, porém, feito bem e com perseverança.”¹³⁵

Desta maneira, uma vez mais, sua experiência pessoal, tanto quanto aos *confessores-diretores* que teve, sobretudo de forma metódica a partir da época de seus estudos em Chieri, como ao que ele foi para seus discípulos e filhos espirituais, permanece para nós como testemunho e proposta paterna de quem nos sentimos filhos e discípulos em espírito.

Sobre este tema, João Paulo II fez um claríssimo pronunciamento, falando no dia 30 de janeiro de 1981 aos confessores das Basílicas Romanas:

¹³⁴ *Pastoral da Penitência*, p. 47.

¹³⁵ MB VI, p. 9; São João Bosco, *Vida do jovem Miguel Magone*, p. 29-33.

[O sacramento da Penitência, pelo que implica de saudável exercício de humildade e de sinceridade, pela fé que professa “*in actu exercito*”¹³⁶ na mediação da Igreja, pela esperança de que é portador, pelo atento exame de consciência que exige, é não somente um instrumento destinado a destruir o pecado, momento negativo, mas também um precioso exercício de virtude, ele mesmo expiação, escola insubstituível de espiritualidade, esforço altamente valioso de regeneração nas almas “do homem perfeito” “*in mensuram aetatis plenitudinis Christi*”.¹³⁷ Em tal sentido, a confissão, bem conduzida, é já, por si mesma, uma forma altíssima de direção espiritual.¹³⁸]

Reciprocidade espiritual

Na biografia de Domingos Sávio, Dom Bosco nos mostra o caso de um adolescente em quem seu confessor achou um coração disposto a empreender uma trajetória de crescimento espiritual que, à luz do mistério da Imaculada Conceição, se concretizou num projeto de santidade juvenil.

Precisamente nesses dias Dom Bosco convidava seus oratorianos a empreender essa caminhada possível para todos! Sávio acolheu essas palavras como uma faísca que incendiou seu coração. Desde então buscava, com inquietude, que todos aspirassem a metas semelhantes às suas.

O pai respeitou em seu filho espiritual os dons de oração que descobriu e orientou nele sua capacidade de amizade e de testemunho cristão, sua paixão pelo bem dos demais. Acreditou nele e fez a seu lado a mesma caminhada que ia fazendo seu discípulo.

Ao escrever essas páginas, primorosamente espirituais e historicamente verdadeiras, Dom Bosco esconde os próprios

¹³⁶ Cf. “no ato mesmo de sua realização”.

¹³⁷ Cf. “na medida da maturidade de Cristo”.

¹³⁸ *Acta Apostolicae Sedis*, LXXIII [1981] 2, março, p. 204.

processos interiores que vão acontecendo nele mesmo, estimulado pela trajetória ascensional que o discípulo ia percorrendo, enquanto os próprios companheiros e professores deste observavam curiosos e admirados a obra transformadora e criativa do Espírito nele.

Porém, não há a menor dúvida, como o estudou com uma competência particular padre Alberto Caviglia, de que a maravilhosa figura de Sávio, santo, foi uma obra de recíproca colaboração.

Além da graça de Deus, que sempre se deve levar em conta sob uma ótica de fé, trabalharam nesse objetivo tanto o adolescente como seu sacerdote acompanhante. Era perfeita a sintonia, com uma completa entrega do discípulo nas mãos de Dom Bosco e, por parte deste, um fino tato educativo e pastoral em suas intervenções no itinerário espiritual do adolescente.

Ainda mais: em virtude de uma afinidade particular entre a psicologia do rapazinho e a de seu acompanhante, ambos pertencentes a uma mesma cultura rural do Monferrato, embebida de proverbiais tradições religiosas e místicas, feita de verdade para essa escola de santidade, Domingos pôde fazer seus, à sua maneira, a palavra e o testemunho de vida do mestre.

Trata-se, pois, de dois processos em recíproca relação. O de Domingos Sávio, caldeado em certa maneira por Dom Bosco, sem perder nada de seu protagonismo e de seu estilo, e o de Dom Bosco, por sua vez, potencializados pela vida em crescimento e maturidade singular de seu aluno. Uma obra comum, levada a cabo particularmente na confissão por meio da qual Dom Bosco o guiou e o sustentou em seus processos espirituais, ajudando-o a manter-se aberto e disponível à obra da graça, até dar os frutos de perfeição cristã que conhecemos.¹³⁹

¹³⁹ Cf. Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco*, p. 589, 83. Cf também Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica...*, vol. II, p. 310, 420, nota 215; Alberto Caviglia, *Conferenze sullo spirito salesiano*. [Turim] Le compagnie del Istituto Internazionale Don Bosco [1953], p. 75-81; Cósimo Semeraro, *Don Alberto Caviglia*. Turim, SEI, 1994, p. 10-14.

Tudo, enfim, construído nessa época de grandes experiências de fé, de ideais profundos, à base daqueles valores temporais e eternos que nos fazem pessoas e do amor a Jesus Cristo e de seu exemplo. Uma época, enfim, e um projeto de vida diametralmente contrastantes com nossa e com suas propostas de incredulidade e consumismo. É época esta chamada de *época do vazio, do efêmero e o crepúsculo do dever*, que ameaça o porvir e os sonhos de nossas gerações contemporâneas, segundo o pensamento de Gilles Lipovetsky.

Se olhamos como se impõem nos contextos culturais, hoje em dia, o “cinismo, a negação do esforço e do sacrifício pessoal e o desencanto”, que desconhecem por completo toda esta linguagem com a qual estamos falando e escrevendo, é para pensar uma vez mais na evidente e imperiosa tarefa da nova evangelização que continua sendo uma das maiores aspirações do povo cristão no começo deste novo milênio.

Afirma Lipovetsky que, seja o que for que vá oferecendo à civilização do bem-estar e do consumo, a alegria de viver não caminha no mesmo ritmo dessas pretensões momentâneas. Se há uma epidemia de suicídios, não é porque a sociedade endureceu, mas porque a pessoa humana está mais sozinha e desprotegida, e porque se perdeu o sentido mesmo da vida.¹⁴⁰

É tempo, portanto, de nos sobrepormos à incredulidade e, por conseguinte, ao fatalismo que nos vai reduzindo às soluções pragmáticas do bem-estar tecnológico e hedonista. Ou, sem parar, continuaremos, de tombo em tombo, tratando de sustentar-nos ainda na frivolidade e inconsistência de uma civilização imediatista que não consegue superar suas ansiedades nem seus medos.

¹⁴⁰ Sébastien Charles Gilles Lipovetsky, *Los tiempos modernos*. Barcelona, Anagrama, 2004, Colección Argumentos.

A opção humilde que fez Domingos por seu Deus, o Deus de sua infância que lhe cresceu por dentro e se revelou a ele em plenitude no rosto de Cristo glorioso e do próximo, volta a ser para nós a opção pelo amor que resgata definitivamente o dom da vida, com sua doação. O único definitivo capaz de emergir da barbárie do tempo presente. Também nós, homens e mulheres de fé, como o adolescente da história, que se sentiu amado e aprendeu a amar para fazer felizes os outros, fazemos consistir a salvação na alegria, porque nunca o egoísmo humano foi alegre, mas sim semeador de anormalidades e desconcertos.

A possibilidade de reconhecer nossos sentimentos e de expressá-los é um índice de saúde mental, diz Fran Ferder. O fecharmo-nos em nós mesmos, favorecendo o egocentrismo e os relativismos morbosos também nas condutas morais, pode denunciar carência de amadurecimento humano e espiritual e, talvez, a presença de desequilíbrios psicológicos preocupantes. “Ajudar a clarificar essas realidades e processos é hoje uma das dimensões do nosso ministério pastoral.”¹⁴¹

3. Direção espiritual em Dom Bosco no âmbito da confissão e da consciência pessoal

3.1 Confessando, Dom Bosco dirigia seus filhos

Dom Bosco “desejou sempre ser o pai, o amigo, o confidente, o guia dos jovens já na vida ordinária de cada dia. Muitos deviam aproximar-se de seu confessor com as mesmas simplicidade, confiança, afetuosidade com as quais se avizinham dele no pátio para escutá-lo ou somente para estar com ele”.¹⁴²

¹⁴¹ Fran Ferder, *Palabras hechas de amistad: la comunicación humana a la luz del Evangelio y la psicología*. Madri, Narcea Editores, 1995, p. 61-66.

¹⁴² Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica...*, vol. II, p. 310.

Segundo padre Stella, Dom Bosco desejou sempre obter *a máxima abertura de consciência* por parte de seus dirigidos. Da mesma maneira com que o faz São Francisco de Sales com as Irmãs da Visitação, Dom Bosco sugere aos salesianos que tenham as mesmas atitudes de confiança que uma criança para com sua mãe. E chama felizes os que vivem com espontaneidade a mensagem neotestamentária da infância espiritual, porque poderão gozar da verdadeira paz de espírito.¹⁴³

Por que realizar o acompanhamento espiritual no sacramento da Reconciliação? Antes de tudo, pelo clima de fé e de oração próprio do sacramento. Embora tenha limitações de tempo e, ainda, de espaço.

Efetivamente, “no ambiente de família e de serena alegria criado na ‘casa’ por Dom Bosco, a piedade ocupava um lugar de primeira ordem. Uma piedade que tinha como centro a oração e a vida sacramental. Está fora de dúvida que a confissão era uma das colunas de seu sistema educativo”, escreve Semeraro na vida de Caviglia. A oração a precedia e a acompanhava.

A direção espiritual tinha no encontro entre as pessoas seu momento formativo por excelência. Um momento no qual a relação com a pessoa de Dom Bosco era mesmo uma relação única, com o Pai, como aparece na parábola do filho pródigo relatada por São Lucas. Relação de reencontro, de resgate do penitente, talvez da ausência da intimidade familiar, ou da enfermidade ou da morte, à saúde da vida. Um momento festivo de incalculável intensidade.

Miguel Magone é apanhado de improviso pela graça do perdão e da reconciliação, antes só pressentidos e buscados, e a alegria o invade por completo. Sintetizou a Dom Bosco essa experiência maravilhosa dizendo-lhe brevemente que “estava

¹⁴³ Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica...*, vol. II, p. 420.

imensamente feliz”. Essa noite lhe parecia que estava no paraíso, e teve a certeza e tomou a resolução inquebrantável de não perder nunca mais essa paz e esse gozo incomparáveis do espírito dos quais desfrutava agora.

Porém, Dom Bosco sabia também que a confissão chegava ao âmbito do coração e da consciência, onde se discerniam os chamados de Deus e as respostas livres e generosas de seus rapazes. Aí acontecia o drama da luta entre o amor de Deus e o pecado. Aí se achavam as raízes profundas das desolações interiores, das rebeldias inquietantes, das inseguranças e dos temores em que muitas vezes se debatia o espírito.

Por isso queria ser ele mesmo o confessor de seus filhos, para poder escutar e dar consolo e esperança, e trazer, além do dom de seu ministério, as orientações e as “diretrizes de vida” que eram mais oportunas e indispensáveis.

Dom Bosco neste segundo momento, que pertence já ao “acompanhamento”, era breve e concreto. Uma arte que aprendera com padre Cafasso, seu confessor e diretor espiritual.

A modalidade de seu ministério de ajuda e seguimento era fruto antes de tudo de sua experiência pessoal. Efetivamente, a partir de sua ordenação sacerdotal Dom Bosco teve três confessores que o acompanharam em seu itinerário espiritual: José Cafasso, até a morte deste, em 1860; depois Félix Golzio, falecido aos 65 anos, em 1873; e, por último, João Giacomelli, antigo companheiro de Seminário, com o qual fez sua última reconciliação, aos 23 de dezembro de 1887, às 5 horas da tarde.

Alberto Caviglia escrevia, num excepcional testemunho pessoal, que ninguém entrou na casa de Dom Bosco sem ser, de imediato, conduzido àquele lugar em que, “confessando, ele dirigia seus filhos” e lhes devolvia a paz do coração, a certeza de ser amado e perdoado por Deus, e a esperança.¹⁴⁴ Porém, era onde se mostrava exigente e severo, pois não queria que seus filhos caíssem na me-

¹⁴⁴ Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco*, p. 83.

diocridade e na rotina. Todos sabiam que agia de tal forma porque os amava de verdade e porque intuía o que Deus queria deles.

É verdade que nesta prática pastoral de Dom Bosco a vida foi sua grande mestra. Porém, guiava-se pelos critérios fundamentais da doutrina inaciana, da *Introdução à vida devota*, de Francisco de Sales, e da mais autorizada tradição eclesial, nascida dos Padres do deserto,¹⁴⁵ segundo os quais *a disponibilidade interior da pessoa era “a primeira letra do alfabeto da perfeição cristã”*. *Se não se tinha chegado ao coração, tudo o mais era inconsistente e inseguro. Por isso mesmo Dom Bosco se mostrava, com especial cuidado no “sacramento”, como “pai” e “amigo”, consciente da nova vida que Deus ia gerando por meio de seu ministério em seus penitentes, feitos discípulos, filhos e “amigos da alma”*.¹⁴⁶

3.2 Colóquio interpessoal

Resumindo, para Dom Bosco *a confissão e o acompanhamento* eram os caminhos pelos quais devia conduzir seus filhos à perfeição.

Hoje em dia, seja qual for a modalidade em que se ministre a direção espiritual, deve-se levar em conta que a confissão e o acompanhamento são dois aspectos *complementares*, ambos imprescindíveis na vida espiritual. Isso implica consonância na mentalidade e nos critérios entre confessor e “acompanhante” quando constituem instâncias pastorais e formativas separadas.

¹⁴⁵ Tocando neste aspecto da direção espiritual, Dom Bosco cita Cassiano, em documento a ser datado entre 1860 e 1873. Refere-se também ao capítulo 4 das Constituições dos jesuítas (cf. Francis Desramaut, *San Giovanni Bosco direttore d’anime*, em *La direzione spirituale*, Leumann-Turim, Editrice Elledici, 1983, p. 60).

¹⁴⁶ O artigo de Jacques Schepens sobre “Don Bosco e l’educazione ai sacramenti della penitenza e dell’eucaristia” oferece algumas contribuições que integramos neste texto. (Ver em Mario Midali [ed.], *Don Bosco nella storia*. Roma, LAS, 1990, p. 371-392.)

Quanto à importância do fato de que Dom Bosco, ao confessar, dirigia seus filhos, ver Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco*, p. 83.

A autonomia da “relação de ajuda”, ou “acompanhamento sistemático”, pede uma organização prática que tem como momento imprescindível de referência, periodicamente, o “encontro”, o “colóquio pessoal”.

Cada consulta ou colóquio espiritual vai assinalando a direção e o ritmo da *caminhada* que se empreendeu, do *projeto de vida* que se quer levar a cabo.

Isso quer dizer que é o momento importante em que:

1. Acompanhado e acompanhante se conhecem melhor e vão entabulando uma relação estável.

2. Acompanhado e acompanhante falam, esclarecem:

– as aspirações que o sujeito que busca ser acompanhado tem nesse momento, em relação à sua vida espiritual; suas situações existenciais concretas (estudante, profissional, empregado, formando de algum instituto religioso, membro de um grupo eclesial etc.);

– as razões que tem para pedir a ajuda deste diretor espiritual ou acompanhante (confiança, amizade, informação ou conselho de outras pessoas etc.);

– as possibilidades e disposições que o futuro acompanhante tem para prestar-lhe esse serviço pastoral.

3. Acompanhado e acompanhante fixam, então, a modalidade e as características do acompanhamento:

– compromissos recíprocos;

– frequência periódica das entrevistas pessoais;

– estilo das relações formativas: confiança, seriedade e cumprimento no processo de acompanhamento que se vai iniciar; algum tipo de leitura básica para conhecer melhor a índole e os valores formativos e espirituais da direção espiritual; uma primeira informação básica se já há intenção de seguir determinada vocação na Igreja: laical ou à vida religiosa, ao sacerdócio ministerial, missionária, educativa, de compromisso evangelizador ou cultural: de estudo ou social, artístico, desportivo etc.;

- assuntos que se devem prevenir tanto com respeito às limitações e aos riscos como aos dotes e possibilidades latentes que não podem ficar infrutíferos na vida espiritual do sujeito;
- programação de um primeiro trabalho ou compromisso concreto, por parte do dirigido, que dê início ao processo formativo.

A qualidade e a eficácia do encontro dependerão do estilo e conteúdo das relações, do espírito de fé que o inspire e acompanhe. Naturalmente, dentro da vida salesiana as categorias fundamentais do Sistema Preventivo (o espírito salesiano como as identificava o próprio Dom Bosco no final de sua vida) são imprescindíveis e devem assimilar-se de forma atualizada a conceitos psicológicos vigentes:

- *acolhida e aceitação incondicionais*;
- *escuta* paciente e personalizada;
- *racionalidade* tanto nas atitudes, nos comportamentos e nas relações recíprocas como no discernimento, nas motivações e nas decisões que se assumam tanto pelo acompanhante como pelo sujeito dirigido;
- *bondade*, que torna amável o acompanhante e dá ao dirigido a satisfação de sentir-se amado;
- *empatia*, que leva ao conhecimento mútuo e a uma recíproca apreciação;
- *confiança*, que facilita a expressão da verdade e a manifestação dos estados de ânimo, e pode levar às “confidências sinceras e profundas” e à aceitação da própria realidade por parte do sujeito acompanhado, ao melhor estudo e à determinação de conclusões e compromissos práticos.

Por sua vez, por parte da pessoa que solicita o acompanhamento espiritual, são atitudes e comportamentos necessários e construtivos:

- *disponibilidade ativa* para a manifestação: dos problemas e temores; dos estados de consciência; das aptidões e tendências

positivas; dos próprios ideais e, por conseguinte, das inspirações de Deus que percebe ou que supõe possíveis;

– *liberdade*, necessária para tornar-se responsável pelo próprio protagonismo e, em particular, pelas determinações e condutas;

– *exercício da inteligência emocional* para entender e aceitar o mundo dos sentimentos transitórios e dos sentimentos profundos, por meio dos quais passa o discernimento espiritual, que é a constante que orienta para a autenticidade da inspiração divina e da vontade de Deus em todo o processo formativo;

– finalmente, a busca e a formulação de *compromissos oportunos, possíveis e passíveis de serem avaliados*.

3.3 Clima comunitário e ambiental próprio da direção espiritual personalizada

Para Dom Bosco, não bastava a relação pessoal se não se dava um clima vital de “espiritualidade salesiana preventiva” no contexto imediato. Deste, a expressão mais significativa devia ser o momento do “diálogo”, ou “das contas de consciência”, como se chamava nas primeiras Constituições.

Na realidade, Dom Bosco também tinha múltiplas iniciativas na orientação e no acompanhamento da Congregação e da comunidade educativa do Oratório. Antes de tudo, como já o dissemos, estava o estímulo de sua própria presença. Logo depois, suas intervenções gerais nas boas-noites, conferências, reuniões dos conselhos, quer do geral quer do da casa, que muitas vezes tratavam das situações que se iam apresentando e do devir da vida cotidiana de Valdocco. Também os conselhos e “lembranças” aos diretores das casas,¹⁴⁷ a atenção formativa aos jovens professores, a introdução às Constituições de 1875 a 1885, intitulada “Aos sócios salesianos”, destinada a motivar

¹⁴⁷ São João Bosco, “Lembranças confidenciais aos diretores”. In: Antônio da Silva Ferreira, *Não basta amar...*, p. 105-116.

teologicamente o ambiente espiritual de seu instituto em aspectos pontuais da Regra.¹⁴⁸

Daí as Conferências Gerais que promovia anualmente, de 1862 até 1879, e das quais era diretor responsável padre Rua. Nestas se expunha o estado geral da Sociedade Salesiana, de sua vida e de suas obras: aspectos espirituais e formativos, novas fundações, problemas que deviam ser resolvidos oportunamente e exigiam a corresponsabilidade de todos. Era um clima de formação permanente que culminava, em geral, com a festa de São Francisco de Sales. Delas participavam diretores e responsáveis pelas obras.

Algumas insistências foram muito significativas: o conhecimento e o amor a Jesus Cristo e à própria vocação, a obediência filial e alegre. A atenção mais cuidadosa aos jovens, particularmente aos que se debatiam em situações difíceis de pobreza e abandono; a caridade educativa e a formação da consciência moral dos rapazes. A importância da meditação e das boas leituras, o amor ao estudo e à disciplina, o emprego do teatro como meio pedagógico.

Outros assuntos se referiam às situações da vida ordinária: murmuração destrutiva, que debilitava as energias e era causa da fragmentação da vida comum, cuidado da saúde, atenção às práticas religiosas e ao espírito de piedade, sacramentos, liturgia, celebrações festivas. A proximidade fraterna entre superiores e educandos, a recreação comum, que facilitava e dava um tom e uma coloração de lar à vida de família, a incidência positiva das boas-noites. E ainda o amadurecimento da afetividade e o cultivo das boas amizades, nas quais os rapazes se prestassem uma ajuda recíproca, sobretudo em sua vida escolar, espiritual e moral.

¹⁴⁸ Cf. *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales*, precedidas da Introdução escrita pelo Fundador São João Bosco. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1952, p. 3-57.

No clima de valores espirituais que se criava nas Conferências, o Fundador expôs como era urgente elaborar as *crônicas* locais e começar a escrever *uma verdadeira história* da Sociedade Salesiana, na qual se fizesse ver a intervenção providencial do Senhor, por meio da Congregação, na Igreja. Tudo isso com um sentido de gratidão ao Senhor pelo bem que se fazia por meio da vida e do apostolado sacrificado dos irmãos e as renúncias e a abnegação excepcional dos missionários.

Padre Rua insistia seriamente, em 1877, sobre a necessidade de consolidar a união e a caridade fraterna nas casas e perguntava por que os alunos, em vez de nos amar, nos temiam. Isso colocava novamente em evidência a necessidade de fidelidade ao Sistema Preventivo e levava a uma séria análise do ambiente educativo dos colégios.

Poucos anos depois, Dom Bosco escreveria dois documentos a respeito: a “Carta sobre os castigos” (1883) e “Sobre o espírito de família” (1884), que levariam a rever particularmente o andamento do Oratório de São Francisco de Sales em Valdocco, que até então tinha sido a “matriz” da pedagogia salesiana.¹⁴⁹

As cartas e circulares do fundador, suas intervenções ocasionais nos diversos níveis, assim como os Exercícios Espirituais, eram importantes meios para manter as grandes linhas e critérios da vida religiosa e do espírito próprio da comunidade. Também serviam para corrigir a tempo qualquer desvio ou abuso que se tivesse introduzido. Tudo se encaminhava, pois, para a animação espiritual da vida religiosa salesiana dentro de cuja tônica e de cujo ritmo se ia levando o acompanhamento espiritual dos religiosos e dos educandos.

Sobretudo os Exercícios Espirituais, que foram a escola por excelência da formação salesiana, davam a Dom Bosco a oportunidade excepcional de chegar às pessoas e aos gru-

¹⁴⁹ Cf. “Carta circular sobre os castigos (atribuída a Dom Bosco)”, em Antônio da Silva Ferreira, *Não basta amar...*, p. 117-126; *ibidem*, “Duas cartas de Roma em 1884”, p. 86-101.

pos com oportunas propostas formativas, que mantinham vivas e exigentes neles as metas supremas da vida cristã e da profissão religiosa.

Às vezes as Conferências Gerais tinham algumas sessões públicas das quais podiam participar os formandos da Congregação e os alunos maiorzinhos dos Oratórios. O que não surpreende se vemos como já no Regulamento dos Retiros para Salesianos, elaborado no Capítulo Geral de 1883, Dom Bosco tinha feito redigir um artigo no qual se chamava particularmente a atenção dos diretores a fim de que se preocupassem para que, nos mesmos grupos de retiro dos salesianos, tomassem parte *juvens maiores* de suas casas, em vista do proveito de que estes também podiam desfrutar em sua vida cristã como no discernimento e nas opções de sua vocação.¹⁵⁰

3.4 Valor da pessoa do dirigido e aptidões do mestre de espírito

Dom Bosco se sentia bem entre seus jovens e seus religiosos; entregava-se completamente a eles, não obstante compromissos eclesiais e mesmo sociais ou políticos assumidos e que enchiam grande parte de seu horário de trabalho. Toda circunstância que lhe facilitasse algum tipo de encontro com eles tinha caráter formativo, para conhecer melhor a seus filhos e prestar-lhes sua ajuda oportunamente. Sobretudo, tratando-se de salesianos, quando tinha em vista guiá-los a uma determinada obediência ou quando se tratava de fazer-lhes propostas para sua melhor preparação espiritual, teológica e profissional, ou, por exemplo, pedir-lhes algum serviço, em postos de maior responsabilidade. Deste modo, podia-se prevenir em tempo de dificuldades ou experiências nocivas, corrigir oportunamente condutas equivo-

¹⁵⁰ Sobre o ambiente formativo do Oratório, ver Pietro Braido, “Forjador de comunidades religiosas dedicadas à educação juvenil”. In: Pietro Braido, *Dom Bosco, padre dos jovens no século da liberdade*, capítulo 24, p. 233-274.

cadras e, por outra parte, dar-lhes oportunidade para desenvolver melhor suas próprias aptidões, assegurar seu progresso espiritual e a maior qualidade de seu serviço educativo.

Era, em verdade, *o valor da pessoa em si mesma* o que, numa ótica formativa e espiritual, levava Dom Bosco a consagrar por completo sua vida ao bem de seus filhos e a oferecer-lhes o melhor de si mesmo, que era seu coração paterno, sua amizade – no mais belo e nobre de seus sentidos – e, sobretudo, sua experiência pessoal de Deus e os dons de seu ministério.

Desta maneira também consolidava, a partir do interior das pessoas, a vida, o estilo e a unidade de suas comunidades, e podia decidir a tempo, baseado no conhecimento profundo que adquiria delas, situações que estavam em contraposição com a natureza mesma da vida consagrada ou com as qualidades e a preparação exigida pela missão específica de seu instituto. Era seu critério, explícito, que *valia mais sentir falta de um mestre do que manter nesse cargo uma pessoa inepta para exercê-lo*.¹⁵¹

Tudo isso explica por que, com sua experiência e sabedoria de coração e com a autoridade moral de sua vida e de seu cargo, tenha sido um dos mais amados pais e mestres de espírito de seu tempo.¹⁵²

Estes são alguns dos principais critérios e valores que distinguiram Dom Bosco, no clero de sua Igreja diocesana, como homem de experiência e de conselho, como confessor e amigo espiritual. Dentro do presbitério turinês, foram proverbiais, efetivamente, a alegria e a exemplaridade com as quais viveu seu sacerdócio e deu testemunho coerente e apaixonado do dom de entrega pastoral, por amor a Jesus Cristo e aos jovens.¹⁵³

¹⁵¹ “*Melior est magistri deficientia quam ineptitudo!*”, cf. Francesco Motto [ed.], *Costituzioni della Società di S. Francesco de Sales*, p. 253.

¹⁵² “O sentido eclesial da espiritualidade de Dom Bosco”. In: Anastásio Balles-tero, *Don Bosco prete per i giovani*. Leumann-Turim, LDC, 1987, p. 51-54.

¹⁵³ Para outros subtemas tratados nesta parte, ver Pietro Brocardo, “Confessione e direzione spirituale”. In: Pietro Brocardo, *Maturare in dialogo fraterno*:

4. Dinamismos da vida espiritual e significado ascético da entrevista formativa

4.1 Caminho espiritual

Como já dissemos, Dom Bosco não usa uma linguagem convencional de tipo teológico ao se referir ao tema da vida espiritual. Não teoriza a respeito dela. Conhece, certamente, o estilo dos livros ascéticos, porém prevalece nele o estilo narrativo e sugestivo. Com efeito, ele sempre alude ao seu passado, “com uma extraordinária capacidade evocativa”, “narrando e pregando”. Transmite sua própria vida e sua rica experiência pedagógica, “religiosa” e ministerial. Neste modo de pensar e proceder, aproxima-se de Santo Afonso Maria de Ligório. Eram, ambos, antes de tudo, diretores espirituais e confessores, que percebiam e orientavam os aspectos ascéticos e místicos de seus dirigidos com uma criteriológica vivida e comprovada na ação pastoral.¹⁵⁴

Com efeito, aqui entendemos por *asceta* ou *ascético* a pessoa que empreende o caminho da perfeição espiritual e moral, o domínio de suas paixões, o exercício da virtude, o crescimento de sua vida de fé. A *mística* tem como centro o abrir-se à ação e aos dons de Deus em nós, acolhê-los e secundá-los.¹⁵⁵

Dom Bosco fala de *começar* uma caminhada, de *progredir* nela, de ser *perseverante*, de *não presumir* das próprias forças e possibilidades, de *fazer-se humildemente ajudar*; de quem se adianta no caminho *com proveito*, ou *retrocede* ou *se cansa*. E até de quem, como

dal “rendiconto” di Don Bosco al “colloquio fraterno”. Roma, LAS, 1999, capítulo VII, p. 65-71; Fernando Peraza, *El director salesiano y la dirección espiritual*. Quito, Centro Salesiano Regional, 1994, p. 114-128.

Sobre os Exercícios Espirituais, ver Fernando Peraza Leal, *Los ejercicios espirituales: de Ignacio de Loyola a Don Bosco*. Quito, Centro Salesiano Regional, 2006.

¹⁵⁴ Cf. “Formação narrativa”. In: Pietro Braido, *Dom Bosco, padre dos jovens no século da liberdade*, p. 235-238.

¹⁵⁵ Sobre este tema, há um ensaio de síntese sistemática em Carlo Colli, *Pedagogia spirituale di Don Bosco e spirito salesiano*. Roma, LAS, 1982.

Magone, chega a um estado de *admirável perfeição* acolhendo as inspirações e as graças que o Senhor lhe concede.¹⁵⁶

No entanto, ele sabe como acompanhar a seus discípulos. A oração, o trato com homens espirituais, o estudo da história e da teologia, a reflexão e, antes de tudo, a experiência lhe ensinaram. Os três anos do Colégio Eclesiástico, partilhados com Luís Guala, Félix Golzio, José Cafasso e, fora do Colégio Eclesiástico, com o inolvidável amigo do coração João Borel, exemplares sacerdotes e homens de estudo e oração, foram definitivos para ele. Com eles havia aprendido a “ser sacerdote”, e, como sacerdote, mestre e pai de espírito. Borel sempre transfundia nele algo de seu zelo admirável, forjado na espiritualidade de Francisco de Sales, que sintetizava nesta frase colocada debaixo do quadro do santo, em sua morada: “*Omnibus omnia factus*” (Ser tudo para todos).¹⁵⁷

Para compor o manual de vida cristã para seus rapazes – *O jovem instruído* – quando já vivia na Casa Pinardi, em 1847, documentou-se naquela “humilde literatura escrita para os rapazes pobres e abandonados, que nunca tiveram lugar nem na história da educação nem na espiritualidade” de seu tempo, e não obstante foram “santos”, afirma bela e realisticamente Pietro Stella.¹⁵⁸

Carlos Gobinet (1613-1690)¹⁵⁹ foi a fonte por excelência deste seu livro, que chegou durante sua vida a mais de uma

¹⁵⁶ Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica...*, II, p. 222-225.

¹⁵⁷ Natale Cerrato, “Il teologo Giovanni Battista Borel”. *Ricerche Storiche Salesiane*, 32 [1998], p. 151-177; São João Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*, p. 116-120, 132.

¹⁵⁸ Pietro Stella, *Valori spirituali del giovane provveduto di San Giovanni Bosco*, p. 22.

¹⁵⁹ Gobinet foi uma clara figura de sacerdote educador, reitor do Colégio Duplessis, de Paris e, por quarenta e três anos, diretor espiritual de rapazes. Tinha baseado toda a sua práxis pastoral e seus escritos na espiritualidade de Francisco de Sales. A obra principal de Charles Gobinet, que viu a luz em 1655, tem por título: *Instruction de la jeunesse en la piété chrétienne, tirée de l'écriture-sainte et des ss. Peres, divisée em cinq parties*. A edição italiana mais difundida é de 1831. Foi publicada em Turim, quando João Bosco, aos 16 anos, começava seus estudos secundários em Chieri.

centena de edições, o que prova a popularidade alcançada entre alunos e educadores contemporâneos.

Achamos também referências de Santo Afonso Maria de Ligório e da *Vida e exercícios de piedade em honra de São Luís Gonzaga*, dos jesuítas Pasquale de Mattei, Giovanni Croiset e Virgilio Cepari. De outras publicações simples sobre a prática da vida cristã grandemente difundidas no Piemonte, a de maior incidência em *O jovem instruído* foi a *Guia Angelica* escrita para jovens trabalhadores e publicada pela Stamperia Reale da Capital em 1767.¹⁶⁰

O magistério de Dom Bosco leva, antes de tudo, a esclarecer com seus discípulos o sentido da vida e a vontade de Deus sobre eles. É uma caminhada progressiva e serena, fundamentada em fatos e experiências da vida real, no Evangelho e nas insatisfações e nos anseios profundos da pessoa.

O caso de Magone é evidente. Cheio de energia, vivaz e empreendedor, inteligente, líder entre os amigos de sua terra natal, porém com um vazio e uma nostalgia interior que não o deixam tranquilo. Há algo dele mesmo que não conhece, uma aspiração que não encontra resposta. Dom Bosco o faz pressentir a Deus, e logo encontrá-lo! O sacramento da Penitência foi a chave. Então tudo muda para ele, que empreende com decisão exemplar sua própria caminhada de vida cristã.

Para Sávio e Besucco, quando entram no raio de influência pastoral de Dom Bosco, Deus já é alguém familiar dentro da cultura religiosa popular do Monferrato, prática e profunda, a qual lhes serviu de inspiração em seus lares e Igrejas locais de procedência. A ação do Santo orientador é, então, a de prosseguir com eles uma vida espiritual já em crescimento, dentro do novo ambiente formativo do Oratório, e ajudar a que sigam discernindo os desígnios amorosos de Deus sobre eles e a segui-los.

¹⁶⁰ Pietro Stella, *Valori spirituali del Giovane provveduto di San Giovanni Bosco*, p. 22-45.

4.2 Processo da vida espiritual

Por meio do acompanhamento espiritual, Dom Bosco ia dispondo os jovens à obra do Espírito Santo; ia também motivando sua vida de graça, sua oração, sua frequência sacramental, sua experiência eucarística e mariana, sua abertura ao serviço dos demais, mediante o qual pudessem ir vencendo suas naturais tendências egocêntricas.

Por meio do acompanhamento espiritual, Dom Bosco ia exercitando-os no domínio de seus impulsos imprudentes, ambíguos ou pecaminosos; nas mortificações e renúncias que fossem necessárias para conservar o equilíbrio e a paz interiores.

Ao mesmo tempo, por meio do acompanhamento espiritual, Dom Bosco ia exercitando-os a viver com confiança e racionalidade o projeto educativo do Oratório, para capacitar-se no estudo e nos ofícios manuais; guardar o respeito e a obediência devida aos superiores; manter a concórdia fraterna e o sentido de solidariedade com seus condiscípulos; gozar, a todo momento, comodamente, da sua *alegria do espírito*, nascida dos dinamismos próprios da idade; gozar da *confiança básica* que lhes dava o sentirem-se membros vivos de uma família educadora; gozar da sua amizade com Deus, dentro dessa *pequena paróquia feita à sua medida* que era o Oratório.

Enfim, um projeto e um caminho espiritual concebido e realizado dentro do projeto educativo global proposto por Dom Bosco aos seus discípulos.

Certamente o núcleo vital, por excelência, de Valdocco era viver *o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo*, a quem os educandos não apenas conheciam no catecismo e acompanhavam no exercício frequente da via-crúcis entronizada na Capela Pignardi, mas também visitavam com devoção no sacrário onde permanecia vivo e à disposição deles. A quem recebiam com fé na intimidade da comunhão eucarística, e tratavam e serviam habitualmente no próximo.

Esta última era uma das grandes experiências que os filhos aprendiam de Dom Bosco, vendo-o a ele mesmo: a de ter a felicidade de entregar-se aos demais para fazer-lhes o bem se esquecendo de si mesmos, como o Senhor tinha feito com eles!

Magone, perto de sua morte, volta a recordar com grande comoção como Jesus tinha dado sua vida por ele, e manifesta a certeza de que, agora, o mesmo Salvador será seu “viático” – *companheiro e alimento* – em sua caminhada para o Céu! Deus, por outra parte, era um pai amoroso que sabia muito bem quando o haveria de chamar para sempre à “sua casa”!

4.3 Momentos iluminativo, purificativo, unitivo e oblativo da vida no Amor

O *aspecto unitivo* da vida espiritual se evidencia como nunca na piedade eucarística. É um dos típicos valores da pedagogia oratoriana. Da mesma forma que o amor filial à Santíssima Virgem, cuja imagem da Consolata tinha sido colocada na capela de Valdocco em 1847 e cujo *Rosário* lhes evocava espontaneamente a própria família, na qual desde criança aprendiam a unir o pensamento da Mãe de Deus com os mistérios da vida de Cristo.

Com efeito, o Rosário era uma espécie de catequese doméstica que, não obstante sua forma elementar, continha elementos básicos da fé e uma grande força emocional, que facilmente adquiria um tom contemplativo, com a sugestiva iconografia dos altares paroquiais ou das capelas devotas e os pilares que balizavam os caminhos da roça de suas províncias de origem.

Outro aspecto formativo nas devoções era o culto ao Sagrado Coração de Jesus, do qual se acentuava tanto *o aspecto reparador pelos pecados do mundo* como a *íntima relação* a que se podia chegar com o Senhor na comunhão e na adoração de sua presença na Eucaristia. Práticas religiosas que ajudavam os jovens em seu

crescimento no amor ao Senhor e em sua capacidade para partilhar os sofrimentos e as aspirações religiosas do próximo.

Um exemplo palmar foi o fato da vida de Domingos Sávio, que, extasiado ante o tabernáculo, no coro da capela de São Francisco de Sales, não se apercebia das horas que passavam. Fato excepcional que, por outra parte, não perturbava a marcha da comunidade educativa de Valdocco. O mesmo se diga dessas espontâneas e repetidas distrações, como ele as chamava, que eram como êxtases momentâneos, nos quais seu espírito ficava fascinado pela inefável segurança da presença amorosa de Deus em seu coração.

Dom Bosco observa, segue os fatos objetiva e equilibradamente, respeita os dons particulares de oração que admira em seu discípulo, e não duvida em fazer explícita referência a esse fato extraordinário quando descreve a fé de seus rapazes.

O que faz supor que ia educando seus filhos espirituais tanto por meio de diretivas e sugestões válidas para todos como mediante um trabalho personalizado, com cada um dos que se tinham confiado à sua direção particular. Assim, se todos eram chamados à santidade, e Deus operava de forma diferente em cada um deles, da mesma maneira todo oratoriano sabia que tinha um pai e um mestre espiritual que o podia ajudar como guia e confidente de seu próprio caminhar, para que não se equivocasse no discernimento entre o que, na verdade, procedia do Senhor e o que poderia ser engano ou ilusão pessoal.

Eram estas as razões, e a da natural inexperiência juvenil, que levavam Dom Bosco a insistir na necessidade da *sincera confiança* e da *obediência* que deviam ter com o confessor e com o diretor espiritual.

Também a meta para seus religiosos era Jesus Cristo, o divino Salvador, cujas virtudes, e especialmente o amor às crianças e aos pobres, eles deviam fazer suas.

Dom Bosco dizia-lhes que *nada podiam antepor ao amor a Jesus Cristo*, usando uma frase de Santo Antão Abade, pai da vida eremítica, que a Regra de São Bento repetia aos seus monges e estes aos seus fiéis e peregrinos que batiam à sua porta.¹⁶¹

Particularmente no sacramento da Reconciliação e da Penitência, Dom Bosco trabalha em profundidade no coração de seus dirigidos para que saíam das feridas que neles deixou o pecado, rompam com o que é obstáculo à sua liberdade interior, vejam com maior claridade e certeza a necessidade de uma conversão. E que orientem e fortaleçam os passos que vão levá-los ao domínio de suas más tendências e à conquista de objetivos de superação e de plenitude espiritual e humana.

Sempre haverá, então, válidas motivações formativas, convite para fazer o que é bom, o melhor, tudo aquilo que mais agrada ao Senhor, como escrevia São Paulo aos romanos; e tudo o que as atitudes da Virgem Santíssima e o seguimento de seu Divino Filho lhes inspirasse. Sobretudo os convidava a meditar o exemplo de Jesus que “quis morrer” e “derramar todo o seu sangue” para salvar-nos.

Era a *via purgativa* ou *de purificação*, que liberta e que renova o coração antes de tudo pela ação do fogo do amor de Deus que atua na profundidade da consciência.¹⁶²

Porém, o aspecto do processo da vida espiritual, que marca com evidência seu progressivo desenrolar-se, é o aumento do amor a Deus e ao próximo. Disso já falamos sob outras perspectivas.

¹⁶¹ *Constituições de 1858*, “Finalidade da Congregação”, artigos 1 e 2.

“Nada se pode antepor ao amor de Jesus Cristo”, está na página 9 da vida de Santo Antão (Michel Van Parys, “I padri del deserto e Benedetto”. In: *Abba, dimmi una parola!*, p. 194). “Nada antepor ao amor de Cristo”, *Regula Monasteriorum*, 4, 21. Em Dom Bosco, notas a alguns artigos das *Constituições*: “Portanto, buscar o que é de Jesus Cristo e deixar em plano secundário as coisas que são suas é dever da Sociedade Salesiana” (Francesco Motto [ed.], *Costituzioni*, p. 253).

¹⁶² Cf. “Sete considerações para cada dia da semana: segunda-feira”. In: *O jovem instruído*, p. 42-44.

Efetivamente, para Dom Bosco o parâmetro que permite aos jovens saber se deveras já possuem esse germe do *amor oblativo* e o grau de seu crescimento é o *testemunho concreto da caridade para com os demais*. Esse aspecto domina nas biografias de Sávio, de Magone e de Besucco (1859; 1861; 1864). Porém, já tinha sido enunciado desde 1847 em *O jovem instruído*, onde escreve aos jovens:

O amor que temos ao próximo é a medida do nosso amor a Deus.¹⁶³

Quanto vos ama o Senhor e deseja que façam o bem.¹⁶⁴

Tu, como cristão que és, devias ensinar com o bom exemplo o caminho do céu aos teus companheiros.

Quem contribui à salvação do seu próximo trabalha para a sua própria salvação, porque nada é tão grande como a caridade!¹⁶⁵

Nos “Seis domingos em louvor de São Luís Gonzaga”, traça um perfil apostólico do jovem santo completamente dedicado ao bem dos pobres e dos que pediam esmolas, mendigando também ele, de porta em porta, solícito pelos empestados que naquela ocasião chegaram a lotar os hospitais romanos. Sua heroica santidade tinha sido fruto desse amor.¹⁶⁶

Por meio da oração e dos sacramentos Dom Bosco leva seus discípulos a ter a experiência da união com o Senhor. Exorta-os e compromete-os em diversos serviços fraternos e apostólicos, dentro e fora do Oratório, e logo na aventura missionária da América. Dessa forma lhes abre os horizontes do amor apostólico e os leva a sair de si mesmos e a pensar com a Igreja num nível universal. O *desapego das coisas terrenas e a liberdade de espírito* eram, então, alguns dos efeitos que se seguiam.

¹⁶³ *O jovem instruído...*, p. 220.

¹⁶⁴ “Deus tem particular amor à juventude. [...] Deus vos ama, porque de vós espera muitas obras boas”: *O jovem instruído*, p. 11.

¹⁶⁵ *O jovem instruído*, p. 49.

¹⁶⁶ *O jovem instruído*, p. 220-221.

Para Dom Bosco esta é, portanto, a máxima perfeição: *cooperar na salvação do próximo!* Falando de Domingos Sávio, destaca como o pensamento da “salvação das almas” jamais o abandonava.¹⁶⁷ *Salvar uma alma era assegurar a própria salvação.*¹⁶⁸

Chega efetivamente a escrever, falando da espiritualidade pastoral de seu instituto religioso, que sua finalidade é a santificação de seus membros *por meio do exercício da caridade* para a salvação do próximo; e que tudo o que fazem seus salesianos se reduz a renunciar a todo outro interesse pessoal que não sejam as exigências do seguimento de Cristo.

Estas são as duas expressões latinas, dificilmente traduzíveis com seu vigor original: “*Sanctificatio sui ipsius, salus animarum per exercitium caritatis, in finis nostrae Societatis. Itaque quaerere quae sunt Jesu Christi et quae sua sunt postponere Salesianae Societatis officium est*”.¹⁶⁹

Domingos Sávio chegou a viver como imergido nas coisas de Deus. Dom Bosco mesmo foi seu guia. Acompanhou prudentemente esses processos de interiorização de sua vida espiritual. Enchia-se de gozo, mesmo assim, ao constatar as graças recebidas por seu discípulo: vê-lo a conversar habitualmente com o Senhor, com a Virgem, com sentimentos espontâneos de um filho deveras transido pelo amor.

A Eucaristia foi como o fogo que, ardendo, burilava sua personalidade toda na caridade e na transparência de sua vida cristã. Ele mesmo se perguntava o que, então, lhe podia faltar para ser feliz? O céu! Só o contemplar com os olhos o que intuía já no sacramento, por meio da fé!

¹⁶⁷ São João Bosco, *Vida do venerável juvenzinho Domingos Sávio...* p. 54.

¹⁶⁸ São João Bosco, *Vida do venerável juvenzinho Domingos Sávio*, capítulos XI, XX e XXII.

¹⁶⁹ Francesco Motto [ed.], *Costituzioni*, p. 253-254: “O fim de nossa Sociedade é a santificação de si mesmo, a salvação das almas pelo exercício da caridade. Assim, o que a caracteriza é o buscar as coisas de Jesus Cristo e o deixar para depois as que são suas”.

Esta é, sem dúvida, a “*via contemplativa*”, *fruto do amor*. Dela falavam os autores espirituais. Os três aspectos de iluminação, de purificação e de união com Deus e com o próximo aparecem no dinamismo espiritual que seus discípulos vivem. Porém, leve-se em conta o quanto acentuava Dom Bosco a caridade apostólica como a alma de seu Sistema Preventivo e de sua “espiritualidade salesiana”. É o assim chamado “êxtase da ação” de Francisco de Sales, que é o domínio absoluto do amor de Deus, a transformar todas as atitudes e todos os comportamentos da pessoa.

É precisamente para ir acompanhando inteligentemente e com gradualidade pedagógica o processo da vida espiritual no ordinário e gradual processo formativo que Dom Bosco, metodologicamente, faz do “encontro pessoal” e do sacramento da Reconciliação momentos práticos e sugestivos de *revisão* dos propósitos e das realizações práticas, de *retificação* e de *consolidação* das pequenas ou grandes tarefas, de *reprogramação* do trabalho espiritual.

São momentos de reflexão sobre os passos que se foram dando e sobre os que se seguem nos diversos aspectos do crescimento pessoal: conhecimento de si, vitória sobre as tendências, correção dos defeitos, aprendizagem das virtudes, vida de oração, cumprimento dos deveres, fraternidade, experiência da caridade para com o próximo.

Estes são momentos estrategicamente projetados com certa sistematicidade. Constituíam pontos de apoio que marcavam as etapas do caminho que seus discípulos percorriam na alegria e na liberdade própria dos filhos de Deus, seguindo com docilidade a vontade de Deus que os ajudava a discernir a mediação formativa de seu mestre.

O capítulo XVI da Vida de Sávio é um exemplo claríssimo a este respeito. Dom Bosco atua gradualmente e estabelece-se, em comum acordo, a periodicidade dos “encontros” na confissão e se variam segundo as circunstâncias.

Dom Bosco sabe conter o ímpeto do jovem, ou sua ansiedade diante de algumas preocupações de consciência.

Dá razões e ao mesmo tempo faz notar o protagonismo prioritário do rapazinho.

O processo caminha apoiado na sinceridade e franqueza de Domingos e na periodicidade dos encontros com seu diretor espiritual.

Nada há escondido, tudo é claro. A ação sacramental tem reflexos em toda a conduta do jovem, e seu exemplo no ambiente.

Não são coisas isoladas.

O mestre “acompanhante” vai iluminando e seguindo de perto os itinerários de santidade do adolescente, dentro do contexto cultural e dos ritmos de vida do Oratório.¹⁷⁰

5. Virtudes e valores básicos da vida espiritual

Podemos começar com uma afirmação de Alberto Caviglia, referendada por sua própria experiência: o atendimento espiritual de Dom Bosco a seus filhos não se limitava a manter neles a *vida da graça*, mas era um verdadeiro magistério espiritual e uma arte educativa que mostrava os grandes horizontes da existência cristã e propunha ideais.

Sua meta era a *santidade*, como tarefa, como caminho, como resultado da doação completa da vida pelo bem dos demais. Consistia em ir discernindo com cada um a vocação à qual Deus o chamava, dentro do seguimento de Cristo. A tarefa era orientar e acompanhar os itinerários necessários para ir percorrendo as etapas de um projeto de vida, como dizemos hoje em dia, e os processos formativos próprios de uma pedagogia integral de valores humanos e de fé.¹⁷¹

¹⁷⁰ São João Bosco, *Vida do venerável jovenzinho Domingos Sávio*, p. 64-69.

¹⁷¹ Pietro Stella, “La santità come ideale dei giovani”. In: *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica...*, II, p. 205-226. O estudo do mesmo autor sobre *O jovem instruído: manual de vida cristã* esclarece organicamente a mentalidade de Dom Bosco a esse respeito.

5.1 Pureza, obediência, humildade e confiança

A pureza

Em última análise, pureza, inocência, salvação e santidade eram quase sinônimos para Dom Bosco, quando se referia à infância e à adolescência. Sobretudo a esta última. A média de idade de seus oratorianos era de 14 anos. Domingos Sávio, Magone e Besucco pertencem a este grupo humano e educativo. Estavam entrando nessa idade decisiva de transformações profundas de sua personalidade, na qual se toma consciência dos outros, do meio ambiente de vida, da capacidade de ser alguém e de ter protagonismo social.

Na época evolutiva, em verdade, os problema físicos, psicológicos, morais e religiosos do rapazinho se circunscrevem com particulares características e intensidade, pela própria dinâmica evolutiva do sujeito, no mundo afetivo e sexual. Esse mundo girava em torno do conceito da “pureza” como a entendia Dom Bosco: a virtude típica dessa idade na qual se expressavam a transparência interior, o afeto sem sombras nem egoísmo, a bondade do coração inocente e compassivo do menino.

Pelo contrário, o pecado típico, frontalmente oposto à vida da graça, era o que atentava contra a “pureza original” da consciência e contra essa serenidade alegre e despreocupada de seus rapazes, nos quais parecia refletir-se a presença viva da “graça”, e cujos anjos viam o rosto de Deus!

Já fazia mais de um século que a literatura ascética se expressava com termos semelhantes: era a virtude amada por excelência por Jesus Cristo, que desejava que “as crianças”, com a espontaneidade e ternura próprias delas, viessem a ele; os que no paraíso seguiam mais de perto o Cordeiro!

A passagem dos pequenos do ambiente rural ao urbano causava neles uma forte mudança sociológica, ética e religiosa. O que era natural, no meio agrário de proveniência, onde o mistério da “vida” crescia com simplicidade a seus olhos, agora

era objeto de curiosidade muitas vezes malsã que estimulava a sensualidade e incitava os “baixos instintos”. Valdocco, Borgo Dora e Vanchiglia, subúrbios populares em crescimento, nos meses quentes de 1854, fizeram descobrir, aos olhos absortos dos rapazes de Dom Bosco que atendiam os infectados pelo cólera, os filhos dos numerosos proletários da pré-indústria turinesa em suas miseráveis vivendas, expostos a uma promiscuidade perigosa, em espaços mínimos e estreitos para dormir. As violações e a prostituição pululavam como consequência inevitável da ignorância e da pobreza.

Os cárceres, visitados frequentemente por Dom Bosco, eram fervedouros de misérias humanas e, por isso, angustiado, procurava subtrair a essa escola de perversão os jovens ali reclusos, aos quais armou casa e família organizada e acolhedora em seu próprio Oratório.

Os livros de higiene e moral mais avançados faziam alusões cruas acerca dos destroços causados na personalidade, até fisicamente, por hábitos sexuais solitários, fixações psíquicas deprimentes e angustiantes, corrupção dos costumes. Analisavam os sintomas depressivos, a palidez e a debilidade orgânica, o isolamento e o hermetismo dos jovens vítimas desse flagelo. A ele relacionavam também enfermidades como a tuberculose, a epilepsia e a loucura. Assim se expressava Simón Andrés Tissot, médico calvinista suíço em sua *Nuova enciclopedia popolare*, publicada em Turim, em 1846. A de José Pomba, que datava de 1852, já supunha termos de conhecimento comum como onanismo, masturbação, poluição voluntária, abusos e perversões sexuais, entre outros, que indicavam “o vício detestável, proibido e até castigado pela lei e que trazia consequências funestas e degradantes”.

Além do tratamento médico, a cura, requeria velar sempre sobre o sujeito afetado, aconselhá-lo, censurar a tempo seus comportamentos indevidos, separá-lo do trato comum evitando contágios, obrigá-lo, se fosse indispensável, até com camisa de

força, quando era já um desditado “dependente”, a afastar-se de lugares e de hábitos perniciosos, proporcionar-lhe terapia ocupacional. Nesse campo de ética da delinquência, também se aplicavam políticas repressivas do Estado, como a de trabalhos forçados e a de reclusão.

O crescimento numérico do internato de Valdocco levou a tomar medidas disciplinares que Dom Bosco nunca teria aprovado. Por sua parte ele exigia maior presença educativa dos formadores, mais amor e paciência no trato, maiores sacrifícios na “assistência” e no atendimento pessoal, particularmente afetuoso e paciente, aos educandos. E uma verdadeira cura moral e espiritual, que era um postulado básico da pedagogia oratoriana desde as origens. Jesus Cristo era o modelo por excelência! Ele não tinha extinguido o pavio vacilante, nem rompido a cana quebrada. A carta sobre os castigos, de 1883, e a do espírito de família ficaram para sempre, para nós, como um testemunho incomparável de sua mentalidade preventiva e de seu coração paterno na educação de seus filhos mais difíceis e necessitados.¹⁷²

Por outra parte, apesar das condições econômicas precárias, Dom Bosco buscou sempre dotar os ambientes com os meios higiênicos indispensáveis. Em caso de enfermidade dos rapazes se esmerava, mesmo com sacrifício, para que fossem atendidos devidamente sem poupar os gastos que estivessem ao seu alcance.

As enfermidades habituais em Valdocco eram as próprias dos estudantes, desnutridos em uma significativa proporção e submetidos, assim mesmo, às inclementes variações do tempo, sobretudo nos rigorosos períodos inverniais: dores de cabeça, debilidade geral, afecções pulmonares ou reumáticas, digestivas e intestinais.

Magone sofreu uma crise violenta de lombrias que o afogavam e acabaram por causar-lhe uma tosse seca e cuspes com sangue.

¹⁷² Ver “Carta circular sobre os castigos”. In: Antônio da Silva Ferreira [ed.], *Não basta amar...*, p. 117-126; *ibidem*, “Duas cartas de Roma em 1884”, p. 87-101.

Domingos Sávio morreu por causa das sangrias obrigatórias a que o submeteram para aliviar-lhe a congestão pulmonar que acabou por prostrá-lo por completo. Falou-se assim mesmo de tuberculose e pleurite. Miguel Molineris recolheu as várias opiniões em sua nova biografia do santo rapazinho.

A Besucco fulminou-o uma broncopneumonia, pela imprudência de não ficar suficientemente agasalhado durante todo o rigoroso inverno de 1864.

O cólera, a gastroenterite, a tísica pulmonar, a encefalite e a apoplexia eram as causas mais frequentes dos falecimentos que aconteciam nos subúrbios turineses.¹⁷³

Havia uma mística em relação ao sofrimento no Oratório. Era necessária uma natureza acostumada ao sacrifício e às renúncias, para assumir a enfermidade e a morte como uma participação na morte de Cristo.¹⁷⁴ A dor purificava, tornando mais livre o impulso do espírito em busca de Deus. As penitências físicas estavam proibidas. Bastavam a obediência e o dever vividos com prontidão, alegria e desprendimento. As bem-aventuranças prometiam que os de coração puro estavam predestinados a vê-lo.

O magistério de Dom Bosco na confissão e na direção espiritual partia, antes de tudo, do fazer conhecer e apreciar os valores religiosos, morais e educativos contidos na experiência

¹⁷³ Sobre a saúde dos oratorianos de Valdocco e a última enfermidade de São Domingos Sávio, Magone e Besucco, ver: Pietro Stella, *Don Bosco nella storia economica e sociale (1815-1870)*. Roma, LAS, 1980, p. 220-230; Michele Molineris, *Nuova vita di Domenico Savio*. Castelnuovo Dom Bosco-Asti, Istituto Salesiano Bernardi Semeria, 1974, p. 268-270.

¹⁷⁴ No final da vida de Dom Bosco, essa espiritualidade vai aperfeiçoar-se na “espiritualidade vitimária”, desenvolvida pelo padre André Beltrami, pelo Bem-aventurado Augusto Czartoryski e outros. Cf. Sac. Giulio Barberis, *Memorie e cenni biografici del sacerdote salesiano D. Andréa Beltrami*. 2ª ed. San Benigno Canavese, Scuola Tipográfica Salesiana, 1912, p. 532-548; Sac. Eugenio Ceria, *Il Servo di Dio Don Andrea Beltrami, sacerdote salesiano*. [Roma, Esse Gi Esse, 1940], p. 184-195. [Nota do Tradutor]

desta virtude que vinha a ser a expressão, por excelência,¹⁷⁵ da vida cristã na idade juvenil e fruto do crescimento interior no amor de Deus, no desapego das coisas e prazeres mundanos, aparentes e enganosos, na generosidade, na entrega ao bem do próximo, que arrancava os rapazes de si mesmos e lhes fazia gozar as satisfações incomparáveis da caridade apostólica.

Enumeramos alguns dos meios formativos usados pelo santo: o domínio dos sentidos, a seleção de bons amigos, a fuga dos perigos e do ócio e, por outra parte, o trabalho, o dever, a participação em iniciativas comuns de solidariedade ou de recreação. O esforço pessoal para dominar os impulsos e as tendências sexuais. A instrução oportuna acerca do conhecimento de si mesmo e dos processos de amadurecimento da pessoa humana em livros tão humanos e espirituais como a *Introdução à vida devota*. A leitura de biografias de santos que iluminavam a caminhada, como era o caso paradigmático de São Luís Gonzaga. A prudência e o respeito nas relações. O potencializar a vida de fé, a oração e a frequência sistemática dos sacramentos.

¹⁷⁵ “Toda virtude é nos jovens precioso ornamento que os torna queridos a Deus e aos homens. Mas a virtude rainha, a virtude angélica, a santa pureza é um tesouro de tal valor, que os jovens que a possuem tornam-se iguais aos anjos de Deus no céu, embora vivam ainda na terra: *Erunt sicut angeli Dei in coelo*, são as palavras do Salvador. Esta virtude é como o centro ao redor do qual se congregam e se conservam todos os bens, e se por desgraça se vier a perder, perdem-se também todas as demais virtudes. *Venerunt autem mihi omnia bona pariter cum illa*, diz o Senhor” (São João Bosco, *O jovem instruído*, p. 23).

Sobre este ponto, constata-se a proximidade das posições de Dom Bosco e Freud. Ver: “Centralidade da sexualidade”. In: Antônio da Silva Ferreira, *Aspectos da educação e da existência humana*. São Paulo, Editora Salesiana, 1981, p. 45. Tal constatação nos leva a perguntar: “Por acaso, Dom Bosco e Freud, que partiam de enfoques tão diferentes na análise dos diversos problemas, não hauriram tal conceito do contexto cultural existente na época?”.

Não podemos de deixar de chamar a atenção para o alerta de Freud: a sociedade de sua época era repressora e gerava neuroses. O remédio não seria uma sociedade onde se vivesse uma absoluta liberdade de conduta sexual. Também tal sociedade seria geradora de neuroses. Basta olhar em redor para constatar o quanto Freud tinha razão. [Nota do Tradutor]

Porém, Dom Bosco necessitava, sobretudo, da *confiança* ilimitada e completa de seus filhos, de sua *obediência* humilde, da atenção às suas advertências e motivações.

Estava em jogo a perspectiva da felicidade de seus discípulos, da realização de suas aspirações profundas. Um descuido, uma falta de prevenção oportuna poderiam ser causa da ruína das esperanças colocadas neles por seu mestre e seu pai, que bem conhecia a fragilidade humana e os riscos que, no meio ambiente, se tornavam ameaças para a integridade física e moral, e para a paz de consciência de seus filhos.

Aqui não se apontam, em Dom Bosco, preconceitos fruto de escrúpulos ou de rigorismo moral. Constatam-se fatos e verdades. E uma linguagem sua, usual na literatura religiosa, pedagógica e moral de sua época, linguagem menos obsessiva, quanto ao tema da castidade, do que a usada por Charles Gobinet, em *La guida angelica*, ou por Paolo Segneri em *Il cristiano istruito nella sua legge*,¹⁷⁶ obra que a Editorial Marietti tinha publicado em Turim, em 1855.

Para ele bastava que eles o compreendessem e o aceitassem. Que os pequenos que chegavam, trazendo no coração e no rosto o brilho de sua ingenuidade e sua ternura natural, pudessem não apenas conservar as virtudes que tinham aprendido no seio de suas famílias, mas também crescer em sua experiência de Deus e gozar da bem-aventurança de pureza do coração da qual lhes falava Jesus Cristo mesmo no sermão da montanha.

O educador de Valdocco sabia que era verdade a afirmação usual em vários autores de literatura ascética de que a “pureza e a inocência” eram quase sinônimos de uma mesma realidade, e que ambas, como virtudes vividas conscientemente, tinham sido a fonte das maiores satisfações e alegrias da vida. Em *Il mese di maggio*, de 1858, Dom Bosco escreve sobre a “pureza”, que é “aquela virtude da qual se derivarão todos os outros bens” para

¹⁷⁶ Paolo Segneri, *Il cristiano istruito nella sua legge*. Veneza, Paolo Baglioni, 1700.

os jovens que a possuam.¹⁷⁷ Um coração limpo e aberto de par em par à graça era um coração disponível à ação avassaladora de Deus nele!

Valdocco era um internato de adolescentes. Apenas terá começado a despertar-se neles o “amor juvenil”. Ele, respondendo às perguntas e confidências deles, lhes falará seguramente do matrimônio.¹⁷⁸ Antônio e José, seus irmãos, tinham casado aos 21 e 20 anos, respectivamente. Em cidades como Turim, a idade para o casamento era entre 22 e 25 anos. A vida conjugal, as relações entre pais e filhos, a amizade tinham suas próprias expressões afetivas. Os rapazes, ao lado de Dom Bosco, iam aprendendo a educar seu coração e a assumir as responsabilidades da vida familiar e social.¹⁷⁹

Em todo caso, até a idade do compromisso conjugal, impunham-se a mesma ascética e a mesma mística da castidade, e o horizonte do amor a Deus e ao próximo seguia sendo, para seus filhos, o horizonte da santidade cristã. Sua pedagogia e sua pastoral tinham sido a pedagogia e a pastoral do coração. Sua

¹⁷⁷ “O Espírito Santo nos diz que com a virtude da pureza nos vêm todos os bens: *venerunt omnia bona pariter cum illa*. Com efeito, aqueles que têm a fortuna de poder falar com aquelas almas que conservam este precioso tesouro descobrem uma tranquilidade, uma paz de coração, um tal contentamento que superam todos os bens da terra. Tu os vês pacientes na miséria, caridosos para com o próximo, pacíficos diante das injúrias, resignados na doença, atentos a seus deveres, fervorosos na oração, ansiosos da Palavra de Deus. Tu descobres em seus corações uma fé viva, uma firme esperança e uma inflamada caridade”: São João Bosco, *Il mese di maggio consacrato a Maria SS. Immacolata*. In: Giovanni Bosco, *Opere edite*, vol. X (1857-1858). Roma, LAS [1976], p. [446].

¹⁷⁸ Consultando o Epistolário de Dom Bosco, nota-se uma constante neste ponto: toda vez que alguém escreve a Dom Bosco e na carta há referências a eventos da vida familiar, como nascimentos, casamentos e outros problemas, Dom Bosco responde: *sobre os demais assuntos conversaremos pessoalmente*. Tal praxe talvez explique a falta de documentação relativa a quanto tratado neste parágrafo. [Nota do Tradutor]

¹⁷⁹ A praxe de Dom Bosco passa para os primeiros salesianos. São significativas as cartas 5 e 6 do padre Luís Lasagna a Luís Pedro Lenguas, publicadas por Antônio da Silva Ferreira, “Seis cartas do padre Luís Lasagna a Luís Pedro Lenguas”. RSS 43 (2003) p. 355-366. [Nota do Tradutor]

memória paterna continuaria a acompanhá-los como alguém que formava, para sempre, parte imprescindível de sua vida.¹⁸⁰

Humildade, obediência e confiança

No encontro frequente entre o dirigido e seu diretor, o acompanhado e seus acompanhantes, o pai e “amigo da alma”, Dom Bosco “mostrava os caminhos da perfeição e encorajava a segui-los”. Então eram importantes *tanto a obediência como a confiança*.

A *humildade* era entendida, antes de tudo, como a tomada de consciência do modo de ser de cada um, em profundidade. Ou seja, aptidões, tendências e êxitos, debilidades e valores, defeitos, pecados habituais e virtudes que eram objeto de suas preocupações e suas conquistas.¹⁸¹

A *humildade* era consciência dos próprios limites, capacidade de fazer-se conhecer assim como se era, de estar vigilantes diante dos instintos perigosos e das falsas seguranças. Quem não se conhecia e não se aceitava a si mesmo não tinha a possibilidade de abrir-se aos demais, de sair ao seu encontro com o próprio amor, e, sendo necessário, também em atitude de perdão e reconciliação.¹⁸²

A *obediência* se apoiava na experiência do mestre, do pai e do amigo, porém, sobretudo, na certeza de que eram amados

¹⁸⁰ Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. II, p. 240-274; Pietro Stella, *Valori spirituali nel Giovane Provveduto di San Giovanni Bosco*, p. 109-114; Francis Desramaut, *Don Bosco e la vita spirituale*. Leumann-Turim, Elledici [1969], p. 170-175.

¹⁸¹ São virtudes que formam o tecido basilar da vida espiritual na Regra Beneditina. Porém, é na humildade que se vê a ação da graça que nos vai purificando e transformando à imagem de Cristo. “O primeiro grau da humildade é a pronta obediência” (São Bento, *Regula monasteriorum*, V, *De oboedientia*. In: *Regole monastiche d'occidente*, p. 66-67). Porém, sempre a obediência requer a humildade e é a manifestação da vontade de Deus que nos conduz e orienta (op. cit., VII, *De humilitate*, p. 67-72); Giacomo Dacquino, *Psicologia di Don Bosco*. Turim, SEI [1988], p. 258.

¹⁸² Giacomo Dacquino, *Psicologia di Don Bosco*, p. 258.

por ele. No campo educativo e moral afastava os temores e as perplexidades, evitava equívocos imprudentes que podiam acarretar graves consequências. Ajudava os jovens a estar prevenidos num mundo desconhecido e às vezes adverso a eles.

O mesmo itinerário da perfeição exigia às vezes obediência, e Dom Bosco a pedia quando era necessário exigir certas condutas, que mais tarde a experiência e a reflexão do rapaz iam certamente agradecer como necessárias e oportunas.

Eram a presença e a palavra autorizada de quem nunca teria enganado seus discípulos, para os quais desejava apenas o bem e a paz da consciência. Por outra parte era o caminho da *docilidade e da obediência racionais* o que iria descobrindo aos jovens os princípios basilares da vida espiritual e preparando-os para que formassem seus próprios critérios de conduta.

O “dirigido” não ficava só quando mais precisava de quem lhe indicasse o caminho que ia empreender fazendo-o evitar experiências negativas e riscos que podiam expô-lo a graves consequências. Ele levava em seu coração os tesouros de uma sábia educação familiar. Devia ser guiado a tomar consciência deles e de que devia agora continuar a fazê-los frutificar com sua correspondência à graça.

Foi o que encontrou em Domingos Sávio, quando este veio a Morialdo para encontrar-se com ele na festa do Rosário de 1854. Escreve Dom Bosco:

Seu rosto resumindo alegria e seu sorriso respeitoso atraíram os meus olhares sobre ele.

Percebi que aquele menino estava todo nutrido do espírito de Nosso Senhor e fiquei pasmo, considerando o trabalho que a divina graça ia operando em tão exígua idade!¹⁸³

Com esta parábola explica a seus rapazes, em *O jovem instruído*, a necessidade da obediência: uma planta recém-plantada precisa de

¹⁸³ São João Bosco, *Vida do venerável juvenzinho Domingos Sávio...*, p. 33, 34.

quem a cultive e a ajude em seu crescimento até que seu caule seja suficientemente forte para que não se torça e venha a perecer. Logo, entre outras coisas, insiste na sinceridade e na confiança.¹⁸⁴

A *confiança* levava a abrir a própria intimidade, em sua verdade de graça ou de pecado, e a manifestar as inspirações de Deus e sua obra no plano mais fundo e insuspeito da pessoa.

Obedecer era escutar eficazmente o “mestre”. Confiar era *um ato de fé nele*: a certeza de que Deus atuava através dele. Era também uma expressão de segurança e de abertura psicológicas para com o “pai” e “mestre”, por quem se sentia amado e de quem só se podia esperar o melhor. Estavam em jogo a autoridade moral de Dom Bosco e seu amor paterno e educativo do qual derivava sua proverbial eficácia formativa.¹⁸⁵

Por outra parte, Dom Bosco punha nessas atitudes filiais sua confiança e sua paz, dentro da espiritualidade familiar da “casa”. Estava seguro de que a sementeira precisava de seus cuidados e de suas exigências para que não se perdesse o plantio. Da mesma maneira como o forte arraigar-se da árvore na terra e a robustez de seu tronco anunciariam a seu tempo o estado de seu desenvolvimento, também o crescimento sadio do rapaz iria mostrando o grau de “prudência” e maturidade da pessoa e era fiança de sua própria autonomia.¹⁸⁶

Magone tinha tido essa experiência. Tinha encontrado em Dom Bosco a pessoa em cujas atitudes acolhedoras e compreen-

¹⁸⁴ São João Bosco, *O jovem instruído*, p. 14 -16.

¹⁸⁵ Cf. São João Bosco, *O jovem instruído*, p. 15; “Duas cartas de Roma em 1884”. In: Antônio da Silva Ferreira, *Não basta amar...*, p. 86-101.

Nas Constituições escritas por Dom Bosco em 1858 se diz: “A virtude da obediência nos assegura que fazemos a divina vontade: quem Vos escuta, diz o Salvador, a mim me escuta e quem vos despreza, a mim me despreza”. Logo, desde 1864, modifica o artigo tornando explícito este conceito teológico e ascético: que o religioso esteja persuadido de que, ao obedecer ao superior, “naquilo que faz se lhe manifestará a vontade de Deus” (Edição aos cuidados de Francesco Motto, Roma, LAS, 1982, p. 94-95).

¹⁸⁶ Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, II, p. 237-240.

sivas encontrava paz às inquietações de seu espírito, dissipavam-se suas dúvidas e satisfazia seu desejo crescente de transparência moral e de santidade.

Para impedir que o adolescente dependesse completamente dele e retardasse assim seu crescimento espiritual e moral, Dom Bosco teve de moderar essa verdadeira fome de ser escutado, que lhe fazia repetir uma vez ou outra suas confissões, desejo de consultá-lo e de conhecer suas respostas.

Ao mitigar essa verdadeira paixão filial o experimentado educador e confessor prevenia também do perigo de que caísse, apesar de sua boa vontade, na instabilidade interior e nos escrúpulos.¹⁸⁷ Todo o caminho que seguiu teve por base a máxima pedagógica inculcada por Dom Bosco: “Se me dás um jovem obediente, eu te devolvo um ‘santo!’”.¹⁸⁸

Finalmente, sem *confiança* não há educação. Perdida a confiança, nada resta a fazer ao educador. É uma coisa clara e um princípio educativo de Dom Bosco, fruto de sua larga experiência. Por isso temia tanto que, ao aplicar-se uma sanção e uma medida disciplinar, se perdesse a confiança, embora aquelas produzissem uma oportuna correção.

O mais importante era que o coração do aluno e discípulo permanecesse aberto e receptivo ao coração generoso e sábio do mestre e pai, fácil para o perdão e o esquecimento, para estimular o educando a manifestar-lhe, com os fatos, que apesar das debilidades e dos fracassos sempre era possível esperar o melhor dele. É uma das teses fundamentais da carta sobre os castigos, de 1883.¹⁸⁹

¹⁸⁷ Cf. São João Bosco, *Vida do jovem Miguel Magone*, p. 27; Pietro Stella, op.cit. p. 237-238.

¹⁸⁸ A frase original de São Felipe Neri era: “*Dai-me um jovem casto e vos darei um santo*” (Em Giuseppe Frassinetti, *Avviamento dei giovani nella divozione a Maria Santíssima*, capítulo 7, Exemplo 7, *Opere ascetiche*, 3. Roma, 1910, p. 187).

¹⁸⁹ “Carta circular sobre os castigos”. In: Antônio da Silva Ferreira, *Não basta amar...*, p. 117-126.

Consanguinidade espiritual e escola de vida

Por outra parte, escutar, aprender e viver o que a obediência exige por si mesma era *transfundir uma vida e gerar uma espécie de “consanguinidade espiritual” entre o mestre e seus discípulos, entre o pai e seus filhos*. Assim o mostrava a tradição beneditina, que era por si mesma “uma escola e um patrimônio provado de espiritualidade”.

A obediência tinha se tornado a virtude específica do monge dentro do contexto de amor, trabalho e oração da abadia. Desta mesma forma, sobre esta virtude Dom Bosco estruturou a Regra que mostraria a rota da santidade para seus filhos. A obediência corresponde, em certo sentido, à “racionalidade” do sistema. Com efeito, Dom Bosco dizia que o educador que não dá a razão da correção que faz não tem o direito de ser obedecido. O amor e a fé – a experiência religiosa – são o contexto no qual a obediência e a racionalidade se situam, se entendem, são vividas e se complementam.¹⁹⁰

Para falar com a linguagem de Caviglia, podemos dizer que Dom Bosco também buscava formar seus jovens e seus íntimos discípulos simplesmente como bons cristãos, da maneira como o fazia com seus monges Bento de Núrsia, o patriarca da vida religiosa no Ocidente.¹⁹¹

Ramón Molina Piñedo comenta a esse respeito que São Bento, ao escrever e propor sua Regra,

¹⁹⁰ *Seis escritos de San Juan Bosco*, com introdução, notas críticas e índice analítico de Fernando Peraza Leal, p. 42 [8].

¹⁹¹ Nos exercícios espirituais pregados por Caviglia aos formandos em Chieri (1938), ao introduzir o tema da obediência dizia-lhes: “Antes de falar de obediência, sugiro a vocês ler a Regra de São Bento; encontrarão aí a verdadeira vida e a verdadeira personalidade espiritual. Convém que a leiam não somente porque um bom salesiano deve saber 14 palavras para cada ramo e depois empregá-las bem, mas sobretudo porque o último beneditino é Dom Bosco, e São Bento é o primeiro Dom Bosco” (Alberto Caviglia, *Conferenze sullo spirito salesiano*. [Turim] Le compagnie dell’Istituto Internazionale Don Bosco [1953], p. 60.

não quis senão formar cristãos comprometidos, conduzindo-os pelo caminho que o Senhor traçou para todos os seus seguidores, juntamente com os mandamentos e os conselhos evangélicos. Por isso, coloca como centro de toda a sua ascese monástica não as austeridades corporais, [mas] conversão dos costumes, na abnegação de si mesmo, na caridade e na obediência, exigidas pela sequela de Cristo. Ascese que se apoia na humildade, [na qual] subindo degrau por degrau, resumiu todo o esforço monacal.¹⁹²

Os ensinamentos encarnados na vida de seus discípulos e transmitidos de geração em geração se tornaram, respectivamente, as Regras de São Bento e de Dom Bosco. São hoje a base da transmissão e atualização de seu espírito, sempre que se conheça não apenas como ficaram codificadas no texto, mas interpretadas à luz e ao calor *da tradição viva*, contida na memória histórica de seus institutos e transmitidas por meio do testemunho fidedigno de seus filhos.

5.2 Caminho que conduz ao amor

O itinerário espiritual que Dom Bosco e seus filhos percorreram foi o *do amor a Deus e ao próximo*, e o *da liberdade de espírito* que este amor gera, fazendo do discípulo, filho e amigo do pai.

Em São Francisco de Sales a inspiração fundamental estava na *caridade*, que é o amor que se transforma em união incandescente com Deus, ou devoção. É esquecimento de si mesmo e acolhida, benignidade e misericórdia para com o próximo. Substitui-se ao temor e ganha com a bondade os corações humanos. Purifica os sentimentos com seu fogo e consome os próprios egoísmos.

Propor o caminho do amor é propor a *santidade*, diz o santo. Porque quando há só o amor chegou-se à plenitude da vida cristã, como escrevia São Paulo aos Romanos (13,10).

¹⁹² Ramón Molina Piñedo, *San Benito: fundador de Europa*. Madri, BAC, 1980, p. 103.

Por outra parte, a caridade, esse amor em brasa viva, se chega a ser *amizade espiritual*, torna-se ajuda recíproca e um *caminhar juntos* que supera, pela própria índole dessas *relações entre amigos*, o ordinário conceito de direção espiritual no qual se subentendia, em outra época, uma atitude diretiva e uma *sujeição vertical* do inferior ao superior.

Esse modelo já caducou. Atrofiava o exercício da própria racionalidade e do discernimento mesmo, deixando as orientações e o momento decisório aos cuidados do diretor e assumindo o dirigido ou dirigida uma atitude de dependência formalista e servil. É um tema tratado com autoridade por analistas da vida religiosa, como Mariano Martínez na revista *Vida Religiosa*, de Madri.¹⁹³

Tanto na *Introdução à vida devota*, que trata da maneira de empreender o caminho da caridade, como no *Tratado do amor de Deus*, fala-se dessas experiências típicas da vida cristã e da santidade. Porém, neste último, se tirarmos as disquisições teológicas sobre o amor, o espírito do livro tem como centro o fazer a proposta universal de santidade, que é a proposta de viver a caridade com apaixonado ardor apostólico. A obra termina contemplando, na paixão e morte de Jesus Cristo, a plenitude da experiência cristã, quando o Senhor chegou a dar sua vida por nós numa suprema expressão de amor.¹⁹⁴

Então o amor, *como caminho de perfeição*, levava em seguida à correção dos hábitos negativos e das faltas e, contrariamente a estes, induzia à oração, à observância do dever, à experiência da entrega

¹⁹³ Mariano Martínez, *Vida Religiosa*, 1 [1992] outubro, p. 324-325. Esses temas estão tratados no capítulo “El discernimiento comunitario y la teología comunal”. In: Fernando Peraza Leal, *Discernimiento, asesoría, animación y dirección espiritual*. 3ª ed. 2007.

¹⁹⁴ Quanto ao tema da espiritualidade de São Francisco de Sales, ver: André Rivier, *Francesco di Sales. Un dotto e un santo*. Milão, Jaca Book, 1994, capítulos 10 e 12; do mesmo autor, *San Francesco di Sales*, Turim, LDC, 1967, p. 47-48. Ver ainda: “La dottrina spirituale di Francesco”, p. 68-70; “L’amico delle anime e ‘Introduzione alla vita devota’”, p. 81-85; “Trattato dell’amore di Dio”, p. 85-89.

de si aos demais, à resposta generosa às inspirações de Deus que marcava a novidade, o ritmo e a direção da caminhada.

Por outra parte, o projeto educativo global abarcava tudo o que concorria para criar um ambiente de vida tecido de realismo, de afeto, de interioridade e de alegria. Assim se viviam o estudo, a aprendizagem de uma arte, as obrigações cotidianas da vida do Oratório, seus horários e as exigências disciplinares básicas. A presença educativa (assistência) como proximidade, escuta, ajuda, conselho, paternidade, coparticipação, familiaridade, amizade! A experiência amorosa de Deus na oração pessoal, nas assim chamadas práticas de piedade e nas celebrações festivas! A liberdade de saltar e de correr, “de fazer ruído por todas as partes”; o associacionismo juvenil, a ginástica como destreza física e emocional, a música, o canto, o teatro, os passeios e, uma vez mais, o brinquedo, a festa da vida cotidiana feita “liturgia de louvor”, segundo uma expressão de Pietro Stella.¹⁹⁵

Era algo assim como unir o céu e a terra, o temporal e o eterno, o humano e o divino. E, logo mais adiante, entre os anos de 1877 e 1886, em clima de “missões estrangeiras”, tudo o que Dom Bosco integrou – nos conceitos de civilização e progresso, e nos binômios de evangelização e educação, de religião e cultura, de humanização e fé – em sua linguagem pedagógica e pastoral: o bem dos demais, a promoção das classes indígenas, o respeito às suas culturas, suas tradições, dentro de “um movimento vasto como o mundo”!¹⁹⁶

Estas são palavras suas que nos traz o *Boletim Salesiano* de agosto de 1877: falando dos cooperadores, imediatamente depois de sua aprovação por Pio IX, diz que se trata de uma maneira a mais de fazer o bem, porque temos de unir nossas forças a todos os que buscam fazer algo pelo bem da humanidade e rezar para que o possam levar a cabo!

¹⁹⁵ Pietro Stella, *Valori spirituali nel Giovani Provveduto*, p. 90-93.

¹⁹⁶ Pietro Braido, *Breve storia del Sistema Preventivo*, p. 99.

Um grande horizonte para os olhos utópicos dos jovens: as grandes perspectivas do Reino de Deus a nosso respeito!¹⁹⁷

Porém, Dom Bosco em seu realismo sempre voltava a insistir no cotidiano e, ao mesmo tempo, no amor como supremo princípio e método de toda obra boa e de todo processo educativo: “recordem os detalhes, a amabilidade, as delicadezas do amor do Filho de Deus para com os pequenos”, os humildes e os pobres. “Façam-se amar e nunca temer, torno a repeti-lo. Não esqueçam a bondade nos modos, ganhem os corações dos jovens por meio do amor”.¹⁹⁸

O amor a Jesus Cristo, aceso na contemplação de sua vida e na piedade eucarística, fazia, deveras, como diz o livrinho tão querido a Dom Bosco *A imitação de Cristo*, que tudo fosse leve e que as cargas se tornassem amáveis. Porque “o que corre, se alegre, é livre” e sempre permanece vigilante para agradecer ao Senhor em tudo, custe o que custar!¹⁹⁹

5.3 Dever e vida de cada dia

O dever e a vida de cada dia expressam, em concreto, a vontade de Deus, e na mentalidade de Dom Bosco abarcavam toda a realidade juvenil com suas características próprias: “alegria, estudo, piedade, pureza, obediência, amor de Deus e do próximo; numa palavra, tudo o que Deus queria deles em sua idade e em suas condições”. Assim se entende como “santidade e cumprimento dos próprios deveres estavam intimamente relacionados” para Dom Bosco. O tipo de amor com que os vivessem dava a tudo a tônica específica da santidade.

¹⁹⁷ Cf. Pietro Braido, *Il progetto operativo di Don Bosco e l'utopia della società cristiana*. Roma, LAS, 1982, p. 34.

¹⁹⁸ Pietro Braido, *Breve storia del Sistema Preventivo*, p. 99.

¹⁹⁹ Thomas Hermerken de Kempis, *Da imitação de Cristo*. Tradução em versos dos quatro livros por Affonso Celso, Livro segundo, capítulos VII e VIII, Livro terceiro, capítulo VI.

O dever, em definitivo, era “o primeiro postulado da espiritualidade” que Dom Bosco propunha a seus jovens e a seus salesianos, com o propósito de fazer com que eles criassem raízes praticamente na realidade imediata, a conhecessem e a aceitassem como ponto de partida de uma trajetória de conversão, de mudança e de crescimento espiritual. Dessa maneira evitava neles evasões idealistas iludidas e outras formas de autoengano, que podiam desviar a retidão de intenção e o sincero esforço de quem, ainda inexperto, empreendia a marcha pelos caminhos de Deus em referência aos quais, em último termo, sempre “tudo, desde o mais elementar, tinham de aprendê-lo vivendo”.

Mais que nunca na via do Espírito a *experiência* dava a verdadeira sabedoria do coração que era necessária para orientar e acompanhar. Diziam os antigos Padres do deserto que quem quer se fazer ajudar em sua busca de Deus não tem por que temer, porém que a autossuficiência sempre conduz ao erro!²⁰⁰ Era um sábio critério de Dom Bosco que, antes de tudo, “a vontade de Deus se discerne nas exigências da vida cotidiana”.

Em concreto, Dom Bosco, confessor e acompanhante espiritual, orientando e guiando seus jovens, caminhava com eles os caminhos da adolescência e da juventude, em sintonia com sua capacidade de sonhar seus sonhos ideais para aproveitar o impulso e a inventiva com que estes os enriqueciam, porém ensinando, corrigindo, fazendo as oportunas indicações, ganhando a confiança deles, ajudando-os com pequenas insinuações concretas e com oportunas sugestões práticas, segundo o sentido que assumiam para eles seus valores e tradições populares, e os elementos da cultura urbana na qual começavam a descobrir, talvez desconcertados ou entusiastas, outros horizontes e outros desafios.²⁰¹

²⁰⁰ Cf. Alberto Rambla Mihaharet, *Peregrinos de la intimidad con Dios*. Madri, Narcea, 1981, p. 11: citando Gregório, o sinaíta (1255-1346).

²⁰¹ Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità católica*, II, p. 223.

5.4 Atitude fundamental do discípulo

É a da *escuta*. Assim o postulava a espiritualidade beneditina, da qual tanto aprendeu a vida religiosa e laical moderna. A palavra com a qual começava sua Regra era: “Escuta, ó filho, os preceitos de teu mestre”.

Na vida espiritual esta é uma atitude permanente e exige formar-se um coração de *discípulo*. Um coração disposto a ver e escutar o mestre, e aos que o precederam na experiência e na fidelidade à Regra, à comunidade em que se vai inserir o novo discípulo, e onde tudo pode e deve ensinar algo que permita aos “jovens que começam” aprender por onde o Espírito os quer levar a começar “sua caminhada”. A aprender da realidade e da vida, onde Deus continuamente nos fala.

Segundo Joan Chittister, desde a primeira página da Regra São Bento chama a atenção de seus discípulos para que não se considerem guias de si mesmos, pois o caminho da busca da vontade de Deus é a “obediência”.²⁰²

Nesta escuta está incluído “um sentido de desconcerto diante do desconhecido”, diante do mistério, diante do que Deus pode revelar ao iniciado. É um sentido de “admiração”. Miguel Magone, no momento da primeira iluminação espiritual que com o tempo transformaria por completo sua vida, fica como surpreendido com o que vai descobrindo. Dom Bosco acentua o “entusiasmo” do rapazinho à medida que entende o caminho de “santidade” que se abre a seus passos. Expressa-o com *uma atitude de alegria*: “Cantar, gritar, correr, saltar, colocar tudo em alvoroço era a expressão de sua índole vivaz e ferosa!”.

²⁰² Walter Nigg, *Benito de Nursia*. Santander, Sal Terrae, p. 41. A notável escritora beneditina contemporânea Joan Chittister, OSB, *La Regla de San Benito: vocación de eternidad, o vocación para siempre, insights for the ages*. Bilbao, Sal Terrae, 1992, p. 22-24. G. Basil Hume, logo cardeal arcebispo de Ampleforth, na Inglaterra, no qual nos temos servido nesta parte de nossas reflexões: *A la búsqueda de Dios*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1981, p. 25-50.

A expectativa do processo que começa a percorrer o impulsiona a ser um “assíduo discípulo”. Quer ouvir Dom Bosco, que responde às suas sucessivas interrogações e aspirações, consulta-o, busca-o, reitera com ele a práxis da confissão, numa palavra, guia-se pelos exemplos da vida cotidiana do “pai”, partilhada por completo com os seus jovens.

5.5 “Escola” de espiritualidade

Com efeito, é fato histórico que o grupo de rapazes que atua como fermento da vida espiritual do primitivo Oratório segue a Dom Bosco como seu mestre. Fazendo assim, eles, sem sabê-lo, inauguram uma “verdadeira escola de ouvintes e discípulos”, de forma análoga, em sua pequenez e de forma elementar, ao que se passou na vida de Bento de Núrsia, em Roma, em Subiaco e no Monte Cassino.

Os discípulos veem, escutam, partilham e transmitem. Os ensinamentos vivos vão deixando uma pista pela qual outros haverão de passar fazendo o mesmo. Relatar o que se tinha visto ou ouvido, o que se tinha partilhado e “concelebrado” na mesma mesa e na mesma casa de família... Era o que ocorria com Dom Bosco no primitivo Oratório!

Desta “verdadeira escola de nova e atraente espiritualidade apostólica” gerada no trato espiritual e pedagógico com Dom Bosco, seu “pai espiritual”, escreveu João Paulo II, no dia 31 de janeiro de 1988:

“Todavia, o essencial do seu ensinamento permanece, as peculiaridades do seu espírito, suas intuições, seu estilo, seu carisma não perdem valor, porque inspirados na transcendente pedagogia de Deus.²⁰³ A originalidade e a audácia da proposta de “santidade juvenil” são intrínsecas à arte educativa deste grande Santo, que pode ser justamente definido como “mestre de espiritualidade juvenil”. Seu particular segredo foi o de não frustrar as aspirações profundas

²⁰³ “Carta do sumo pontífice no centenário da morte de São João Bosco”, *Atos do Conselho Geral*, 325 [1988] abril-junho, p. 19.

dos jovens (necessidade de vida, de amor, de expansão, de alegria, de liberdade, de futuro), e, ao mesmo tempo, levá-los gradual e realisticamente a experimentar que só na “vida de graça”, isto é, na amizade com Cristo, se realizam os ideais mais autênticos.²⁰⁴

O conceito de *escola de espiritualidade*, arraigado também na práxis originária de São Bento, tem uma característica especificamente sua. Não se trata, como esclarece Walter Nigg, de uma escola no estilo das aulas abertas pelos beneditinos para a instrução e a educação da juventude em vários países da Europa. Uma contribuição cultural significativa, porém, encaminhada para o “estudo” e o “aprendizado” intelectual.

A “escola de espiritualidade” é a aprendizagem prática do *dom* vocacional, do *carisma* específico. É um *aprender a viver, vivendo a vida original do mosteiro, seu espírito*, nas formas históricas em que se concretiza e se expressa: típicas relações comunitárias, o “*ora et labora*” (reza e trabalha) que formava o ritmo alternado e complementar da vida monacal: a “oração” como a “obra por excelência” do monge. A busca insaciável de Deus que é o testemunho específico de sua vida no mundo, cada vez mais afastado e contraposto a seu Criador, seu Salvador e Senhor.

Sua tarefa, como cristão, era descobrir o Cristo oculto em sua própria e mais profunda interioridade para amá-lo, revestir-se dele, anunciá-lo. E encontrá-lo nos demais para servi-lo neles. Por isso Bento deixou de ser ermitão, porque na solidão podia amar a Deus, mas lhe faltava o próximo para amá-lo com um amor semelhante.²⁰⁵

Isso explica a existência do “cenóbio”, ou mosteiro, no qual uma das normas principais era a de abrigar o peregrino que

²⁰⁴ “Carta do sumo pontífice...”, ACG 325 [1988] abril-junho, p. 21.

²⁰⁵ Basil Hume, *A la búsqueda de Dios*, cap. I, p. 17-21. O passo dado por São Bento da vida eremítica para o cenóbio, em Walter Nigg, *Benito de Nursia*, p. 21. O tema da “escola de espiritualidade beneditina”, p. 45-47 da mesma obra.

chegasse à sua porta. Nele recupera o “religioso” a presença do Senhor nos irmãos e nos homens a quem quer servir e acompanhar, para que também eles tenham uma aventura similar de fé. Foi a grande e única experiência da qual falavam todos os artigos da Regra.

Também as primeiras Constituições escritas por Dom Bosco para seus filhos não faziam senão codificar a experiência tida por ele e com eles, na convivência originária do Oratório, que não era outra coisa que a concretização prática e objetiva de sua missão entre os jovens pobres.

Assim o declara ele mesmo na primitiva introdução às Regras de 1858. Eram dois capítulos que mais tarde a Sagrada Congregação para os Bispos e Regulares da Cúria Romana fez que suprimisse, pois então não era usual fazer preâmbulos históricos no texto constitucional dos institutos de vida religiosa.

Para Dom Bosco, era a ubiquação precisa, eclesial, da fundação de sua sociedade religiosa e a índole específica desta, narrada como uma “memória sagrada” na qual se apalpava a intervenção divina, para as futuras gerações de salesianos.²⁰⁶

A forja em que se formou essa “escola de espiritualidade” foi a experiência da *caridade fraterna*, no interior da comunidade,²⁰⁷ e a do *amor pastoral e educativo* naqueles nos quais se manifestou, vitalmente, a espiritualidade de São Francisco de Sales, que o Espírito Santo suscitou na Igreja por meio de Dom Bosco.

Dom Bosco, narrando a vida de Bento de Núrsia, faz notar, precisamente, a força de atração que tinha sobre seus amigos desde jovem, quando deixando Espoleto, sua pequena terra natal, tinha ido estudar em Roma.²⁰⁸ Logo, fugindo da sociedade em

²⁰⁶ Francesco Motto, *Costituzioni della Società di San Francesco di Sales [1858]-1875*. Roma, LAS, 1982. A “Introdução” e a história das “origens”, nas cinco primeiras redações de 1858, 1860, 1864, 1867 e 1873, encontram-se nas páginas 58-71.

²⁰⁷ São João Bosco, *Vida do jovem Miguel Magone*, p. 53.

²⁰⁸ São João Bosco, *História eclesiástica para uso da juventude*, p. 111.

decadência de sua época, dedicou-se à vida eremítica para ser todo e unicamente de Deus. Arrancado dali por seus discípulos, que estavam famintos de espiritualidade, entregou-se a eles de tal forma que houve necessidade de congregá-los ao redor de si. Assim surgiu a vida cenobítica e se fez seu fundador.

Monte Cassino, na província de Nápoles, foi sede pessoal de seu ministério e centro da Ordem Beneditina desde o ano de 529, quando abandonou seu primitivo mosteiro de Subiaco. Talvez aos 49 anos. Sua Regra traçou as grandes e definitivas linhas da espiritualidade que, mais tarde, inspirariam múltiplos fundadores de ordens monásticas.

5.6 Visão de fé

Partindo da fé, Dom Bosco foi fazendo da realidade ordinária uma pista da vida espiritual. Em tudo se podia agradar a Deus e fazer o bem ao próximo. Não tirava a consistência própria da cotidianidade, pelo contrário, fazia com que a santidade fosse entendida desde o primeiro momento como a santidade da vida ordinária. A frase, verdadeiro imperativo da vida espiritual no caso de Magone e de outros, nos torna isso evidente. Dom Bosco desce assim à condição do rapazinho e a suas situações habituais: “Deves ater-te ao fácil, porém feito bem e com perseverança”. Nisso se concretizava o amor a Deus e o amor aos demais.²⁰⁹

Na palavra “bem” estava incluído o motivo do amor, que transformava tudo em alegria. Tudo era demonstração do amor solícito e providencial do Senhor, e tudo era uma oportunidade para amá-lo. Domingos Sávio o interpreta em seu diálogo com Camilo Gávio, que acaba de chegar ao Oratório e a quem causa surpresa todo esse ambiente de serenidade e de paz. Domingos, por sua vez, conhece a história do companheiro, que acaba de suportar com sentimentos cristãos uma dura enfermidade. Se

²⁰⁹ Cf. São João Bosco, *Vida do jovem Miguel Magone*, p. 52.

tinha assumido suas dificuldades vendo nelas os desígnios do amor de Deus para com ele, então Gávio poderia ser um “santo”, pois já marchava por esse caminho, soubesse-o ou não!

Esta é uma síntese do texto: Domingos vê o pequeno isolado no pátio, entretendo-se em ver brincar seus companheiros. Aproxima-se e entabula uma conversa com ele. Pergunta seu nome e sabe pelo rapaz que vem de Tortona e que esteve mal de saúde. Porém, fica surpreso porque, quando lhe insinua que não descuide seu tratamento, este lhe diz que o está fazendo, porém que também está completamente disposto a que se faça a vontade de Deus. Imediatamente Domingos lhe diz que quem pensa dessa maneira está de fato buscando a *santidade*! Então, por conseguinte, que se inserisse no grupo daqueles que, como ele, tinham feito essa opção explícita em Valdocco. E ante a admiração do rapazinho lhe expõe o que em verdade é “o Oratório” como uma escola de vida cristã que Dom Bosco foi conformando com eles: “aqui nós fazemos consistir a santidade em estar muito alegres”. Cumprimos o dever com o coração transbordante da graça. “Servimos ao Senhor com alegria!”²¹⁰

A vida da graça era simplesmente viver da amizade com Jesus Cristo. O dever, a forja da santidade! O sintoma e sua manifestação, a alegria!

Não há mais o que dizer. Dom Bosco esperava que cada oratoriano saboreasse a seu gosto a aventura da vida espiritual à sua maneira, que era, em último termo, o programa que escondia a frase que todos ao chegar podiam ler em seu aposento: uma oração e um lema de vida sacerdotal do pai que os acolhia em sua Casa: “*Da mihi animas, caetera tolle*”. “Só quero a vocês! Senhor, tu sabes que só isso me interessa, as almas, ‘a salvação das almas’.”

A salvação era o bem dos jovens e, desde logo, sua santificação. Uma síntese de vida que Domingos tinha apresentado

²¹⁰ São João Bosco, *Vida do venerável jovenzinho Domingos Sávio...*, cap. XVIII, p. 88-89.

em três pontos ao novo companheiro com quem conversara no pátio: *a vida de graça, o dever e a alegria!* A experiência de Deus com o *Amigo que os faria, os dois, amigos de coração.*

Diz Dom Bosco que também Magone “por este caminho tinha chegado a um maravilhoso grau de perfeição”.

5.7 A piedade

Eram “o espírito de oração”, a relação filial com o Senhor, a união habitual com Ele, e as diversas maneiras de expressá-lo por meio das jaculatórias espontâneas, da recordação amorosa de Deus, de falar da vida de Jesus, de sua Mãe, do desejo de visitá-los naquela capela de São Francisco de Sales que conservavam a nostalgia do primeiro Oratório.

Logo, era natural que essa chama acesa e alimentada levasse ao amor para com o próximo e desse a tudo um sabor especial. Assim, “piedade” era, também, toda a vida, o dever mesmo, empapados de Deus.

Pareceria estar lendo estas frases com as quais Piter Van Der Meer de Walcheren descreve o ambiente da casa beneditina debaixo dos olhos de São Bento, o “pai” de cuja paternidade viviam seus monges. Tudo corria serena e equilibradamente inspirado no Evangelho e no senso comum. Cada um, como que respirando naturalmente a “presença de Deus”, amadurecia na fé e dava seus frutos de caridade e paciência humildemente, sem exageros nem artifícios, pois estes poderiam ser fruto da presunção e da soberba.²¹¹

Analogicamente, Alberto Caviglia descreve em termos semelhantes o ambiente de Valdocco, onde Dom Bosco e Mamãe Margarida eram como o pai e a mãe da “casa”. Tudo transcorria na presença de Deus. “O ar de família se compenetrava com o ar de Deus de modo a formar um clima de santidade que de fato

²¹¹ Cf. Piter Van Der Meer de Walcheren, *Benito de Nursia*. Buenos Aires, Ediciones Carlos Lohlé, 1955, p. 72-73.

era, em grande parte, um clima de santos. E isto não é apenas uma frase bonita nem um jogo de palavras”. Dom Bosco tinha logrado de fato que todos se sentissem como filhos de Deus e dele, na maneira com que o amávamos e éramos por ele amados.²¹²

Na linha da espiritualidade salesiana, a piedade se tornava “devoção”, “que não era outra coisa que o fogo da caridade em chamas, que fazia tudo ligeiro e alegre. São Francisco de Sales a identifica, como já dissemos, com a santidade”.²¹³

Com esse amor Dom Bosco ensinou seus discípulos a viver a relação com Deus, fazendo-os experimentar a própria paternidade espiritual e sua vizinhança de irmão e de amigo. Levou-os a sentir Nosso Senhor como pai, Cristo “como companheiro e modelo que podiam imitar”, como mestre e caminho, e como juiz que em nós quer reconhecer um dia discípulos seus, como Divino Salvador e como fonte de vida da qual deviam alimentar-se para viver e gozar as alegrias do espírito.²¹⁴

Na Comunhão Eucarística essa relação alcançava *seu momento de máxima reciprocidade afetiva e de afinidade espiritual entre o Senhor e os “jovens, orantes”*. Era, por si mesmo, uma meta. Porém, ao mesmo tempo, a maneira como era vivida podia indicar ao sacerdote educador com que eficácia tinham logrado penetrar a caridade e a fé no coração de seus discípulos. Descobrimos os dons de oração que Deus tinha depositado na alma de seus rapazes, ele não só os respeitou “religiosamente”, mas os estimulou e valorizou. Sem acentuar desmedidamente aquilo que podia ser excepcional e extraordinário no ambiente ordinário do Oratório, onde tudo, e explicitamente os cartazes

²¹² Cf. Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco*, p. 70-71.

²¹³ São Francisco de Sales, *Introdução à vida devota ou Filotéia*. Padre Júlio Olarte busca adaptá-la à linguagem atual e a intitula: *Santidad para todos*. Bogotá, Colômbia, Centro Felipe Rinaldi, 1997. O tema está no cap. I da Primeira Parte, p. 17-20.

²¹⁴ Cf. Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità católica...*, vol. II, p. 101-118: “Gesù nella Eucaristia”; “Gesù Giudice”; “L’esempio di Gesù”; “Gesù Divin Salvatore”.

que fizera Pedro Enria colocar nas paredes, falava da presença de Deus, que era, de certa maneira, semelhante à que ele mantinha entre seus filhos na Casa.²¹⁵

Naquele mesmo pátio de Valdocco, um dia, talvez de julho de 1952, me dizia padre Eugenio Ceria, mostrando-me os aposentos do terceiro piso: aqui, ele vivia, e aqui vivíamos todos com a certeza de que Dom Bosco estava presente e disponível, ele era todo para nós! Ceria tinha professado aos 16 anos, em 2 de dezembro de 1886.²¹⁶

Na prática, Dom Bosco era muito concreto. *O jovem instruído*, publicado pela primeira vez em 1847, recopilava uma série de “exercícios de piedade cristã”, o Ofício da Virgem, as principais Vésperas do Ano e uma seleção de cantos religiosos populares. Práticas usuais nas famílias e paróquias de montanhas e vales, sobretudo do Monferrato, que os rapazes do Oratório conheciam.

As indicações prévias a estas orações motivavam as condutas cotidianas ou semanais ou festivas, para manter neles desperta e fervorosa a fé aprendida na sua infância, ou para proporcionar novos recursos quando eles quisessem entrar num sério caminho de amizade com Deus e de oração explícita.²¹⁷

²¹⁵ Um pouco de bibliografia acerca do tema da “piedade”, da “oração”, da “vida sacramental”: Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. II, e *Valori spirituali nel Giovane Provveduto di San Giovanni Bosco*.

Durante esta reflexão, citamos as obras de Caviglia sobre as biografias escritas por Dom Bosco. A nosso ver, são decisivas para o tema.

Em Mario Midali (ed.), *Don Bosco nella storia*. Roma, LAS, 1990, p. 371-392, encontra-se o ensaio teológico de J. Schepens, “Don Bosco e l’educazione ai sacramenti della penitenza e dell’eucaristia”.

É muito valioso e atualizado o livro de Giuseppe Buccellato, *Alla presenza di Dio: ruolo dell’orazione mentale nel carisma di fondazione di San Giovanni Bosco*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2000.

Theliam Argeo Corona Cortés, *La pedagogía de los Novísimos en los escritos de Don Bosco: uma dissertação dirigida por Aldo Giraudó*, em 2003.

²¹⁶ Ver Eugenio Ceria, *L’ambiente educativo dell’Oratorio nel tempo del Savio*. Turim, SEI, 1951, p. 57-67.

²¹⁷ Para o primeiro texto de *O jovem instruído*, de 1847, ver Giovanni Bosco, *Opere edite*. Roma, LAS [1976], vol. II, p. 183-532.

Dominava, como era natural, a *oração de petição*, que expressava em geral a atitude da pobreza pessoal diante de Deus e a confiança nele. Oração unida à Cruz e à festa; ambas expressões da realidade humana vista e vivida com uma fé pascal concreta e cheia de esperança.

Os bairros marginais de Turim, como o de Valdocco, eram visitados com certa frequência por epidemias mortais e desoladoras. As limitações e os riscos da vida eram motivos a mais para que Dom Bosco ensinasse a seus rapazes como assumir e superar suas situações pessoais, com atitude filial, sabendo que o Senhor jamais os abandonaria.

A *festa* era uma dimensão da própria vida cristã. Dom Bosco faz alusão explícita a esta, sobretudo quando acompanha seus filhos nos momentos de sofrimento e na hora da morte. As provas ordinárias e a dor lhes diziam que a meta, na sua idade, podia também estar muito próxima, porém que continuava ainda a peregrinação antes de voltar à casa do Pai.

Domingos, presentindo que a morte estava próxima, ao despedir-se de seus companheiros, com a dor de deixá-los, os citou para o encontro definitivo com Deus, no céu. Logo, no lar de Mondônio, apesar do grave mal-estar da doença, seu rosto conservava a *alegria*. Evocava a paixão do Senhor quando a sentia ele mesmo em seu corpo, porém, estando já para morrer, extenuado pelas “sangrias medicinais” que lhe tiravam a vida, repetia ao papai que o acompanhava de perto que desejava começar a entoar os louvores que cantaria eternamente ao Senhor.

Miguel Magone *expirou* “sorrindo”. Por sua parte, Francisco Besucco, perto de morrer, à pergunta de Dom Bosco se desejava ir ao encontro do Senhor, respondeu-lhe simplesmente: “Imagine se não hei de querer!”. Logo, recordando com seu pai espiritual o que Cristo tinha sofrido por ele, acrescentou que

já não queria pensar noutra coisa senão no *Paraíso*, se era essa a vontade do Senhor.²¹⁸

5.8 Dimensão mariana da espiritualidade

Neste contexto de fé, a presença da Virgem era muito afetiva, terna, porém ao mesmo tempo poderosa. Contemplá-la era contemplar o melhor dos ideais que seus filhos podiam forjar em sua consciência cristã: cheia de graça, chamada a ser mãe de Cristo, sua discípula, participante com Ele da vida social de seu povo, como ocorreu em Caná da Galileia quando por ela a água se converteu no melhor dos vinhos da boda. Presença dolorosa no momento de sua morte, cheia do Espírito Santo em Pentecostes, com ela nasce a Igreja.

Dom Bosco não tinha dúvidas em fazer com que seus filhos colocassem em Maria Santíssima sua esperança e se sentissem seguros em Valdocco, onde ela vivia com eles, quase palpavelmente, como ele assegurava. E em *O jovem instruído* podiam reler com frequência a invocação de “mãe”, que era a preferida por ele. Nela sempre encontraria seu “auxílio” e sua consolação.

A experiência desta “maternidade” está na base das devoções que Dom Bosco inculcava a seus filhos, com toda a riqueza de manifestações e de aspectos com os quais a venerava a piedade

²¹⁸ Encontramos a reflexão sobre a festa e o sofrimento na vida cristã em Ricardo Tonelli, *Una spiritualità per la vita quotidiana*. Leumann-Turim, Elledici [1987], p. 109-118.

Dos Colóquios Internacionais sobre a vida salesiana é interessante conhecer, a propósito, o n. 14, dedicado precisamente à “Festa”. Cosimo Semeraro [ed.], *La festa nell’esperienza giovanile del mondo salesiano*. Leumann-Turim, Editrice Elledici [1988]. Francis Desramaut trata do tema: *La festa salesiana ai tempi di Don Bosco*, p. 79-99. Assim conclui: “Dom Bosco não perdia seu tempo em teorias. Os resultados positivos das festas locais, que alegravam seus jovens, fazendo-os se aproximarem uns dos outros e dos próprios educadores e, sobretudo faziam-nos comunicar com o mundo sagrado do mesmo Cristo, eram valorizados por ele no plano da experiência. A festa, quando saía bem, santificava seus jovens. A festa encontrava lugar em seu método educativo. E era um lugar de relevo. Tempos felizes!” (p. 98-99).

popular dos fiéis: a Dolorosa; a da Assunção – ou da Escala, em Chieri –; a Imaculada, sobretudo a partir de 1854; a do Rosário e a das sete alegrias; a Dolorosa e a Virgem da Consolação – ou a Consolata –, devoções incluídas em *O jovem instruído* e usuais na vida de seu Oratório.

Maria Auxiliadora chega depois de 1862, com os fatos de Espoleto, quando a renovação do quadro da Virgem da Estrela no recinto de Fratta, em Montefalco, marcou o começo de uma nova época, caracterizada por um forte sentido eclesial na vida do Oratório, e quando a expansão missionária tornou universal a vocação salesiana.

Então a imagem pintada por Tomás Lorenzone para a Basílica há de mostrá-la como Mãe da Igreja, defensora de fé de seus educandos e do povo em momentos difíceis de laicismo político e de liberalismo sectário e anticlerical.²¹⁹

Assim Domingos Sávio, inspirado na santidade de Maria, chegou a ser “todo do Senhor” e não queria senão viver Dele e para Ele. Eram proverbiais suas atitudes de abandono filial em Deus “como o de uma criança nos braços de sua mãe”, segundo testemunha João Cagliero no Processo Informativo para a Beatificação.²²⁰

E Dom Bosco afirma que “toda a vida” de seu admirável discípulo “esteve impregnada da devoção a Maria Santíssima, sem que deixasse passar ocasião propícia para demonstrar-lhe seu carinho e sua confiança”. Também para o discípulo, como para Dom Bosco, a Virgem era antes de tudo “a mãe”.²²¹

²¹⁹ Pietro Stella, *Valori spirituali nel Giovane Provveduto...*, p. 119-121. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. II, p. 147-161, “Maria Santíssima”.

²²⁰ As citações dos Sumários da Causa de Beatificação são tiradas de duas obras de Alberto Caviglia: *San Domenico Savio nel ricordo dei contemporanei* [Turim, LDC, 1957, p. 38-39; 84-86; 94-95 e *Savio Domenico e Don Bosco* [p. 28].

²²¹ Cf. São João Bosco, *Vida do venerável juvenzinho Domingos Sávio*, capítulos XIII (p. 60-64) e XVII (p. 78-84).

Da *maternidade divina* da Virgem derivava toda outra invocação e prática religiosa que Dom Bosco introduziu em Valdocco, apoiando-se no sentido de devoção de seus rapazes e em sua própria experiência. Maria na história da própria salvação pessoal, no caminho ascensional da perfeição cristã e na vida “religiosa” de seus filhos.

A invocação ao Coração Imaculado de Maria, enfatizada por Dom Bosco desde 1852 e que fora a invocação preferida por Domingos Sávio, fazia especial referência à época dos duros embates sectários com o papa e a Igreja, e acentuava a conversão do coração e o triunfo da fé contra o mal, no contexto dramático desses anos.

O ideal de santidade sacerdotal sonhado por João Bosco e Luís Comollo no Seminário de Chieri, ajoelhados ante a imagem da Imaculada Conceição esculpida por Ignacio Perruca em 1750, se unia agora a uma clara consciência do amor à Igreja, estimulada pela invocação a “Maria Auxiliadora do povo cristão”, quando, invadidos os Estados Pontifícios pelos exércitos do Reino, se ia consumando a unidade política e territorial da Itália.²²²

5.9 A paixão apostólica

Finalmente, a *paixão apostólica* de Dom Bosco – alma de sua espiritualidade pastoral – se verte no coração de Domingos, transformando-se para este na *ascética* e na *mística* próprias de sua experiência de fé. Uma paixão que purificava, que exigia esforço, criatividade, superação de si mesmo, doação completa da vida. Assim o deixa assinalado o próprio Dom Bosco ao escrever a biografia do adolescente: sempre pensava em fazer o bem aos demais; sempre buscava como levar a Deus seus companheiros.²²³

²²² Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità católica*, vol. II, p. 221-225.

²²³ Cf. São João Bosco, *Vida do venerável jovenzinho Domingos Sávio*, p. 48, 54.

Tinha sido a primeira lição de santidade dada pelo mestre ao discípulo e, vivendo-a, Domingos Sávio haveria de alcançar prontamente a meta, pois nada há tão grande quanto a salvação das almas por quem Jesus Cristo derramou até a última gota de seu sangue.

Por isso mesmo o entusiasmava o mundo das missões e, se lhe fora possível, desejaria ir pessoalmente a esses lugares de evangelização. Entretanto, sempre se prestava para ensinar o catecismo em Valdocco e fazer todo o bem que estivesse ao seu alcance. Dom Bosco lhe havia dito que se fizesse amar se queria que os demais amassem como ele a Jesus Cristo, e Domingos se tornou o amigo de todos!

Efetivamente, o “*Da mihi animas, caetera tolle*” – que é uma síntese emblemática da espiritualidade do santo educador – pode ser traduzido por: “Senhor, dai-me aqueles para os quais me chamastes, os jovens! Isso é a única coisa que me interessa”. Nessa frase, escreve Alberto Caviglia, “está todo Dom Bosco”. Era, assim mesmo, o lema pessoal de Domingos!²²⁴

Segundo a experiência de Dom Bosco, os ritmos e os graus da perfeição estão marcados pela superação do pecado e dos defeitos, atitudes e comportamentos que impedem a ação de Deus no coração dos jovens e pela aquisição de virtudes sempre mais consistentes e mais de acordo com as “inspirações da graça”.

Pois bem, a caridade, o amor a Deus e ao próximo, o amor apostólico e o amor educativo que impulsionam toda a vida de fé do discípulo calcinam os germens do egoísmo, geram virtudes, dão sentido de plenitude a cada um em seus atos. O amor, enfim, define a pedagogia e a espiritualidade salesianas.

Xavier Thévenot anota como Dom Bosco, apesar dos preconceitos e suspeitas que em sua época havia contra os conceitos de amor e de sexualidade humana, e dos riscos de que um carinho, expressado como ele o entendia, pudesse acarretar às

²²⁴ Cf. Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco*, p. 129-133.

relações entre educador e educando, “manteve a afetividade como um fator essencial de sua pedagogia”, exigindo de seus filhos, isso sim, nesse aspecto, com realismo, uma ascética inteligente e abnegada.²²⁵

O que é amado educa, incide no educando. “Amar e fazer-se amar” estão na dinâmica mesma da “paixão apostólica”. A paixão que calcina as escórias e leva à imolação da vida. Dar a vida porque se ama é, antes de tudo, uma categoria evangélica substancial, que explica a própria vida de Cristo e a define e faz do homem o cristão, e do cristão o “santo”, por meio de uma entrega oblativa, gratuita e sem reservas: “Nisso sabemos o que é o amor: Jesus deu a vida por nós. Portanto, também nós devemos dar a vida pelos irmãos”; “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos”.²²⁶

É o “evangelho” vivido por Dom Bosco para e com os seus jovens. O dinamismo da vida espiritual que o faz santo no trabalho abnegado de acompanhar de maneira formativa a seus discípulos que, em reciprocidade, fazem com ele sua própria caminhada no seguimento de Cristo, para alcançar, todos – o mestre e eles, o pai espiritual e seus filhos –, a estatura à qual, em Jesus, Deus e homem, foram chamados.

5.10 Frutos do Espírito

*Assumir sentimentos e virtudes de Cristo,
especialmente a predileção pelos jovens pobres*

A generosidade, a alegria e a paz, o impulso mantido no trabalho espiritual e a própria esperança, juntamente com a serenidade de ânimo e a capacidade de superar com fortaleza e constância

²²⁵ Cf. Xavier Thévenot, “Don Bosco educatore e il Sistema Preventivo: un esame codotto a partire dell’antropologia psicanalitica”. In: Carlo Nanni [ed.], *Il Sistema Preventivo e l’educazione dei giovani*. Roma, LAS [1989], p. 121-122.

²²⁶ 1João 3,16; João 15,13.

as dificuldades e as provas, são frutos da fé e do amor infundidos pelo Espírito Santo no coração do fiel. São dinamismos profundos da vida no Espírito. Dom Bosco o via no próprio itinerário espiritual e no itinerário seguido por seus filhos.

Em suma, a mentalidade de Dom Bosco se expressa nos termos daqueles autores que interpretam a santidade como a experiência das *virtudes exigidas por uma vida cotidiana vivida por amor a Deus*: portanto, em união com Ele e segundo sua vontade.

Dom Bosco não se detém em termos nem em nomenclaturas da literatura ascética usados por alguns autores flamengos e italianos, distinguindo entre via purgativa, iluminativa e unitiva, nem entre incipientes e perfeitos. No entanto, conhece muito bem os processos de purificação, os momentos de particular percepção da ação de Deus e de união com Ele, em sua vida de fé e na de seus jovens, e embora sempre se sirva da experiência tradicional da Igreja e da experiência dos mais acreditados mestres espirituais.

O importante é dar-se conta de que propõe decididamente a perfeição cristã aos jovens. Ao fazê-lo, partilha com eles sua própria vida espiritual, seu caminho de lutas, de superações e de abertura ao Espírito que o ilumina e o impulsiona no seguimento de Cristo.

E o faz secundando as aspirações individuais da psicologia juvenil e a oculta ação do Senhor nos jovens. Faz por intuição e por experiência. Sobretudo quando os acompanha com assiduidade pedagógica, consciente de que necessitam ser ajudados no momento oportuno, orientados e, ainda, dirigidos. E, “embora fossem simples adolescentes e filhos do povo, também lhes era possível, a eles, chegar a ser realmente santos”, como o tinha ensinado em seu tempo São Francisco de Sales, convidando à perfeição todos os cristãos, quaisquer que fossem sua condição e seu estado de vida.²²⁷

²²⁷ Cf. Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. II, p. 221-225.

Assim o manifesta também dirigindo-se aos seus “religiosos”, para quem a “imitação de Jesus Cristo” leva a fazer próprias as virtudes que caracterizam a vida do Senhor, particularmente a caridade para com o próximo, em que a entrega total leva à perfeição evangélica e consoma a própria vida como uma verdadeira “oblação” de si mesmo ao Pai, com Cristo.

– A convivência cotidiana na comunidade familiar com os irmãos,

– os deveres de sua condição de consagrado,

– o domínio dos próprios instintos e paixões,

– as ocupações cotidianas,

– os quefazeres pedagógicos

– e as fadigas e as renúncias exigidas pela missão

eram os meios de santidade com que contavam seus filhos, *cujos corações só deveriam aspirar a assumir os sentimentos do coração de Jesus Cristo para amar com ele os jovens*, conforme a célebre frase com a qual padre Egídio Viganó exortava os salesianos a viver com entusiasmo e generosidade as opções e os compromissos radicais de sua vocação.²²⁸

Dom Bosco: protótipo da santidade salesiana

Porém, em verdade, Dom Bosco mesmo foi o exemplar da proposta de santidade para os filhos feitos seus discípulos espirituais.

Dele estes aprenderam a fé, a caridade, o realismo e o sentido do concreto, a capacidade de olhar para o futuro e de ser empreendedores. Dele estes aprenderam o ardor pela salvação do próximo e a esperança, o sacrifício e a abnegação de si mesmo para o bem dos demais. Como um pano de fundo que às vezes parecia emergir à vista comunicando uma serenidade e uma alegria profundas, sua íntima e jamais interrompida união com Deus. Todas notas típicas de sua espiritualidade.

²²⁸ Cf. ACS n. 296, p. 7.

Convivendo com ele, souberam qual era o sentido do essencial, a recusa do palavreiro, da burocracia e dos formalismos, a prudência no trato com os que detinham o poder.

Não foi estranho que padre Rua, que tomava parte em sua vida tão de perto, tenha chegado a encarnar sua mentalidade e seu espírito. Foi dócil quando seu pai lhe ensinou a fazer-se obedecer não à força, mas espontaneamente, e quando, amavelmente, lhe insinuou que se propusesse tornar amigos seus todos aqueles com os quais tinha de tratar.

Os primeiros salesianos aprenderam de Dom Bosco essa sabedoria que está expressa na Regra beneditina: a moderação, em lugar das exigências estritas e inapeláveis. O não pretender sempre o perfeccionismo do ótimo, mas contentar-se com o bom e o possível, sem nunca perder a aspiração a algo melhor, a amar os outros sem medida, porque essa era a medida do amor!

Além disso, Dom Bosco, quando escreveu as *Memórias do Oratório*, o fez para ensinar com o relato de sua vida e fazendo ver como Deus sempre estivera presente nela. Nessas páginas, escritas entre 1873 e 1879, integrou para sempre sua infância e o sonho dos 9 anos a todo o devir de sua história. Quando estava elaborando esse livro singular, no qual se descrevia a si mesmo, tinha a seu lado Júlio Barberis, que precisamente em 1879 assumiu o cargo de diretor e mestre dos noviços em São Benigno Canavese. *O magistério deste com os primeiros formandos seria, desde então, fazer como Dom Bosco fazia.*²²⁹

O Fundador insistiu muitas vezes para que não se mudasse quanto era próprio de seu espírito, pois, fazendo-o, não haveria como tornar a recuperar a identidade e o fervor das origens, vividos no clima espiritual denso e cheio de exultação da declaração do Dogma da Imaculada Conceição de Maria! Efetivamente,

²²⁹ Para a história do texto das *Memórias do Oratório*, ver Giovanni Bosco, *Memorie dell'Oratorio di San Francesco di Sales dal 1815 al 1855*, Introduzione, note e testo critico a cura di Antonio da Silva Ferreira. Roma, LAS [1991], p. 18-20.

entre 1854 e 1859, sobre a experiência do primitivo Oratório se forjou a Congregação Salesiana.

O mesmo quanto a que não se esquecessem os “diretores” que seus irmãos esperavam deles o mesmo que tinham esperado de seu fundador e que lhes tinha dado ao entregar-lhes sua vida. Era *sua paternidade espiritual* o núcleo vital de sua relação com eles, e desde esta lhes foi transmitindo seu espírito. Esse “pai e amigo”, como se firmava em suas cartas, era a síntese modelar de seu pensamento e de sua práxis.²³⁰

“Fazer como Dom Bosco”

Era um axioma que se referia não somente ao que havia visto no passado, mas às suas atitudes diante do futuro, a que se referia relatando seus planos e projetos, fazendo conjecturas, sonhando ou fazendo predições. Em verdade, Dom Bosco só vivia para os jovens. Suas obras, sem exceção, tinham sido, na verdade, Oratório. A seus primeiros religiosos os teve como discípulos espirituais no sacramento da Penitência. A recordação do “pai” era então demasiado profunda e sugestiva para eles. E Valdocco chegou a se tornar “um paraíso terrestre” para muitos.²³¹

Quando escreveu a vida de alguns salesianos, sublinhou a abnegação de seu trabalho, seu desprendimento, sua amorosa fidelidade à Regra, ao amor de Deus e ao serviço do próximo que os tinha consumido, sua obediência filial. Era, pois, muito concreto e ia às condutas da vida ordinária.

Obedecer era para ele buscar a vontade de Deus e segui-la, fosse quem fosse o superior por meio do qual Deus lhes falasse e os conduzisse. O diálogo fraterno, chamado então *rendiconto*, era para Dom Bosco uma circunstância única para conduzir uma

²³⁰ Fernando Peraza Leal, *El director salesiano y la dirección espiritual*. Quito, CSR, 1994, p. 32-46.

²³¹ Pietro Braido, *Dom Bosco padre dos jovens...*, II, p. 238. Ver Mons. Luigi Lasagna, *Epistolario*, vol. I, cartas 11, 42-52; 18, 28-29; 107, 8-10.

séria direção espiritual, se a confiança que o caracterizava era fruto do espírito de família que animava toda a vida da “casa”.

Em suas “Lembranças confidenciais” ao padre Rua (1863), logo tornadas extensivas a todos os diretores (1871-1886), “unindo admiravelmente a ternura paterna à sabedoria do mestre de vida e de pedagogia salesiana”, insistia enfaticamente sobre esses valores e outros, como jamais ameaçar nem mostrar ira e violência em suas atitudes; serem eles, antes de tudo, obedientes, se queriam por sua vez serem obedecidos. O evitar maneiras impositivas e, pelo contrário, usar modos insinuantes e persuasivos: “Poderias fazer-me este favor?”; “Seria necessário isto ou aquilo, poderias encarregar-te de fazê-lo?”; “Estarias em condições de saúde e de trabalho para responsabilizar-se por isto?”. “Façam-se sempre amar, nunca temer!”

Que procurassem conhecer os alunos e fazer-se conhecer por eles. Que favorecessem toda circunstância nas quais fosse possível estar ao lado deles, dizer-lhes alguma palavra de afeto. Que se interessassem por suas necessidades e aspirações, pois esta era a maneira de ganhar-lhes o coração.²³²

Por meio da correspondência pessoal, Dom Bosco tratava de tornar patentes sua presença e sua preocupação pelo bem de cada pessoa. Nela, mantém com os superiores a tônica de suas “Lembranças confidenciais”, que tinham sido já como seu “testamento”: as disposições e ordens não deviam ser impositivas, nem prejudiciais à saúde. Suas modalidades, sempre educadas e caridosas. Quando tinha de pedir algo difícil ou custoso, haveria de fazê-lo com grande tato e delicadeza, sem violentar a liberdade da pessoa.

Era indispensável, por outra parte, que fizessem amar a pobreza e o desprendimento e que se favorecesse e motivasse a vida de oração, com a mesma naturalidade com que o faziam

²³² São João Bosco, “Lembranças confidenciais aos diretores”. In: Antônio da Silva Ferreira, *Não basta amar...*, p. 105-116.

os simples cristãos a quem São Paulo convidava a orar sem interrupção e a fazer o bem sem descanso.

Favorecer o aburguesamento, a vaidade e o orgulho era permitir a erosão interna da vida religiosa. Desta maneira, o exercício da autoridade foi se definindo como um serviço de caridade, que buscava o bem de cada um, como o faz com seus filhos todo pai que ama de verdade.

Porém, o mais admirável era ver como em Dom Bosco as coisas terrenas e as coisas do céu iam se mesclando de tal maneira que em suas condutas a oração e a contemplação não se contrapunham aos deveres e responsabilidades das coisas temporais. Que não somente ele tinha um ritmo harmônico entre trabalho e vida interior, mas que o trabalho tinha se transformado em oração em si mesmo! Uma espiritualidade que se revestia de uma novidade evidente e era fruto da ação interior e silenciosa de Deus que possuía o coração do apóstolo. Isso foi tipicamente seu, mais além do lema beneditino de “orar e trabalhar”. Pio XI em seus discursos fez explícitas alusões à modernidade desta espiritualidade na Igreja. No *“Da mihi animas, caetera tolle”* Dom Bosco expressava precisamente esta síntese. Porque isso era de Dom Bosco.

Na verdade, sua espiritualidade era a de “um homem de Deus” que vivia a ação “numa contínua atitude orante, e a de um apóstolo e educador cuja fé filial no Senhor se projetava de imediato no amor ao próximo, em quem via o próprio rosto de Cristo”.

Não era outra coisa senão a experiência madura do amor pastoral no qual tinha começado a se formar desde os anos de seu Seminário em Chieri, à luz do espírito ascético que dom Columbano Chiaverotti desejava infundir em seus clérigos, e que consistia em entregar, como Cristo Bom Pastor, a vida para o bem do rebanho.

Uma “espiritualidade”, quer dizer, uma maneira de viver a vida cristã que tinha constatado na vida daqueles santos como

Francisco de Sales, Vicente de Paulo, Afonso Maria de Ligório, Felipe Neri ou Carlos Borromeu, cuja corrente de caridade pastoral, vinda de diversos contextos culturais e históricos, transformou a espiritualidade dos anos de 1800. Em suma, como conclui um estudo de Massimo Marcocchi, se não foi um escritor de espiritualidade, foi sim um testemunho e um mestre de espírito.²³³

6. Modalidades por meio das quais Dom Bosco ministra a direção espiritual

6.1 Intervenções gerais e pessoais, fora da entrevista espiritual e da confissão

Nas primeiras, usa os meios ordinários que lhe oferecem a vida e a organização da “casa”: conferências, boas-noites, pregação, escritos, exercícios espirituais e de boa morte, reuniões e deliberações comunitárias. Capítulos, grupos juvenis, passeios outonais. Um tema a que já nos referimos amplamente.

²³³ Estes conceitos se encontram em Pietro Braidó, *Dom Bosco, padre dos jovens no século da liberdade*. Vol. II. São Paulo, Editora Salesiana, 2008, p. 234-235; 239-240; 242-245; 667-669.

Além dos numerosos pronunciamentos de Pio XI na época da Beatificação e da Canonização, alguns autores, que escreveram sobre essa nova espiritualidade, com diretas alusões a São João Bosco, foram:

Ceslo Pera, *I doni dello Spirito Santo nell'anima del Beato Giovanni Bosco* (1930).

Angelo Portaluppi, “La spiritualità del Beato Don Bosco”. In: *La scuola cattolica* (1930).

Pierre Cras, “La spiritualité d'un homme d'action. Saint Jean Bosco”. *La Vie Spirituelle* (1938).

Marie-Dominique Chenu, *St. Thomas d'Aquin et la théologie* (1970).

Jean-Héré Nicolas, *Contemplazione e vita contemplativa nel cristianesimo* (1990).

Massimo Marcocchi, “Alle radici della spiritualità di Don Bosco” (1990). In: *Don Bosco nella storia*.

Sobre a espiritualidade de dom Columbano Chiaverotti, fundador do Seminário de Chieri, ver Aldo Giraudó, *Clero, seminario e società*. Roma, LAS [1993].

Dom Bosco possuía o sentido do contexto: o lugar da direção não era indiferente. O ambiente habitual no qual se movia e atuava era o de uma obra “alegre e sã”, rica em expressões de vida espiritual, centrada numa capela tornada acessível para o recolhimento, a adoração e a missa cotidiana. A casa com grandes cartazes em suas paredes: “Deus te vê”, era um deles; frases que falavam a mesma linguagem de Dom Bosco e recordavam suas palavras ou o evocavam quando não estava presente.²³⁴

Individualmente, nos encontros pessoais, ocasionais ou deliberadamente previstos, por pequenos que fossem. Neles, ele acolhia paternalmente, escutava, falava, fazia as correções e advertências oportunas. Ou se servia de palavras sugestivas, muitas vezes comprometedoras e que faziam pressão, ditas “ao ouvido”, com certa reserva pessoal. Nestas últimas circunstâncias se notava um peculiar tato educativo.

Essas frases, empregadas oportuna e solícitamente com seus filhos, muitas vezes prolongavam ou aludiam à orientação dada na intimidade do sacramento ou no colóquio pessoal. Todos estavam seguros de que Dom Bosco se interessava por eles individualmente, como pessoas. Tratava-se, talvez, do estado de ânimo do rapaz ou do religioso ou do sacerdote, que Dom Bosco percebia imediatamente. De suas situações de saúde ou de estudo, de suas relações e amizades, de sua disponibilidade para afrontar com ele alguma situação importante ou definitiva, e, sobretudo, o estado de sua vida espiritual.

Não era raro que com os jovens que saíam, ou ausentes, ou com seus “salesianos” colocados em diversos lugares de trabalho, ou com o grupo de estudantes de Lanzo, Valsálce ou de Mirabello Monferrato, por exemplo, estabelecesse uma correspondência direta que sempre continha alguma expressão alusiva à vida espiritual, uma insinuação ou uma frase precisa

²³⁴ Cf. Francis Desramaut, *San Giovanni Bosco, direttore d'anime*, p. 53-54.

que chegava ao coração, prolongando talvez um diálogo que tinha havido, uma decisão já tomada, um projeto em caminho... Também assim acompanhava Dom Bosco a seus discípulos e se comunicava com seus filhos.

Algumas de suas cartas têm esse caráter específico. Suas frases são concisas e práticas:

Tu estarás sempre inquieto e direi infeliz enquanto não colocares em prática a obediência prometida e não te abandonares inteiramente à direção de teus superiores. [...] Da tua carta e das conversas que tivemos não aparece nenhum motivo para dispensar dos votos. Se estes existissem, eu deveria escrever à Santa Sé a quem são reservados. Mas diante do Senhor eu te aconselharia a consideração do renuncie a si mesmo, e que verificasses que o homem obediente cantará vitória.²³⁵

Tua carta me tira um espinho do coração que me impediu de fazer-te aquele bem que até agora não pude fazer. Está bem.

Tu estás nos braços de Dom Bosco, e ele saberá como servir-se de ti para a maior glória de Deus e bem de tua alma. Quando chegares trataremos do que deve ser feito.²³⁶

Escuta-me, caro padre Tomatis: um missionário deve estar pronto a dar a vida para a maior glória de Deus; e depois não deve ser capaz de suportar um pouco de antipatia por um companheiro, mesmo se tivesse notáveis defeitos? Portanto escuta o que nos diz São Paulo: Carregai os fardos uns dos outros; assim cumprireis a lei de Cristo.²³⁷ A caridade é benfazeja, é paciente, suporta tudo.²³⁸

E se alguém não cuida dos seus e, principalmente, dos de sua casa é pior que um infiel.²³⁹

²³⁵ Carta ao clérigo Pietro Guidazio. In: San Giovanni Bosco, *Epistolario*. Introduzione, testi critici e note a cura di Francesco Motto. Roma, LAS, 1999, III, carta 1465, 13 de setembro de 1870, p. 250.

²³⁶ Carta ao clérigo Giovanni Tamiotti, *Epistolario*, III, carta 1642, 25 de abril de 1872, p. 428.

²³⁷ Cf. Gálatas 6,2.

²³⁸ Cf. 1Coríntios 13, 4, 7.

²³⁹ Cf. 1Timóteo 5, 8.

Portanto, meu caro, dá-me esta grande consolação, antes faze-me este favor a Dom Bosco que to pede: para o futuro Molinari seja teu grande amigo, e se não o podes amar porque é cheio de defeitos, ama-o por amor de Deus, ama-o pelo afeto que me tens.²⁴⁰

Seguramente, possuímos grande parte de toda aquela correspondência íntima da qual demos estas brevíssimas amostras. Sabemos, com efeito, que a comunicação era às vezes contínua e intensa com alguns de seus filhos: “Agradou-me muito a franqueza com a qual muitas vezes me tens escrito. Continua no mesmo teor. Mas tem por base alguns avisos que são para ti como meu testamento”.²⁴¹

No dia 31 de janeiro de 1881, escreve nestes termos ao mesmo sacerdote salesiano:

Recebi muitas vezes cartas tuas sempre com grande prazer. Escreve-me mais frequentemente, mas cartas compridas. Sei porém que trabalhas, e isso sirva de desculpa. Porém, enquanto te ocupas das almas dos outros, não esquecer a tua. O exercício da boa morte uma vez por mês não seja nunca esquecido. [...]

Deus te abençoe, meu caro padre Remotti, sempre pupila de meus olhos. Continua trabalhando, o prêmio está preparado, o céu nos espera. Estejam fixos os nossos corações lá onde estão as verdadeiras alegrias.²⁴²

6.2 Lugares e momentos preferidos por Dom Bosco

O confessionário ou seu *escritório*, o *pátio* ou *passeando pela rua* ao meio-dia ou ao entardecer depois de ceiar com a comunidade e os rapazes. À noite, em seus *aposentos*, antes do descanso.²⁴³

²⁴⁰ Carta ao padre Domingos Tomatis. In: Eugenio Ceria, *Epistolario di S. Giovanni Bosco*. Turim, SEI, 1958, III, carta 1416, 7 de março de 1876, p. 27.

²⁴¹ Carta ao padre Taddeo Remotti. In: Eugenio Ceria, *Epistolario di S. Giovanni Bosco*, III, carta 1879, 31 de dezembro de 1878, p. 425.

²⁴² Carta ao padre Taddeo Remotti. In: Eugenio Ceria, *Epistolario di S. Giovanni Bosco*, IV, carta 2132, 31 de janeiro de 1881, p. 9-10.

²⁴³ Cf. Francis Desramaut, *San Giovanni Bosco, direttore d'anime*, p. 54.

Não era raro que ao descer do estrado rudimentar do qual dava a boa-noite os jovens o rodeassem para beijar-lhe a mão e despedir-se. Ele dizia uma palavra confidencial ou se fazia entender só com um olhar ou estreitando significativamente a mão: sempre estimulava e corrigia com afeto.

Domingos Sávio costumava acolher essa linguagem de seu pai espiritual “com profunda veneração; logo, em absoluto silêncio subia para o dormitório”. Durante os vinte e oito meses de sua permanência no Oratório, só uma vez teve a oportunidade de falar durante uma hora com Dom Bosco. No restante, não pôde estar nem dez minutos a sós com ele, e, não obstante isso, cada palavra sua e cada frase pareciam como se fosse a continuação de um diálogo implícito, que o adolescente acolhia com cuidado para fazê-las frutificar em seu coração.²⁴⁴

Com seus religiosos, depois de 1860, os colóquios foram mais prolongados e íntimos.²⁴⁵

Segundo narra padre Lemoyne, um superior de um instituto religioso dizia aos salesianos: “Vocês têm em casa uma grande fortuna que ninguém mais possui em Turim, e nem mesmo a têm outras comunidades religiosas. Têm um aposento do qual saem radiantes de alegria os que entram levando consigo suas penas. O aposento de Dom Bosco”. O aposento de um amigo, agrega Desramaut. Um amigo que insistia com os superiores para que fossem amigos de seus irmãos.²⁴⁶

Essa *relação de amizade, de compreensão e de acolhida espontânea e gratuita* era também por si mesma terapêutica: serenava, permitia objetivar os dados e as apreciações morais, equilibrar os estados emocionais de culpa, os momentos de

²⁴⁴ Cf. Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco*, p. 83. Ver também a *Positio super virtutibus Dominici Savio*. Romae, 1962, p. 78.

²⁴⁵ Cf. Francis Desramaut, *San Giovanni Bosco, direttore d'anime*, p. 56.

²⁴⁶ Sac. G. B. Lemoyne, *Vita di San Giovanni Bosco*. Nuova edizione a cura di Angelo Amadei. Turim, SEI, 1947, vol. II, p. 357. Cf. Francis Desramaut, *San Giovanni Bosco, direttore d'anime*, p. 68.

escrúpulo. Facilitava a confiança e a aceitação de si mesmo por parte do dirigido, e fazia que a insinuação ou a norma sugerida pelo pai e mestre espiritual fossem acolhidas com prontidão e generosidade.

O tato pedagógico de Dom Bosco sabia, a tempo, pressionar uma tomada de posição preventiva diante de um risco iminente ou uma ruptura necessária. Não deixava que a inclinação se tornasse um hábito nocivo ou que a fadiga e a instabilidade psicológica mandassem a pique um processo em caminho ou a sinceridade de uma mudança de vida percebida como indispensável e quem sabe urgente.

Usava então sua capacidade de persuadir, de esperar o momento. Respeitava a liberdade, porém tratava de iluminar os critérios e as condutas concretas. A obediência exigida era fruto de um discernimento implícito ou explícito e nunca de um capricho pessoal ou de uma imposição arbitrária.

Então era capaz de pedir e de suplicar, mas não de ceder no que não podia, sem faltar nunca, no que dependia dele, às atitudes de bondade e de afeto que davam uma tônica particular de família e de solicitude paterna às suas condutas.

Porém, *não era imediatista*. Esperava com paciência a hora de Deus quando descobria a sinceridade do interlocutor e conseguia ver aquele núcleo de bondade que não falta a ninguém no profundo do próprio coração e a partir do qual se pode chegar a distinguir tudo. Sempre me impressionou este episódio narrado por Angelo Amadei:

Dom Tiago Costamagna, no dia 2 de fevereiro de 1908, vinte anos depois da morte de Dom Bosco, recordava comovido, do México, um *não* que ele, aos 18 anos e já clérigo, tinha dito ao bom Pai que queria mandá-lo como mestre de música num colégio novo. Ele me tinha convidado a acompanhá-lo sozinho dos Becchi a Gênova, e eu recusei; durante todo o passeio de Gênova a Acqui, ele me procurou de todos os modos e eu... *fugindo sempre dele*, porque não me resignava a deixar o Oratório

para ir para Lanzo; era 1864, ano da fundação [do colégio salesiano] de Lanzo. Finalmente diante de dom Modesto Contratto [capuchinho], lá em Acqui, enquanto eu contemplava aquela barba de prata, Dom Bosco me tomou pela mão e me disse: “Então, o que me respondes?”. “Esta noite em Turim lhe darei a resposta!” Mas à noite lhe respondi que não, enquanto ele, com suas próprias mãos, me preparava a cama, ali, no dormitório junto de seu aposento. Eu, porém, vendo um tal requinte de caridade, não consegui dormir de jeito nenhum; chorei toda a noite e de manhã, estando atento, apenas o ouvi que passeava no quarto, pedi para poder entrar; e entre soluços exclamei: “Mande-me para onde quiser, que não posso mais resistir!...”, e fui para Lanzo com Dom Bosco. Ele foi tão bom que, tendo depois encontrado um mestre de música, me ofereceu poder voltar a Turim; mas já tinha feito o ninho em Lanzo.²⁴⁷

Para Alberto Caviglia o caso de Miguel Magone foi também típico da pedagogia da bondade. Não teria surgido nada de grande do aluno de Carmagnola se Dom Bosco não tivesse chegado a ele pelos caminhos do amor que fizeram de sua relação sacerdotal com Magone “uma clássica experiência educativa”. Uma aplicação de sua pedagogia e de sua pastoral “preventivas”: “chegar com o próprio coração ao coração do educando”.

Magone entendeu a profundidade de seu drama interior e os horizontes de esperança que o sacerdote lhe estava proporcionando quando se sentiu deveras amado por ele e quando, por sua vez, lhe entregou seu próprio coração para que Deus o possuísse para sempre. O amor deteve o rapazinho em sua carreira sem sentido. Esse mesmo amor que depois o levou ao sacramento da Reconciliação e à alegria inefável da liberdade interior e do amor a Jesus Cristo e ao próximo.²⁴⁸

²⁴⁷ Angelo Amadei, *Don Bosco e il suo apostolato: dalle sue memorie personali e da testimonianze di contemporanei*. Turim. SEI, 1929, p. 359.

²⁴⁸ Alberto Caviglia, *Il Magone Michele...*, passim. Francis Desramaut, *La direzione spirituale*, p. 63-80 (trata de algumas destas atitudes pastorais de Dom Bosco).

Com Sabino Palumbieri, sintetizamos assim o alcance das atitudes *pedagógicas* do coração:

Dom Bosco se expressa com um sábio equilíbrio entre memória e profecia, ou seja, entre a história do rapaz, conhecida, e a intuição acerca de seu possível porvir, entre liberdade e obediência, entre sensibilidade e fortaleza, entre familiaridade e reserva, entre tenacidade e compreensão, entre humildade e utopia, entre impaciência e acomodação, entre o ideal e o pragmático, entre fé e realismo.

E sempre com uma amabilidade empregada com inteligência e, ao mesmo tempo, com a certeza absoluta de que tudo depende, também, de Deus e de sua “graça”. Porém, sempre com essa amabilidade que é o elemento que dá eficácia especial a toda intervenção educativa e pastoral, dispondo o coração do sujeito e tornando eficaz a intervenção pastoral e educativa.

O santo dos jovens, amando-os com criatividade, tira a pessoa do “outro” de seu anonimato para a autoexpressão e para o crescimento de si mesmo. E leva à experiência pessoal de Jesus Cristo, que será seu “Caminho de vida”.

Por isso, para ele, amar espiritualmente é um mistério de paternidade, o mistério da fecundidade da vida, fruto da gratuidade do amor que se entrega e se deixa sepultar, morrendo a si mesmo, para produzir, como a semente, o fruto desejado. Algo de profundo e que não se pode copiar. Mais ainda, caso se considere que, pela mediação de seu ministério eclesial, essa paternidade é uma paternidade no Espírito.²⁴⁹

²⁴⁹ Cf. Sabino Palumbieri, *Don Bosco e l'uomo*. Turim, Piero Gribaudi Editore [1988], p. 73-74.

6.3. Relação com João Calosso: episódio emblemático e estilo pastoral

Não estranhamos, então, que nos mesmos anos nos quais redigia para seus religiosos as páginas sobre o *rendiconto* nas Constituições – entendendo-o como o encontro de confiança ilimitada entre o diretor e o irmão, fruto da mesma familiaridade comunitária – escrevesse, detalhadamente e com palavras de grande intensidade emocional, as páginas de suas *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, dedicadas ao antigo relacionamento tido com João Calosso nos anos de sua adolescência.

Trata-se de breves linhas de pedagogia espiritual nas quais, sintetizando sua experiência pessoal de “filho”, de “discípulo” e de “amigo da alma” com o amado sacerdote, nos deixa os traços essenciais desse “acompanhamento” formativo que teria querido para seus filhos, de maneira tal que todos aprendessem das experiências tidas por seu pai, como literalmente escrevera na “Introdução” da obra.

Nesse relato, à bondade acolhedora e solícita do ancião responde a entrega incondicional do filho de Margarida. O encontro se torna amizade e filiação; e a vida muda por completo para João.

Experimenta agora uma inusitada alegria, é maior o rendimento em seus estudos, a segurança de um afeto paterno, do qual carecia então, apaga nele toda angústia e incerteza.²⁵⁰ Seu maior gosto será, então, o de sacrificar tudo para tratar de agradar àquele que tinha ganho dessa maneira seu coração. E, quando o sacerdote vem a falecer, não lhe interessará o capital

²⁵⁰ Ver, sobre este ponto, Gertrud Stickler, “Dalla perdita del padre a un progetto di paternità”. *Rivista di Scienze dell’Educazione* 25 (1987), p. 333-375. Ver também “A busca da paternidade e o sistema educativo de Dom Bosco”. In: Antônio da Silva Ferreira, *De olho na cidade: o Sistema Preventivo de Dom Bosco e o novo contexto urbano*. São Paulo, Editora Salesiana, 2000, p. 37-43.

[Nota do Tradutor]

que lhe deixa por herança, mas sim a perda irreparável de sua presença familiar e de sua companhia.

Coloquei-me logo nas mãos do padre Calosso, que havia poucos meses chegara àquela capelania. Abri-me inteiramente com ele. Manifestava-lhe prontamente qualquer palavra, pensamento e ação. Isso muito lhe agradou, porque dessa maneira podia orientar-me com segurança no espiritual e no temporal.

Fiquei sabendo assim quanto vale um guia estável, um fiel amigo da alma, que até então não tivera. Entre outras coisas, proibiu-me logo uma penitência que eu costumava fazer e que não era apropriada à minha idade e condição. Animou-me a frequentar a confissão e a comunhão, e ensinou-me a fazer todos os dias uma breve meditação, ou melhor, uma pequena leitura espiritual. Passava com ele todo o tempo que podia nos dias santificados. Nos dias de semana, quando possível, ia ajudar-lhe a santa Missa. A partir desse tempo comecei a perceber o que é a vida espiritual, pois antes agia de maneira um tanto material, qual máquina que faz uma coisa sem saber o por quê.

Em meados de setembro, comecei regularmente o estudo da gramática italiana, que em pouco tempo pude concluir e exercitar com oportunas redações. No Natal comecei o *Donato*; na Páscoa, traduções do latim para o italiano e vice-versa. Durante todo esse tempo não abandonei nunca os entretenimentos dominicais no Prado, ou no Estábulo durante o inverno. Qualquer fato, sentença e mesmo qualquer palavra do mestre servia para entreter meus ouvintes.

Reputava-me feliz por haver satisfeito os meus desejos, mas uma nova provação, antes um grave infortúnio deitou por terra minhas esperanças.

Padre Calosso morreu no dia 21 de novembro de 1830, de um derrame cerebral.

Rezei sempre e enquanto viver não deixarei de rezar todas as manhãs por este meu insigne benfeitor.[...]

A morte do padre Calosso foi para mim um desastre irreparável. Eu chorava desconsolado o benfeitor falecido. Acordado, pensava nele, dormindo, com ele sonhava; as coisas chegaram a tal ponto que mamãe, temendo pela minha saúde, mandou-me passar uma temporada com meu avô em Capriglio.

Tive nesse tempo outro sonho, no qual fui asperamente repreendido por haver posto minha esperança nos homens e não na bondade do Pai do Céu.²⁵¹

A estabilidade do confessor e a frequência da confissão, para poder levar adiante uma obra de apoio à pessoa, de transformação interior e de crescimento espiritual, eram também postulados e critérios que Dom Bosco, como já vimos, inculcava, deixando sempre a salvo a liberdade do penitente. Ele dizia que quem carece de um confessor fixo no qual colocar por inteiro sua confiança ainda não sabe o que é ter “um amigo da alma”.

Entre confissão e *rendiconto* se harmonizavam os mais profundos encontros formativos do pessoal salesiano com seu mestre e pai espiritual. Desde os primeiros dias do Oratório a confiança familiar e educativa inspirava estas duas relações.²⁵²

“Ninguém encontrava diferença em falar-lhe de suas coisas mais íntimas e delicadas em confissão, ou fora dela”, escreve Caviglia. Seu testemunho pessoal a respeito é muito válido e oportuno para o argumento em questão:

Quando entrei no Oratório, vi Dom Bosco, que estava confessando os jovens na sala anterior à sacristia de Maria Auxiliadora, e assim continuou em todo aquele ano, e eu estava entre aqueles. No ano seguinte (eu fazia a terceira ginásial) limitou-se aos da terceira série em diante, e eu fui daqueles; o ano seguinte (fazia, modéstia à parte, a quinta série) reduziu-se aos das últimas duas classes, e eu estava entre eles. E foi Dom Bosco que me aceitou como salesiano, e nas suas mãos depusitei a minha profissão religiosa. Conhecia-me bastante bem, e com o meu nome fazia, brincando, uma rima... que ainda não se realizou.²⁵³

²⁵¹ São João Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, p. 43, 46, 48.

²⁵² Ver testemunho do padre Rinaldi em Pietro Brocardo, *Uomo e santo Don Bosco ricordo vivo*. Roma, LAS [1990], p. 39.

²⁵³ Alberto Caviglia, *Savio Domenico e Don Bosco*, p. 85 e nota (1).

Com efeito,

Padre Alberto Caviglia foi um dos salesianos melhor dotados e de maior prestígio das gerações ainda educadas e crescidas na escola de Dom Bosco. Lendo em seu futuro, o Santo, entre sério e jocoso lhe dizia: “Caviglia, Caviglia, farás maravilhas!”, como quem diz: “Caviglia, Caviglia, se soubesses as maravilhas que vais fazer!”. Ou, também: “Caviglia, Caviglia, Dom Bosco te mostra do céu a trilha!”. Esse Dom Bosco que um dia, em confissão, chamando-lhe seriamente a atenção, enquanto simbolicamente lhe dava um puxão de orelhas, lhe disse: “... é a terceira vez que me confessas a mesma coisa!”.²⁵⁴

Dom Bosco, com a influência de Santo Afonso e com o testemunho vivo de padre Cafasso diante dos olhos, durante os anos do Colégio Eclesiástico, tinha feito da confissão um momento privilegiado para manifestar a bondade infinita de Deus, fazendo-se “pai, médico e guia espiritual” de seus penitentes.

A atenção que dava ao sacramento ficava marcada por seu estilo educativo, segundo o qual sua bondade e solicitude despertavam no dirigido atitudes afetuosas de sinceridade e obediência filial. A paternidade se tornava “amizade” e, como tal, algo que não se impunha, mas que germinava de uma relação espontânea, profunda e cheia de confiança por meio da qual Deus mesmo se comunicava com o coração sincero, inquieto e faminto de Deus dos filhos.

Era a resposta do amor divino à aspiração vocacional de Dom Bosco, que, desde os dias de sua ordenação sacerdotal na capela da Imaculada Conceição do palácio arquiépiscopal de Turim, prosseguia pedindo cada dia ao Senhor que lhe desse sempre ovelhas para esse rebanho que já desde menino lhe tinha confiado. Uma frase que todos podiam ler ao entrar em Valdocco: “Dai-me almas, Senhor, que isso me basta! O demais não me interessa!”.

²⁵⁴ Cosimo Semeraro, *Don Alberto Caviglia*, p. 10-14.

EPÍLOGO

Embora, como analisa Bruno Giordani, a solicitude de ajuda se apresente a um “pai espiritual” como uma mistura de desejos humanos e de valores sobrenaturais – porque o homem tende para Deus desde a concreta situação existencial em que está imerso –, a meta suprema e o ponto de referência específico desta relação estão na busca da Vontade de Deus que dá sentido definitivo à existência.²⁵⁵

No fundo, o itinerário de toda a vida espiritual se caracteriza e se condiciona por esse objetivo. O “diretor espiritual” é o companheiro de viagem, que ajuda a discernir essa voz do Espírito, o vigia que não deixa que se percam as metas fundamentais da caminhada; o pai, o amigo e o mestre que colabora para que os desígnios amorosos que o Senhor tem para o “penitente” ou o “discípulo” se transformem em projeto concreto de vida.

Este é o mistério profundo que se esconde em tudo o que estamos meditando. Porém, este é também o coração da proposta que, à luz do exemplo de Dom Bosco e de uma tradição secular que dele se derivou na Igreja, Deus nos quer fazer também a nós no dia de hoje.

No meio do ruído das alternativas socioculturais que nos apresenta um mundo fortemente secularizado e cheio de atrativos imediatos de bem-estar e de eficácia, discernir os *sinais dos tempos* e os chamados de Deus à pessoa, sua iluminação e seus dons, é uma empresa árdua que não podemos tentar de forma solitária e autossuficiente. Responder às grandes interrogações

²⁵⁵ Bruno Giordani; Andrea Mercatali, *La direzione spirituale come incontro di aiuto*. Brescia, La Scuola Editrice, 1984, p. 28-29, 161.

do coração sobre o sentido verdadeiro da vida num mundo em transformação e com encruzilhadas complexas e profundas tampouco é fácil!

E é sobretudo por meio desse nó de situações difíceis e ambíguas nas quais se debatem os jovens que Deus nos faz um novo e enfático chamado à responsabilidade e ao compromisso, aos que fomos chamados, com Dom Bosco, a ser evangelizadores e educadores deles para que vão crescendo na medida de Cristo como filhos prediletos do Reino.

Embora Dom Bosco tenha como centro sobretudo os jovens a partir da adolescência, que era a idade na qual *se inseriam e viviam sua vida oratoriana*, já dizia, como São Francisco de Sales, que *desde pequenos* se tinha de começar a trabalhar com eles, para que criasse vitalmente raízes em sua interioridade uma sólida experiência de fé em progressivo desenvolvimento.²⁵⁶

Ele mesmo membro de uma humilde família camponesa, radicada num desconhecido rincão rural do Monferrato, teria podido, tateando sozinho, desorientar suas perspectivas de futuro, pressionado pelas imediatas preocupações socioeconômicas que já tinham condicionado por completo o trabalho agrícola da vida de Margarida e dos irmãos, depois do prematuro falecimento do pai, em 1817. Foi, antes de tudo, a intuição educativa e religiosa dessa mulher admirável e a de pessoas que, providencialmente, estiveram a seu lado nos momentos decisivos que o ajudaram a ir, pouco a pouco, numa longa trajetória de anos, tornando clara sua vocação e os desígnios do Senhor para ele.

Escrevendo suas Memórias com a explícita intenção de que servissem de pauta para os herdeiros de sua missão na Igreja, Dom Bosco evoca os grandes traços dessa aventura espiritual, que tinha começado sob o magistério espiritual da Mãe por meio

²⁵⁶ Francis Vincent, *S. François de Sales directeur d'âmes*. 3ª ed. Paris, Beauchesne, 1923, p. 2, nota 1, citado por Eugenio Valentini, *La direzione spirituale dei giovani nel pensiero di Don Bosco*. Turim, SEI, 1952, p. 11.

de “experiências acompanhadas e vividas a seu lado com certa intensidade”, e que chegaram a ser para ele “determinantes”.²⁵⁷

Porém, ainda mais, o acompanhamento formativo é parte delicadíssima da missão educativa que como Família Salesiana nos compromete a todos, seguindo aquela paixão apostólica do Santo Fundador a que se referia padre Miguel Rua em sua “Carta Circular de 24 de agosto de 1894”, quando afirmava que tudo o que havia feito Dom Bosco tinha sido por essas criaturas carentes de afeto e de compreensão, na total entrega às quais tinha encontrado o que Deus queria de sua vida.²⁵⁸

Por outra parte, na tradição salesiana, o *rendiconto* ou “encontro pessoal” – nas Constituições das Filhas de Maria Auxiliadora²⁵⁹ –, ou seja, o *colóquio fraterno* são, depois da confissão, os momentos mais altos da paternidade e da maternidade espirituais na vida religiosa salesiana. As modalidades podem mudar e adaptar-se a diversas formas em correspondência com distintas épocas e diferentes ambientes culturais. Porém, fica viva a tradição do afeto sincero e recíproco no qual repousam a autoridade moral e a fecundidade do ministério de quem foi chamado a assumir a responsabilidade e a graça de congregar, guiar e manter unido seu rebanho; ou do agricultor, para quem cada planta é objeto de suas esperanças e seus cuidados!

Não quero que me considerem como superior, mas amigo. Não tenham medo de mim, nem algum temor; pelo contrário, tenham muita confiança em mim. Isso é o que quero, que eu desejo, que peço a vocês, como o espero de amigos verdadeiros. [...] Sejam um

²⁵⁷ Aldo Giraudo, “Gli feci conoscere tutto me stesso: aspetti dell’accompagnamento spirituale dei giovani secondo Don Bosco”. *Quaderni di Spiritualità Salesiana* 2. Roma, LAS [2004], p. 48-50.

²⁵⁸ Carta circular do Padre Miguel Rua aos Inspetores e Diretores da América, “Santificazione nostra e delle anime a noi affidate”. In: *Lettere circolari di Don Bosco e di Don Rua ed altri loro scritti ai salesiani*. Turim, Tipografia Salesiana, 1896, p. 98.

²⁵⁹ *Constituições e Regulamentos do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora*. [São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1982], art. 52, 147.

só coração! Eu estou disposto a servi-los em qualquer circunstância. Vocês se ponham de boa vontade. Sejam francos, sinceros, como eu o sou com vocês. Se algum está em perigo, que o diga a tempo e se deixe ajudar. Quem tivesse cometido uma falta, não procure escondê-la, mas remediar o mal feito.

Ajudem-me a fazer o bem a vocês, esta é a finalidade pela qual estou com vocês. Porém, sem vocês nada posso fazer. Coloquem-nos em tudo de acordo e façamos que haja entre nós verdadeira amizade e confiança.²⁶⁰

Assim falava Dom Bosco a seus filhos uma noite em agosto de 1863.

É o fato concreto que dá a identidade carismática ao superior e à superiora salesianos. Porém, inspira, assim mesmo, toda ação educativa que queira chegar à formação da fé nas pessoas.

Tanto os confessores como os que prestam o serviço de “acompanhamento espiritual” têm nestas páginas uma iluminação que lhes vem da experiência mesma do Santo Fundador, mediante a tradição do espírito original, atualizado por “uma rica experiência já secular” e pelo estudo e pela reflexão que fielmente fizeram chegar até nós.

Uma experiência e uma tradição, por sua vez, que se entroncam na mais antiga práxis eclesial certamente conhecida por Dom Bosco, que estudava com amor a história dessa Igreja. Referindo-se a ela escreveu em 10 de agosto de 1885 ao missionário salesiano José Fagnano, então residente na Patagônia, que a amasse como se ama a própria mãe.²⁶¹

As facetas de sua ação apostólica neste ministério delineiam uma vez mais em nosso pai e mestre um dos traços eclesiais mais significativos de sua espiritualidade religiosa, educativa e sacerdotal.

²⁶⁰ MB VIII, p. 503.

²⁶¹ “Nas tuas excursões ou mais breves ou mais longas não estar atento nunca a alguma vantagem temporal, mas unicamente à glória de Deus. Recorda-te bem que teus esforços estejam sempre endereçados a prover às crescentes necessidades de tua Mãe. *Mas tua Mãe é a Igreja*, diz São Jerônimo.” Carta de Dom Bosco ao padre José Fagnano, *Epistolario di S. Giovanni Bosco*, IV, carta 2557, 10 de agosto de 1885, p. 334.

A DIREÇÃO ESPIRITUAL NA *RATIO FUNDAMENTALIS* DA FORMAÇÃO E NO CAPÍTULO GERAL XXIII, DE 1990

A *Ratio* em suas duas últimas edições traz uma noção bem precisa, que se baseou na experiência e na reflexão que a Congregação foi fazendo sobre uma ininterrupta tradição espiritual que parte de Dom Bosco. Coloco-a aqui como ótica desde a qual se enfoca esse assunto e, portanto, como ponto de referência para o estudo histórico sobre a práxis do Fundador.

1. Na *Ratio* 1985

Falamos de *direção espiritual* quando o irmão, na busca da plenitude da vida salesiana, recebe um auxílio que o ilumina, sustenta e guia no discernimento da vontade de Deus para alcançar a santidade.

São múltiplas as suas formas e vários os seus graus de intensidade. Ela acrescenta ao puro conselho psicológico, a proposta dos valores evangélicos presentes em Cristo, assim como foi sentido e vivido por Dom Bosco, de maneira a levar (o dirigido) à perfeita conformidade com Cristo no espírito.²⁶²

Sobre a típica modalidade salesiana do “diálogo” ou “colóquio” com o diretor, diz o documento que é “elemento integrante da prática formativa salesiana” e uma das suas características peculiares. E que “o próprio colóquio torna-se direção espiritual,

²⁶² *A formação dos salesianos de Dom Bosco. Princípios e normas. Ratio fundamentalis institutionis et studiorum.* Roma, 1985, 2ª ed., n. 148. Citaremos sempre como *Ratio*.

quando o irmão o deseja, abre-se e confia também a sua situação de consciência”.²⁶³

2. Na *Ratio* 2000

* A noção se circunscreve ao âmbito profundo do coração do salesiano: “*A direção espiritual de consciência é um auxílio oferecido a quem está buscando a plenitude de sua vocação cristã e religiosa*”.

* Precisa que “*é um ministério de iluminação, de apoio e de guia no discernimento da vontade de Deus para atingir a santidade*”,

* que “*motiva e suscita o empenho da pessoa, estimula-a a sérias opções em sintonia com o Evangelho e confronta-a com o projeto vocacional salesiano*”.

* Qualifica-a como “*um ministério eclesial qualificado que requer do diretor espiritual*

– *equilíbrio humano e sabedoria,*

– *paternidade verdadeira,*

– *capacidade de amor gratuito,*

– *grande disponibilidade*

– *e relacionamento que inspira confiança e otimismo*”.²⁶⁴

* Seguindo uma nossa tradição carismática, elenca entre os diretores espirituais o Diretor da comunidade e o confessor, cuja ação formativa foi tantas vezes ressaltada por Dom Bosco.²⁶⁵

Nesta última versão da *Ratio Fundamental*, Dom Bosco não é só o paradigma do Diretor, do acompanhante e do amigo espiritual, mas também o *iniciador de uma escola de espiritualidade na Igreja*, segundo a mesma apreciação de João Paulo II.²⁶⁶

²⁶³ *Ratio* 1985, n. 147.

²⁶⁴ *Ratio* 2000, n. 262.

²⁶⁵ *Ratio* 2000, n. 262, 263.

²⁶⁶ Carta *Juvenum Patris*, n. 5, ACG 325, abril-junho 1988, p. 12. Ver *Ratio* 2000, n. 26, 41, 44, 62, 77-78, 80, 82, 84, 86, 99, 100, 251, 307.

3. Capítulo Geral XXIII (1990)

No que diz respeito aos jovens, diz que a direção espiritual, *juntamente com o “encontro sacramental” da reconciliação, de que é muitas vezes uma indispensável complementação*, são momentos privilegiados para a educação na fé, e que cada vez se viu sua maior importância dadas as complexas circunstâncias histórico-culturais que condicionam a vida dos jovens.

Assim mesmo, recalca sua importância para o discernimento vocacional e faz ver que o espírito e os elementos constitutivos do Sistema Preventivo levam a *um verdadeiro e sistemático acompanhamento dos jovens*.²⁶⁷

²⁶⁷ Capítulo Geral XXIII dos Salesianos de Dom Bosco, *Educar os jovens na fé*. Roma, 1960, n. 284, 174, 155, 158.

Bibliografia

- A formação dos salesianos de Dom Bosco: princípios e normas. Ratio fundamentalis institutionis et studiorum.* Roma, 1985 e 2000.
- Abba, dimmi una parola!* Edizioni Qiqajon-Comunità di Bose, 1989.
- Acta Apostolicae Sedis (AAS).* Cidade do Vaticano, Libreria Editrice Vaticana 1981.
- ALBERA, Paolo. “Don Bosco modello del sacerdote salesiano”. *Atti del Capitolo Superiore della Pia Società Salesiana* (19 de março de 1921).
- ALBUQUERQUE, Eugenio. *Espiritualidad del amor: San Francisco de Sales.* Madri, CCS, 2007.
- ALLEN, Joseph J. *La vita interiore: la direzione spirituale del cristianesimo orientale.* Aos cuidados de Aldino Cazzago. Milão, Jaca Book, 1996.
- AMADEI, Angelo. *Don Bosco e il suo apostolato: dalle sue memorie personali e da testimonianze di contemporanei.* Turim, SEI, [1929].
- Atti del Capitolo Superiore della Pia Società Salesiana [Atti del Capitolo Superiore...].*
- AUBRY, Joseph. *Escritos espirituais de São João Bosco.* São Paulo, Editorial Dom Bosco, s.d.
- BARBERIS, Giulio. *Memorie e cenni biografici del sacerdote salesiano D. Andréa Beltrami.* 2ª ed. San Benigno Canavese, Scuola Tipografica Salesiana, 1912.
- BERTETTO, Domenico [ed.]. *Discorsi di Pio XI.* Vol. II. Turim, SEI [1960].
- BRAIDO, Pietro. “Il progetto operativo di Don Bosco e l’utopia della società cristiana”. *Quaderni di Salesianum.* Roma, LAS [1882], 6.
- _____. “Tra i ‘documenti’ della storia: l’esperienza vissuta”. *Ricerche Storiche Salesiane* 1, 1982.
- _____. *Breve storia del sistema preventivo.* Roma, LAS, 1993.
- _____. *Dom Bosco, padre dos jovens no século da liberdade.* 2 vol. São Paulo, Editora Salesiana, 2009.
- _____. *Il sistema preventivo di Don Bosco.* Zurique, PAS-Verlag, 1964.
- _____. *L’esperienza pedagogica di Don Bosco.* Roma, LAS [1988].
- BROCARDI, Pietro. *Dom Bosco: profundamente homem, profundamente santo.* São Paulo, Editora Salesiana, 2005.

- _____. *Maturare in dialogo fraterno: dal "rendiconto" di Don Bosco al "colloquio fraterno"*. Roma, LAS, 1999.
- _____. *Uomo e santo, Don Bosco ricordo vivo*. Roma, LAS, 1990.
- BUCCELLATO, Giuseppe. *Alla presenza di Dio: ruolo dell'orazione mentale nel carisma di fondazione di San Giovanni Bosco*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2000.
- CABARRÚS, Carlos Rafael. *Cuaderno de Bitácora, para acompañar caminantes: guía psico-histórico-espiritual*. Desclée de Brouwer, 2000.
- Capítulo Geral 23 dos Salesianos de Dom Bosco, *Educar os jovens na fé*. Roma, 1960.
- CAVIGLIA, Alberto. "Savio Domenico e Don Bosco". In: PIA SOCIETÀ SALESIANA (ed.). *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco [...]* vol. IV, *La vita di Savio Domenico e Savio Domenico e Don Bosco: studio*. Aos cuidados de Alberto Caviglia. Turim, SEI (reimpressão), 1977.
- _____. *Conferenze sullo spirito salesiano*. [Turim] Le compagnie del Istituto Internazionale Don Bosco [1953].
- _____. *Conferenze sullo spirito salesiano*. Aos cuidados de Aldo Giraud. Turim, Centro Mariano Salesiano, 1985.
- _____. *Il Magone Michele, una classica esperienza educativa*. Turim, SEI, 1950.
- _____. *San Domenico Savio nel ricordo dei contemporanei*. Turim, LDC, 1957.
- CERIA, Eugenio. *Annali della Società Salesiana [de 1841 a 1921]*. 4 vols. Turim, SEI, 1941-1951: 779; 773; 926; 469 p.
- _____. *Il Servo di Dio Don Andrea Beltrami sacerdote salesiano*. [Roma, Esse Gi Esse, 1940].
- _____. *L'ambiente educativo dell'Oratorio nel tempo del Savio*. Turim, SEI, 1951.
- CERRATO, Natale. "Il teologo Giovanni Battista Borel". *Ricerche Storiche Salesiane* 32, 1998.
- CHENU, Marie-Dominique. "St. Thomas d'Aquin et la théologie" (1970). In: CHITTISTER, Joan. *Cual debe ser el abad o la priora*. Santander, Ediciones Sal Terrae, 1992.
- CHITTISTER, Joan. *La Regla de San Benito: vocación de eternidad, o vocación para siempre. Insights for the ages*. Bilbao, Sal Terrae, 1992.
- COLLI, Carlo. *Pedagogia spirituale di Don Bosco e spirito salesiano*. Roma, LAS, 1982.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DOS BRASIL. *Pastoral da Penitência*. Documento aprovado pela Comissão Representativa da CNBB (18-25 de outubro de 1976) e referendado pela XV Assembleia Geral (Itaici, 7-17 de fevereiro de 1977). 5ª ed. São Paulo, Edições Paulinas, 1983.
- Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales*. [Precedidas da Introdução escrita pelo Fundador São João Bosco]. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1952.

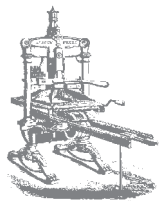
- CORONA CORTÉS, Theliam Argeo. *La pedagogía de los novísimos en los escritos de Don Bosco*. Aos cuidados de Aldo Giraudo, 2003.
- Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales (1858-1875)*. Aos cuidados de Francesco Motto. Roma, LAS, 1982.
- CRAS, Pierre. “La spiritualité d’un homme d’action: Saint Jean Bosco”. *La Vie Spirituelle* (1938).
- DACQUINO, Giacomo. *Psicologia di Don Bosco*. Turim, SEI [1988].
- DALMASES, Cândido de. *El padre maestro Ignacio*. Madri, BAC, 1982.
- DE WALCHEREN, Peter Van der Meer. *Benito de Nursia*. Buenos Aires, Ediciones Carlos Lohlé, 1955.
- DESRAMAUT, Francis. “Note sulla direzione spirituale nei tempi moderni”. In: *La direzione spirituale*. Leumann-Turim, Editrice Elledici, 1983.
- _____ “San Giovanni Bosco direttore d’anime”. In: *La direzione spirituale*, Leumann-Turim, Editrice Elledici, 1983.
- _____ *Don Bosco e la vita spirituale*. Leumann-Turim, Elledici [1969].
- El director salesiano*. Madri, CCS, 1978.
- El peregrino ruso*. 5ª ed. Madri, Editorial de Espiritualidad, 1982.
- Epiphany Journal*. “Eldership”, Sumer, 1989.
- FARINA, Rafaele. *Leggere Don Bosco oggi: note e suggestioni metodologiche*. Estratto de *La formazione permanente interpella gli istituti religiosi*. Aos cuidados de Pietro Brocardo. Turim, LDC, 1976.
- FERDER, Fran. *Palabras hechas de amistad: la comunicación humana a la luz del Evangelio y la Psicología*. Madri, Narcea Editores, 1995.
- FERREIRA Antônio da Silva, *Não basta amar...* São Paulo, Editora Salesiana, 2008.
- _____ *De olho na cidade: o Sistema Preventivo de Dom Bosco e o novo contexto urbano*. São Paulo, Editora Salesiana, 2000.
- FONTANA, Humberto. “Le intuizioni psicopedagogiche di Don Bosco”. In: *Relazione, segreto di ogni educazione*. Leumann-Turim, LDC, 2000.
- FRASSINETTI, Giuseppe. “Avviamento dei giovani nella divozione a Maria Santíssima”. In: *Opere ascetiche*, 3. Roma, 1910.
- GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. *San Ignacio de Loyola: nueva biografía*. Madri, BAC, 1986.
- GIORDANI, Bruno; MERCATALI, Andrea. *La direzione spirituale come incontro di aiuto*. Brescia, La Scuola Editrice, 1984.
- GIRAUDO, Aldo (ed.). *Conferenze sullo spirito salesiano*. Turim, Centro Mariano Salesiano, 1985.
- _____ “Gli feci conoscere tutto me stesso: aspetti dell’accompagnamento spirituale dei giovani secondo Don Bosco”. *Quaderni di Spiritualità Salesiana* 2 (Accompagnare, tra educazione, formazione e spiritualità). Roma, LAS (2004).

- _____. *Clero, seminário e sociedade*. Roma, LAS, 1993.
- HUME, G. Basil. *A la búsqueda de Dios*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1981.
- INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA (FMA). *Constituições e Regulamentos*. [São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1982].
- JOÃO PAULO II, “Carta do Sumo Pontífice no Centenário da Morte de São João Bosco”. *Atos do Conselho Geral*, 325 [1988] abril-junho.
- _____. *Reconciliatio et Paenitentia*, 31. III.
- KEBERS, Clair. *La sofferenza e la morte: come parlarne ai bambini e agli adulti*. Leumann-Turim, LDC, 1991.
- LARESE-CELLA, L. *Il cuore di don Rinaldi*. Turim, Licer Berruti & C. 1952.
- LASAGNA Mons. Luigi, *Epistolario*. 3 vols. Roma, LAS [1997-1999].
- LECLERCQ, J. “Noviziato. Nella storia della spiritualità”. In: PELLICIA, G.; ROCCA, G. *Dizionario degli Istituti di Perfezione*. Roma, Edizioni Paoline, 1980.
- LEMOYNE, Giovanni Battista. *Vita di San Giovanni Bosco*. 2 vols. Aos cuidados de Angelo Amadei. Turim, SEI [1947].
- LEMOYNE, Giovanni Battista; CERIA, Eugenio; AMADEI, Angelo. *Memorie biografiche di Don [del Venerabile - del Beato - di San] Giovanni Bosco*. 20 vols. San Benigno Canavese-Turim, 1898-1948 (edição extracomercial).
- Lettere circolari di Don Bosco e di Don Rua ed altri loro scritti ai salesiani*. Turim, Tipografia Salesiana, 1896.
- LIPOVETSKY, Sébastien Charles Gilles. *Los tiempos modernos*. Barcelona, Anagrama, 2004 (Colección Argumentos).
- LYONNET, Pierre. *Écrits spirituels*. Issoudun, Éditions de L’Epi / Laboureur et Cie. Imp., 1951.
- MARCOCCHI, Massimo. “Alle radici della spiritualità di don Bosco” (1990). In: *Don Bosco nella storia*. Roma, LAS, 1990.
- MARTÍNEZ, Mariano, *Boletines de Vida Religiosa*, 1 [1992] outubro.
- MERTON, Thomas. *Semi di contemplazione*. 7ª ed. Milão, Garzanti, 1955.
- MIDALI, Mario [ed.]. *Don Bosco nella storia*. Roma, LAS, 1990.
- MINGHELLI, Giovanni. *Meraviglioso sofferente*. Colle Don Bosco-Asti, Libreria Dottrina Cristiana [1946].
- MOLINA PIÑEDO, Ramón. *San Benito: fundador de Europa*. Madri, BAC, 1980.
- MOLINERIS, Michele. *Nuova vita di Domenico Savio*. Castelnuovo Don Bosco-Asti, Istituto Salesiano Bernardi Semeria [1974].
- NICOLAS, Jean-Heré. *Contemplazione e vita contemplativa nel cristianesimo* (1990).
- NIGG, Walter. *Benito de Nursia*. Santander, Sal Terrae.
- O diretor salesiano: um ministério para animação e governo da comunidade local* (Roma, 8 de dezembro de 1986). Tradução: Fausto Santa Catarina et al. São Paulo, Editora Salesiana.

- OLARTE, Julio. *Santidad para todos*. Bogotá, Centro Felipe Rinaldi, 1997.
- ORESTANO, Francesco. *Il Santo Don Bosco*. Cagliari, 1935.
- PAGLIARA, Giocondo. *Maestro de la contemplación*. Madri, Narcea, 1984.
- PALUMBIERI, Sabino. *Don Bosco e l'uomo*. 2ª ed. Turim, Piero Gribaudi Editore [1988].
- PELLISIER, Marcelle. *Dom Bosco*. Traduzido por Eduardo de Lima Castro. São Paulo, Melhoramentos, s.d.
- PENCO, Gregoria. *Il monachismo fra spiritualità e cultura*. Milão, Jaca Book, 1991.
- PERA, Celso. *I doni dello Spirito Santo nell'anima del Beato Giovanni Bosco* (1930).
- PERAZALEAL, Fernando. *Discernimiento, asesoría, animación y dirección espiritual*. Quito, CSRFP, 1996.
- _____ *El director salesiano y la dirección espiritual*. Cayambe-Ecuador, Abya-Yala, 1994.
- _____ *Los ejercicios espirituales: de Ignacio de Loyola a Don Bosco*. Quito, Centro Salesiano Regional, 2006.
- PORTALUPPI, Angelo. "La spiritualità del Beato Don Bosco". *La Scuola Cattolica* (1930).
- RAMBLA MIHALARET, Alberto. *Peregrinos de la intimidad con Dios*. Madri, Narcea, 1981.
- REGNAULT, Lucien. "La paternità spirituale nel deserto". In: *Vita di Antonio, apophtegmi, lettere*. Aos cuidados de L. Cremaschi. Roma, 1984.
- Regole monastiche d'Occidente*. Edizioni Qiqajon, Comunità di Bose, Magnano (VC), 1989.
- RIBADENEIRA, Pedro. *Obras completas*. Transcrição, introdução e notas de Ignacio Iparraguirre y Cándido de Pedro Dalmasas, jesuítas. Madri, BAC, 1982.
- RICHÉ, Pierre. *Éducation et culture des l'occident barbare VI-VIII^e siècles*. Paris, Éd. Du Seuil, 1962.
- _____ *Les écoles et l'enseignement dans l'Occident Chrétien de la fin du V^e siècle au milieux XI^e siècle*. Paris, Aubier Montaigne, 1979.
- RIVIER, André. *Francesco di Sales: un dotto e un santo*. Milão, Jaca Book, 1994.
- _____ *San Francesco de Sales*. Turim, LDC, 1967.
- Sacramentário*. Edição típica em tradução portuguesa para o Brasil realizada e publicada pela CNBB. São Paulo, Paulus [2003].
- SAN ROMAN, José. *Maestros de novicios*. Madri, Publicaciones Claretianas, 2000.
- SÁNCHEZ, Marcos Virgilio; CENTEN CORTÉS, Carlos. "El capellán del equipo de cuidados paliativos". *Selare* 102, 2005, março.
- SÃO BENTO, *Regula monasteriorum*.

- SÃO FRANCISCO DE SALES. *Introdução à vida devota ou Filoteia*. 8ª ed. Traduzido por Frei João José P. de Castro. Petrópolis, Editora Vozes, 1958.
- SÃO JOÃO BOSCO, *História eclesiástica para uso da juventude*. São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1960.
- _____ “Il mese di maggio consacrato a Maria SS. Immacolata”. In: GIOVANNI BOSCO, *Opere edite*, vol. X (1857-1858). Roma, LAS [1976].
- _____ “O pastorzinho dos Alpes ou vida do jovem Francisco Besuccio”. Versão do italiano. *Leituras Católicas* 496-497 [1931]. Niterói, Escolas Profissionais Salesianas, 1931.
- _____ *Epistolario* (1835-1868). 4 vols. Edição crítica aos cuidados de Francesco Motto. Roma, LAS [1991-2000] [O *Epistolario* completo é previsto em 8 volumes.]
- _____ *Epistolario di San Giovanni Bosco* (1835-1888). 4 vols. Edição crítica aos cuidados de Eugenio Ceria. Turim, SEI, 1955-1959.
- _____ *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*. Tradução de Fausto Santa Catarina. 3ª ed. revista e ampliada aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira. São Paulo, Editora Salesiana [2005].
- _____ *O jovem instruído na prática de seus deveres religiosos*. Edição fac-similar com introdução do Pe. Antônio da Silva Ferreira. Barbacena, Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, 2003.
- _____ *Seis escritos de San Juan Bosco*. Introdução, notas críticas e índice analítico de Fernando Peraza Leal.
- _____ *Vida do jovem Miguel Magone: aluno do oratório São Francisco de Sales*. 3ª ed. Niterói, Escola Industrial Dom Bosco, 1960.
- _____ *Vida do venerável jovemzinho Domingos Sávio: aluno do Oratório de São Francisco de Sales*. Niterói, Escolas Profissionais Salesianas, 1938.
- SCHEPENS, Jacques. “Don Bosco e l’educazione ai sacramenti della penitenza e dell’eucaristia”. In: MIDALI, Mario [ed.]. *Don Bosco nella storia*. Roma, LAS, 1990.
- SEMERARO, Cosimo [ed.]. *Atti del XVI und Feier in der erfahrungwel der Jugend*. Viena, agosto/1997. Leumann-Turim, LDC, 1988.
- _____ [ed.]. *La festa nell’esperienza giovanile del mondo salesiano*. Leumann-Turim, Elledici [1988].
- _____ *Don Alberto Caviglia*. Turim, SEI, 1994.
- STELLA, Pietro. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Vol. II. *Mentalità religiosa e spiritualità*. Roma, LAS, 1981.
- _____ *Don Bosco nella storia economica e sociale (1815-1870)*. Roma, LAS, 1980.
- _____ *Juan Bosco en la historia de la educación*. Madri, CCS, 1996.
- _____ *Valori spirituali nel Giovane Provveduto di San Giovanni Bosco*. Roma, 1960.

- STICKLER, Gertrud. "Dalla perdita del padre a un progetto di paternità". *Rivista di Scienze dell'Educazione* 25 (1987).
- SZUHANSKY, Emilio. *La Filocalia e la oración de Jesús*. Buenos Aires, Ed. Lúmen, 1979.
- THÉVENOT, Xavier. "Don Bosco educatore e il Sistema Preventivo: un esame condotto a partire dell'antropologia psicanalitica". In: NANNI, Carlo [ed.]. *Il Sistema Preventivo e l'educazione dei giovani*.
- TONELLI, Ricardo. *Una spiritualità per la vita quotidiana*. Leumann-Turim, Elledici, [1987].
- TRAMONTIN, Silvio. *Don Bosco e il mondo del lavoro*. MIDALI, Mario [ed.]. *Don Bosco nella storia*. Roma, LAS, 1990.
- VALENTINI, Eugenio. *Don Rinaldi maestro di pedagogia e di spiritualità salesiana*. Turim-Crocetta, Istituto Internazionale Don Bosco, 1959.
- _____. *La direzione spirituale dei giovani nel pensiero di Don Bosco*. Turim, SEI, 1952.
- VIGUERA, Valentin. *Espiritualidad salesiana: ensayo sobre la espiritualidad de San Francisco de Sales y San Juan Bosco*. Madri, CCS, 1992.
- VINCENT, Francis. *S. François de Sales directeur d'âmes*. 3ª ed. Paris, Beauchesne, 1923.
- VV.AA. *Amore del bello: studi sulla filocalia*. Magnazo, Edizioni Qiqajon, Comunità di Bose, 1991. (Com trabalhos de Tomás Spidif, Kallitos Ware, Emmanuel Lanne, Antonio Rigo, Gerhard Podskalky, Enrico Morini, Samar Kalil Samir, Michel Van Parys e Sophia Senyk.)
- VV.AA. *Mujeres que se atrevieron*. Bilbao, Desclée de Brouwer, 1998 (com contribuições de Isabel Gómez-Acebo; María Jesús Muñoz Mayor; María Teresa Pandelet; María del Mar Graña; María de Pablo-Romero; Victoria Howell; Diana Vallescar).



Esta obra foi composta pela divisão de
produção da Editora Salesiana e impressa na
gráfica das Escolas Profissionais Salesianas.